

# AS CARTAS DE CHICO XAVIER

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

CINTIA ALVES DA SILVA

AS CARTAS DE  
CHICO XAVIER

Conselho Editorial Acadêmico  
Responsável pela publicação desta obra

Alessandra del Ré  
Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira  
Arnaldo Cortina  
Cristina Martins Fargetti  
Renata Maria Facuri Coelho Marchezan  
Rosane de Andrade Berlinck

CINTIA ALVES DA SILVA

AS CARTAS DE  
CHICO XAVIER

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

**CULTURA**  
**ACADÊMICA**   
*Editora*

© 2012 Editora UNESP

**Cultura Acadêmica**

Praça da Sé, 108  
01001-900 – São Paulo – SP  
Tel.: (0xx11) 3242-7171  
Fax: (0xx11) 3242-7172  
www.editoraunesp.com.br  
www.livraria.unesp.com.br  
feu@editora.unesp.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

S579c

Silva, Cintia Alves da

As cartas de Chico Xavier: uma análise semiótica / Cintia Alves da Silva.  
São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. il.

Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7983-365-6

1. Xavier, Francisco Cândido, 1910-2002. 2. Espiritismo. 3. Espíritas – Brasil – Correspondência. 4. Obras psicografadas. I. Título.

12-9315

CDD: 133.9

CDU: 133.7

---

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

*Ao homem Francisco Cândido Xavier.*



## AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, pelo financiamento que tornou possível a minha dedicação integral à pesquisa, durante o mestrado.

A meu orientador, professor Jean Cristtus Portela, que tão bem soube dosar o rigor e a compreensão, por me dar a autonomia necessária ao fazer científico, durante todo o período em que convivemos.

À professora Renata Marchezan e à professora Elizabeth Harkot-de-La-Taille pelas contribuições e correções feitas por ocasião da defesa do mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, que, sob a coordenação da professora Rosane de Andrade Berlinck, viabilizou a publicação deste livro.

Ao professor Arnaldo Cortina, a quem agradeço por me apresentar a semiótica e ser, informalmente, meu primeiro orientador.

Ao colega pesquisador, professor Alexandre Caroli Rocha, pela interação e colaboração constantes, que me permitiram refletir e conhecer um pouco mais sobre as cartas de Chico Xavier.

A Caio Ramacciotti, que colaborou respondendo às questões acerca da edição das cartas de Chico Xavier.

A Ricardo Trad, que me auxiliou na obtenção da cópia integral dos autos do processo de Gleide Maria Dutra de Deus, aos quais foram anexadas cartas do médium.



A Paulo Bosco, divulgador espírita em Aquebogue (NY), EUA, cujo esforço em digitalizar a obra psicográfica de Chico Xavier me permitiu despendar menos tempo no trabalho de composição do cópulus de pesquisa.

À editora IDE, de Araras, SP, pelos exemplares doados no ano de 2009, antes mesmo da institucionalização da pesquisa.

Aos amigos unespianos, com os quais pude compartilhar as reflexões, as angústias e as alegrias do fazer acadêmico: Aline dos Santos, Amanda Raiz, Ana Cleide Guimbal, Henri Chevalier, Rubens Baquião e Silvia Nasser.

Aos amigos Amelio Fabbro, Carla Roberta Pereira, Clarkson de Oliveira, David Liesenberg, Mireli de Oliveira, Roque Rodrigues, Sonia Liesenberg e Wanda Gesualdo, grandes incentivadores para o desafio de lidar com um tema tão polêmico quanto instigante.

A minha mãe, pela educação e pelo estímulo que me permitiram trilhar o caminho acadêmico; a meu pai, pela presença amiga e constante; e a meus irmãos queridos, Bruna e Salvatore, que sentiram minha ausência justificada, especialmente nos períodos de escrita da dissertação.

E a Rodrigo, companheiro de todas as horas, pela compreensão e pelo amor generosamente dedicados e que tornam meu caminho sempre mais doce.

# SUMÁRIO

Prefácio 11

Introdução 17

1 As cartas de Chico Xavier: a psicografia  
epistolar como prática semiótica 29

2 A edição das cartas psicografadas 83

3 Identidade e veridicção 99

Epílogo 139

Referências bibliográficas 143

Apêndice 149

Anexos 155



# PREFÁCIO

*“Falei mas não sei se disse.”*

*Jair Presente*

Muitas décadas já se passaram desde que a Semiótica de A. J. Greimas e de seus colaboradores iniciou suas investigações pioneiras a partir da análise de textos literários e etnoliterários. Desde então, a Semiótica conheceu uma ampla gama de aplicações nos mais variados tipos de texto. Notadamente no domínio das semióticas-objeto verbais de caráter não literário, podemos encontrar análises de textos publicitários, jornalísticos, institucionais, políticos, científicos e religiosos. Em relação a estes últimos, a Semiótica, desde meados dos anos 1970, vem dando contribuições importantes à hermenêutica bíblica, como se pode perceber, por exemplo, pela grande e constante produção científica do Centre pour l'Analyse du Discours Religieux (Cadir) [Centro para a Análise do Discurso Religioso], da Universidade Católica de Lyon (França), que edita, há quase 40 anos, a revista *Sémiotique et Bible* [Semiótica e Bíblia].

A julgar pela atuação do grupo de Lyon, podemos concluir que a Semiótica, em seu projeto de investigação, que é, em essência, um

projeto rigoroso de inteligência, de compreensão objetiva do universo da significação, tem sua contribuição a dar para o estudo dos textos e discursos que se relacionam com o sensível afiançado pela crença, em suma, com a fé, este “firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem”, de que nos fala Paulo em sua carta aos hebreus (Hebreus 11:1). Essa contribuição certamente está ligada à maneira como a Semiótica tira consequências dos textos que analisa, por meio de critérios explícitos, regras do jogo bem determinadas, que procuram explicar como o homem age, avança, com suas crenças, aptidões e motivações, e como se apropria do mundo que o cerca, por operações de valoração que se inscrevem em percursos temáticos e figurativos passíveis de se manifestarem nos mais variados tempos e espaços.

Como a Semiótica, teoria da linguagem na qual o conceito cético e iconoclasta de veridicção (o ardiloso dizer-verdadeiro que produz tão somente “efeitos de verdade”) é um preceito inviolável, pode contribuir para o estudo de textos e de discursos que se ocupam justamente da construção das “verdades” da crença, “verdades” que se revelam, de modo mais ou menos explícito, em qualquer texto que se fundamente puramente no “discurso de fé” (termo, aqui, preferível a “discurso religioso”)? A aproximação da Semiótica com a fé, que nos parece tão apropriada quanto temerária, encontra uma explicação muito simples, inocente até: ainda que a fé e seu objeto sejam de ordem transcendente, intangível pela razão, ambos necessitam de uma linguagem que os manifeste e de sujeitos, terrenos e semióticos sujeitos, que os assumam. É, portanto, o “corpo” da fé, a linguagem verbal e não verbal pela qual se expressa e se apregoa a fé, que interessa à Semiótica, que, desse ponto de vista, pelas ferramentas de análise de que dispõe, está autorizada a dizer algo sobre os discursos de fé, tanto do ponto de vista da linguagem, quanto do ponto de vista de seu modo de produção e circulação em uma dada cultura, já que, para a Semiótica, “produção”, “circulação” e “cultura” são operações e construções de linguagem.

Este estudo das cartas de Francisco Cândido Xavier (1910-2002), que nos propõe Cintia Alves da Silva, atesta, com originalidade e

rigor, a qualidade e a extensão da contribuição semiótica à análise dos “discursos de fé”. Vejamos como e por que.

No âmbito teórico, o estudo conduzido por Cintia se destaca pelo modo seguro com que transita entre os conceitos clássicos da Semiótica-padrão (a Semiótica elaborada entre os anos 1960 e 1980) e os desdobramentos mais recentes da Semiótica, que são marcados pelo diálogo com a Retórica (de onde vem o conceito de *éthos*, por exemplo) e com a Estilística; e pela procura por uma teoria dos gêneros (como a proposta por J. Fontanille e utilizada pela autora) e pela abertura da abordagem puramente textual, de tipo internalista, para uma saudável extrapolação em direção à concretude dos objetos-suporte e ao universo sociocultural, ainda que isso implique sempre se manter nos limites da linguagem, sem avançar pelo arriscado “horizonte ôntico”, domínio em que reina o filósofo, mas sucumbe o semioticista.

Valendo-se das ideias de Jacques Fontanille, ainda pouco exploradas no Brasil, sobre os níveis de pertinência da análise semiótica, especialmente sobre o nível das práticas semióticas, que atuam como elemento regente das experiências “textual” e “objetal”, Cintia não se limita a analisar as cartas de Chico Xavier enquanto textos verbais acabados e fechados em si, pelo contrário, busca, de modo gradual e metodológico, nos mostrar como o texto das cartas decorre da manipulação de objetos (o papel, o lápis, a mesa) e de corpos-actantes (o médium e sua mão, seu auxiliador, a família, a audiência), que, por sua vez, estão inscritos em várias práticas de significação, todas independentes umas das outras, mas atuando em conjunto. Desse modo, depreendem-se das cartas de Chico Xavier: a prática da psicografia, que nos dá acesso à prática mediúnica, a prática da escrita propriamente dita, a prática da edição das cartas em livros, as práticas do consolo e da doutrinação, entre outras. Seguindo a teoria das práticas de J. Fontanille, a autora deste livro nos prova que o que chamamos “texto” não pode mais ser analisado como uma excrescência do universo da linguagem, como o elo perdido de um processo que não pode ser recuperado, já que tem seu lugar, entre tantos fatos do jardim da linguagem, em um processo linguageiro produtivo e de

circulação mais abrangente, que é intrínseco ao modo pelo qual o homem produz e interpreta a significação.

Se não lhe bastasse o arrojo teórico, a autora desta obra tem seguramente o mérito de ser a primeira a analisar semioticamente textos que fazem parte da prática e da doutrina do Espiritismo, doutrina de cunho filosófico-religioso fundada pelo escritor e pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), conhecido como Allan Kardec. Na cultura brasileira, a literatura espírita é um fenômeno editorial expressivo no segmento religioso, como atesta a existência de uma associação criada exclusivamente em torno do negócio do livro espírita, a Adeler – Associação de Editoras, Distribuidoras e Divulgadores do Livro Espírita. Se avaliarmos a penetração do Espiritismo no Brasil pela quantidade de adeptos declarados da doutrina (3,8 milhões, segundo o Censo do IBGE de 2012), pela quantidade de livrarias espíritas que se encontram facilmente em várias cidades brasileiras, pelo número de pessoas que leem e recomendam a nossa volta obras espíritas e pelo fato de praticamente todo e qualquer cidadão brasileiro ter ao menos uma vaga ideia sobre o que vem a ser o Espiritismo, chegamos à conclusão, intuitivamente, de que a literatura espírita é consumida – seja com finalidade puramente “literária” seja com finalidade doutrinário-espírita – em um círculo muito mais amplo do que aquele dos quase 4 milhões de praticantes e de que o Espiritismo é uma doutrina que está bem integrada à cultura popular e religiosa deste nosso Brasil de Todos os Sincretismos.

O material escolhido por Cintia Alves da Silva para análise, as cartas “consoladoras” de Chico Xavier, coloca por si só, para além da polêmica que suscita por ter sido supostamente “psicografado” por diferentes “autores espirituais” ansiosos por contato com seus entes queridos, alguns problemas práticos para o semioticista. Como constituir um *cópus* a partir desse tipo de texto? Escolhem-se textos aleatoriamente ou de um determinado período ou “autor espiritual”? Procura-se estabelecer a sucessão das cartas, da primeira para a segunda, terceira etc., ou se abre mão do enquadramento geral da narrativa, correndo o risco de não se poder reconstituir com

pertinência seu léxico e seu intrincado jogo de papéis actanciais e programas narrativos?

O presente estudo fez face a esses dilemas, baseando-se na questão fundamental que procurou suscitar: haveria traços estilísticos (lexicais, enunciativos, narrativos, figurativos, temáticos) que configurariam uma ou várias identidades discursivas (um *éthos*) nas cartas de Chico Xavier? Para satisfazer a essa questão primeira, a semioticista constituiu um *cópus* composto por dez cartas de autoria supostamente de jovens falecidos nos anos 1960 e 1970, conhecidos como Augusto César Netto, Jair Presente e Laurinho Basile. Ao optar por analisar mais de uma carta de determinado “autor espiritual” e, ao mesmo tempo, cartas de três “autores espirituais” diferentes, mas semelhantes em sua identidade actorial (jovens falecidos em um determinado período), Cintia Alves deu um passo importante na compreensão dos fatos enunciativos complexos que estão por trás da extensa epistolografia psicográfica de Chico Xavier. Essa complexidade enunciativa, que ora seleciona o léxico dos jovens, ora o do homem de meia idade letrado, que ora explora o viés afetivo e consolador, ora se esforça em inculcar, definir e defender as concepções da doutrina espírita, foi chamada pela autora deste livro de “imagem dual de enunciador” ou, simplesmente, “*éthos* dual”. Eis uma sólida contribuição da semioticista ao estudo dos “discursos de fé” e, por que não, aos estudos do discurso em geral, que preferem geralmente pensar a identidade actorial do sujeito da enunciação mais em termos de *éthos* do que de *éthe*.

Os interessados em estabelecer filiações e *pedigrees* acadêmicos, os vigilantes do Lattes, dirão que o presente prefácio decorre do juízo lisonjeiro que se destinam reciprocamente os colaboradores amistosos de uma mesma empreitada científica, cujo gesto corriqueiro é sempre da ordem da autossanção positiva. De fato, este prefaciador orientou, no Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCLAr/Unesp, a dissertação de mestrado de Cintia Alves da Silva que, em linhas gerais, deu origem a esta obra. No entanto, se partilha aqui com o leitor seu esforço de compreensão da obra que tem em mãos não é para persuadi-lo de que esta obra,



esta semioticista ou, pior, este orientador apresentam boas e bem-definidas qualidades.

Em verdade, buscamos apenas demonstrar como a Semiótica, cujo único destinador digno de nota é a Linguagem, se nos impõe como um poderoso instrumento de reflexão na e sobre a vida. É claro que a aceitação dessa “evidência” depende não somente do inteligível, mas do sensível – como já sugerimos, da fé. Chegamos, então, ao momento em que o leitor mais atento ou simplesmente irreverente farejará a ironia incômoda que nos assalta a todos, autora e prefaciador: uma Semiótica da fé, por mais cética e esclarecida que seja, exige fé na Semiótica!

*Jean Cristtus Portela*

# INTRODUÇÃO

*[...] um torpor pesado, prolongado, me invade. Serão realmente dos nomes que as assinam as páginas então produzidas? Eu não poderia responder precisamente, porque, então, a minha consciência como que dorme. De uma coisa, porém, julgo estar certo: não posso considerar minhas essas páginas porque não despendi nenhum esforço intelectual, nem ao grafá-las no papel.*

Chico Xavier, em entrevista concedida a Clementino de Alencar. *Jornal O Globo*, 11/5/1934. (Souza, 2004, p.25)

## O médium, as cartas, as polêmicas

Considerado o maior país espírita do mundo, com cerca de 3,8 milhões de adeptos (IBGE, 2012) e 20 milhões de “simpatizantes” (Frutuoso, 2009), o Brasil assiste hoje ao surgimento de uma série de produções culturais nessa temática, compreendendo o cinema, o teatro e a televisão, numa tendência nitidamente intensificada após o centenário de Francisco Cândido Xavier (1910-2002), o “médium” Chico Xavier, como ficou popularmente conhecido.

Denominada pelos veículos de imprensa de “onda espírita” (Onda, 2010), essa tendência revela a dimensão de um fenômeno que, mais do que meramente religioso, desdobra-se em repercussões culturais e editoriais. É preciso, entretanto, reforçar a existência de um movimento reverso: tais produções, baseadas, em sua maioria, em best-sellers espíritas, a exemplo de *Nosso lar* (1944) – cuja vendagem atingiu os 2 milhões de exemplares – arrebataram um público leitor de uma já consagrada “literatura espírita”, estabelecida há várias décadas no mercado editorial brasileiro.<sup>1</sup>

Não é por acaso que praticamente todas as produções cinematográficas e televisivas levadas a público a partir de 2010 foram baseadas em obras escritas por Chico Xavier. Principal referência do espiritismo<sup>2</sup> no Brasil, Xavier escreveu mais de 460 livros (Geem, 2012) ao longo de seus 92 anos de vida, ultrapassando a marca de 50 milhões de exemplares vendidos (Sousa, 2010), cujos direitos autorais foram inteiramente doados, em cartório, para instituições de caridade (Souto Maior, 2003) e editoras espíritas.

Distinguindo-se tanto pela extensão quanto pela diversidade de gêneros e estilos, a produção bibliográfica de Chico Xavier é constituída de romances, poemas, contos, crônicas, ensaios, apólogos, mensagens doutrinárias, entre outros, entre os quais destacamos, para este estudo, as “cartas familiares”<sup>3</sup> ou particulares, também

---

1 A literatura espírita figura entre os segmentos editoriais que mais crescem na atualidade: “De acordo com a Associação das Editoras, Distribuidoras e Divulgadoras do Livro Espírita (Adeler), em 2008 o aumento registrado foi de 15%, com 10 milhões de exemplares vendidos e mais de 10 mil títulos. As obras campeãs foram *Nosso lar*, de Chico Xavier, *Vencendo o passado e Onde está Tereza*, ambas de Zíbia Gasparetto. Com os livros, a psicografia ganhou visibilidade” (Frutuoso, 2009, p.59).

2 O espiritismo (ou doutrina espírita) surgiu em 1857, com a publicação de *O livro dos espíritos* pelo educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo de Allan Kardec. É também conhecido, no Brasil, como “kardecismo” ou “espiritismo kardecista”, em alusão a seu criador.

3 O termo “cartas familiares” é aqui utilizado para designar os textos psicográficos normalmente direcionados a pais, filhos e cônjuges enlutados, escritos por Chico Xavier durante mais de duas décadas, em sessões de psicografia que o médium promovia, semanalmente, na Comunhão Espírita

chamadas de “cartas consoladoras”, no meio espírita. Segundo Chico, as cartas, tanto quanto os livros, não lhe pertenciam, uma vez que ele mesmo nada havia escrito. “Eles escreveram”, afirmava. Referia-se aos “autores espirituais”, a quem atribuía toda a sua obra.

Declarações controversas como essa somadas a episódios notórios envolvendo a escrita de Chico Xavier colaboraram para a popularização da psicografia<sup>4</sup> no Brasil, bem como para a circulação de uma ideia comum entre os adeptos do espiritismo: a de que o médium era fiel ao estilo dos espíritos que, por meio dele, comunicavam-se, tornando supostamente possível a identificação de autores espirituais por meio de expressões e formas de dizer que teriam utilizado enquanto vivos.

Longe de ser uma construção recente, tal discurso remonta ao lançamento do primeiro livro de Xavier, o *Parnaso de além-túmulo*, de 1932, uma antologia de 259 poemas atribuídos aos espíritos de 56 autores brasileiros e portugueses. O livro, recebido com estardalhaço pelo meio literário da época, colocou em pauta o pastiche (imitação do estilo de um dado autor) como explicação para a origem dos poemas, suscitando declarações de membros da Academia Brasileira de Letras a respeito da escrita de Chico Xavier, a exemplo de Agrippino Grieco e Menotti Del Picchia. Críticos e escritores dividiam-se entre a hipótese de Chico tratar-se de um habilidoso pastichador ou de haver uma razão transcendental que permitisse explicar o fenômeno (Rocha, 2001).

O assombro diante da antologia escrita pelo jovem Francisco Cândido não era sem razão. O domínio de estilos e temáticas que exibía em sua escrita mostrava-se absolutamente incoerente com

---

Cristã (até maio de 1975) e no Grupo Espírita da Prece, Uberaba, MG. Na doutrina espírita, essas cartas particulares também são conhecidas como “cartas consoladoras” ou “mediúnicas”.

4 A psicografia refere-se ao processo de escrita que ocorreria pela influência de um espírito sobre um médium (Kardec, 2007) ou intermediário de mensagens e revelações advindas de um plano imaterial, transcendente. A despeito da acepção original do termo, este trabalho concebe a psicografia enquanto prática de cunho religioso que tem no texto psicográfico seu produto cultural imediato.

sua origem humilde e seu baixo nível de escolaridade (cursou apenas o ensino primário). Nascido em Pedro Leopoldo (MG) – uma localidade em que não havia sequer uma biblioteca – e submetido a uma exaustiva carga de trabalho desde a infância, primeiro em uma fábrica de tecidos e, em seguida, como caixeiro de armazém, Chico Xavier despertava a perplexidade de todos ao declarar que os poemas eram escritos por seu intermédio, sem qualquer esforço intelectual (Xavier, 2006, p.35).

Poucos anos depois, em 1944, outro caso intrigante marcou a trajetória do médium mineiro. A família do cronista Humberto de Campos, membro da Academia Brasileira de Letras, após a publicação do quinto livro<sup>5</sup> atribuído ao escritor falecido, moveu uma ação declaratória contra Chico Xavier e a Federação Espírita Brasileira (FEB). Segundo Rocha (2008, p.94),

[...] a ação pedia que a Justiça examinasse a hipótese espírita, através de todas as provas científicas possíveis, e declarasse se o autor dessa obra literária era ou não o “Espírito de Humberto de Campos”. Se a conclusão fosse negativa, requeriam-se a apreensão dos exemplares em circulação e as devidas punições aos responsáveis pelos livros. Se positiva, requeria-se uma decisão quanto aos direitos autorais da obra mediúnica: se pertenceriam à família do escritor ou à FEB.

O caso teve o seu desfecho no mesmo ano, quando o juiz, João Frederico Mourão Russell, considerou improcedente a ação movida, caracterizando-a como “mera consulta”, já que não era possível à justiça declarar a existência ou não de relações jurídicas hipotéticas. Seus principais argumentos eram de que os direitos civis cessavam a partir da morte do indivíduo e seus direitos autorais transferíveis aos sucessores limitavam-se às obras escritas em vida.

---

5 Os livros atribuídos ao escritor Humberto de Campos, até o ano de 1944, são: *Crônicas de além-túmulo*; *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*; *Novas mensagens*; *Boa nova* e *Reportagens de além-túmulo* (Rocha, 2008).

O impacto do “caso Humberto de Campos” foi evidente ao longo do processo, narrado em detalhes no livro *A psicografia ante os tribunais* (1944) pelo advogado Miguel Timponi, contratado pela FEB para defender Xavier nessa ocasião. Mais recentemente, em 2008, o caso foi objeto de estudo da tese de doutorado *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*, de Alexandre Caroli Rocha.<sup>6</sup>

Não menos polêmicas, as cartas familiares, sobre as quais nos debruçamos neste estudo são atribuídas não a nomes consagrados da literatura, tão próprios da primeira fase<sup>7</sup> da obra psicográfica de Chico Xavier, mas a pessoas comuns – jovens, em sua maioria. Destinadas, mais frequentemente, a pais e cônjuges desolados pela perda de seus entes queridos, tais cartas foram escritas por Chico Xavier durante mais de duas décadas em sessões públicas promovidas, semanalmente, na Comunhão Espírita Cristã (até maio de 1975) e no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba (MG).

Esse período de sua produção psicográfica ficou conhecido como “fase consoladora” e se estendeu dos anos de 1970 a 1990. Marcado pela publicação de livros de “mensagens psicografadas”, como eram chamadas as compilações de cartas familiares, esse período assinalou uma mudança substancial nas temáticas e na linguagem da escrita de Xavier, dando origem a uma “literatura de consolação” (Stoll, 2003, p.121).

Assim, o interesse pelas cartas de Chico Xavier não se circunscreveu apenas aos familiares enlutados que se dirigiam a Uberaba em

---

6 Tese de doutorado em Teoria e História Literária, defendida na Unicamp no ano de 2008.

7 Stoll (2003) descreve a obra psicográfica de Chico Xavier em três fases. A primeira fase caracteriza-se pelas produções que abordam a doutrina espírita por um prisma essencialmente “moral”, com o predomínio de poemas, crônicas e romances; a segunda seria a fase “científica”, que vai de 1959 ao início da década de 1960, e cujas obras mais importantes são *Mecanismos da mediunidade* e *Evolução em dois mundos*, ambas atribuídas ao espírito André Luiz; a terceira fase refere-se à produção psicográfica de Xavier ocorrida a partir de 1970, compreendendo as mensagens doutrinárias e as cartas familiares, que tomamos como objeto de pesquisa no presente estudo.

busca de conforto espiritual, estendendo-se também a um público leitor menos erudito, mas bastante ávido por sua integração a uma “cultura literária espírita” (Lewgoy, 2000, p.215). Lidas ainda hoje, as cartas familiares foram compiladas em mais de uma centena de livros, muitos dos quais vêm sofrendo contínuas reedições nos últimos trinta anos.

As cartas do médium mineiro ganharam destaque na imprensa nas décadas de 1970 e 1980, quando foram levadas aos tribunais, em quatro casos de repercussão internacional, aparentemente os únicos na história da justiça. Aceitas como prova documental, as cartas atribuídas a vítimas já mortas foram utilizadas para provar a inocência de réus acusados de homicídio nos estados de Goiás, Mato Grosso do Sul e Paraná, entre os anos de 1976 e 1982. Apresentadas à justiça, em três dos casos, pela família das vítimas, tanto para comporem os autos, corroborando a versão dos réus sobre sua suposta inocência, quanto para interromperem o andamento dos processos, as cartas mostraram-se elementos decisivos nas sanções aplicadas (Bastos, 2010; Garcia, 2010).

## Por que cartas psicografadas?

Objetos de polêmica, as cartas de Chico Xavier foram investigadas pela primeira vez em 1974, por uma equipe da Associação Médico-Espírita de São Paulo (AME-SP), sob a coordenação de Paulo Rossi Severino. A pesquisa foi compilada no livro *A vida triunfa* (1992), que apresenta e analisa estatisticamente 45 “cartas-mensagens” (Severino, 1992), apontando as evidências que poderiam demonstrar a veracidade das informações contidas nas cartas do médium.

De maneira que a investigação pudesse ser feita com maior objetividade e isenção, a equipe da AME-SP procedeu a uma análise comparativa das informações coletadas nas cartas e em questionários aplicados às famílias que as recebiam, com a utilização de computadores. Como resultado, foi possível constatar a existência,

no material analisado, de diferentes formas pelas quais cada “autor espiritual” se faria identificar: estilo peculiar, palavras, frases características, gírias que teriam sido empregadas pelas pessoas quando vivas e confirmadas pelas famílias, entre outras (*ibidem*). Esse estudo não acadêmico nos forneceu algumas questões pertinentes, sob o ponto de vista da linguagem, uma vez que tais cartas, como produtos de uma prática semiótica, possuem mecanismos diferenciados, próprios da esfera a que pertencem.

Desse modo, neste trabalho, tomamos a carta psicografada, enquanto gênero, como objeto privilegiado de estudo, buscando examinar a recorrência ou não dos elementos estilísticos apontados pela pesquisa da AME – os quais acreditamos serem perceptíveis somente na totalidade de um conjunto de discursos – na *epistolografia psicográfica*<sup>8</sup> de Chico Xavier. O exame dessas recorrências visa, entre outras coisas, a compreender como se constituem as diversas identidades manifestadas em sua epistolografia, de forma a constatar se apresentam marcas claras de autonomia/individualidade.

A escolha pelo texto epistolar psicográfico como tema de uma pesquisa acadêmica, ainda que pouco convencional, dá-se em razão da emergência de novos olhares sobre um objeto semiótico praticamente inexplorado, mas de grande impacto sociocultural e editorial no contexto brasileiro.

No Brasil, é possível apontar um aumento no número de pesquisas de temática espírita, particularmente na última década, o que pode ser confirmado pelo estudo de Milani (2008), sobre o perfil da produção acadêmica brasileira. Esse estudo constatou um crescimento considerável no número de pesquisas que envolviam temas como espiritismo e mediunidade, principalmente a partir do ano de

---

8 Por “epistolografia psicográfica”, entendemos o conjunto de cartas escritas por Chico Xavier no contexto da prática psicográfica, tomada enquanto manifestação social de cunho religioso. O termo pretende simplesmente classificar o material que compõe o *córpus* da pesquisa, evitando qualquer discussão sobre a presumida veracidade da psicografia e de suas manifestações.



1995.<sup>9</sup> Apesar dessa constatação, é possível perceber que a área de Letras apresenta ainda poucos estudos de temática espírita. Entre eles, destacam-se as pesquisas de Lignani (2000) e Rocha (2001, 2008), ambas na área de Teoria e História Literária.

## O córpus e os objetivos

Este estudo tem como objeto as cartas familiares de Chico Xavier publicadas entre os anos de 1974 e 1980 e selecionadas em sua epistolografia psicográfica por critério de representatividade,<sup>10</sup> para o qual consideramos suas autorias espirituais mais recorrentes. Por esse critério, chegamos ao número de seis autores e, entre eles, decidimos investigar os três que apresentavam, entre si, a maior semelhança de estilos e léxico: Augusto César Netto, Jair Presente e Laurinho Basile. As cartas foram extraídas dos livros *Entre duas vidas* (1974), *Jovens no além* (1975), *Somos seis* (1976) e *Gaveta de esperança* (1980).

A escolha por essa forma de segmentação do córpus pareceu-nos mais apropriada do que a mera seleção de autorias marcadamente distintas, recorte esse que, embora mais simples, tenderia a reafirmar o que já se diz comumente sobre a produção psicográfica de Xavier: que nela cada autor espiritual se faria identificar por

---

9 Consultando a base eletrônica da Capes, Milani verificou que, dos cinquenta trabalhos de mestrado e doutorado realizados sobre o tema até o ano de 2006, 48% estavam vinculados a instituições de excelência, como USP (20%), PUC-SP (12%), Unesp (8%) e Universidade Federal de Uberlândia (8%). Ligadas, em sua maior parte, a programas de pós-graduação nas áreas de História, Ciências da Religião, Educação e Antropologia, tais pesquisas frequentemente abordavam temas como ações sociais (16%), obras psicografadas (16%) e princípios doutrinários (16%).

10 O *Dicionário de Semiótica* (Greimas; Courtés, 2008, p.420) define representatividade como o critério de escolha de um córpus que permite ao descritor satisfazer ao princípio de adequação sem que se submeta à exigência da exaustividade, podendo ser obtida tanto por amostragem estatística quanto por saturação do modelo.

um “estilo próprio” que o distinguiria de outros. Ao optarmos por autores espirituais semelhantes, possibilitamos a comparação de seus estilos e léxico, sim, mas também de suas formas de constituição enquanto identidades manifestadas na epistolografia psicográfica de Xavier.

Nosso *cópus* de pesquisa é composto de *dez cartas psicográficas* atribuídas aos três autores espirituais mais recorrentes na epistolografia de Xavier. Delas, nove se prestarão ao estudo da identidade do ator autor-espiritual (três cartas por autor) e uma ao estudo da prática de edição.

Assim, o objetivo geral deste livro é compreender, do ponto de vista semiótico, como se dá a construção dos diversos *éthe* manifestados na epistolografia psicográfica de Chico Xavier, concebida enquanto prática semiótica.

Os objetivos específicos incluem (a) analisar o funcionamento dos mecanismos enuncivos e enunciativos envolvidos na construção da identidade do enunciador; (b) identificar os principais *éthe* que se manifestam no *cópus*; (c) observar se há ou não coerência na totalidade discursiva – e, conseqüentemente, na construção da autoria<sup>11</sup> ao longo de intervalos temporais maiores ou menores no *cópus* selecionado; e (d) demonstrar como a configuração semiótica da carta psicografada concorreria para caracterizá-la como um tipo de texto em particular, diferenciando-o dos demais textos epistolares.

## Metodologia

De modo a atingir os objetivos propostos, adotamos como base teórica os pressupostos da Semiótica da Escola de Paris, preconizada por A. J. Greimas e seus colaboradores. Também conhecida como Semiótica greimasiana, essa perspectiva teórica privilegia o sentido ao trabalhar com a dimensão linguística do texto – superior à da frase –,

---

11 Concebemos a autoria como o efeito de sentido de identidade produzido por um dado enunciador.

tomando-o por objeto. Entre suas maiores contribuições estão o desenvolvimento de um aparato teórico e prático para a análise e a descrição dos processos de construção de sentido do texto verbal, partindo de seu plano do conteúdo: o *percurso gerativo do sentido*.

Concebido como um modelo de apreensão do sentido, o percurso gerativo é constituído por sucessivos níveis, que variam do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto, englobando: o nível *fundamental*, em que a significação se dá por oposições semânticas mínimas, a partir das quais se manifesta o discurso; o nível *narrativo*, no qual a narrativa se organiza com base no ponto de vista do sujeito, em sua busca pelo objeto; e o nível *discursivo*, mais superficial, próximo da manifestação textual, no qual o percurso do sujeito adquire consistência de discurso, projetando as categorias de ator, espaço e tempo (Greimas; Courtés, p.232-5, 2008).

Sob a perspectiva semiótica, o texto é visto tanto como “objeto de significação, quanto como “objeto de comunicação”, sendo sempre o fruto de uma interlocução que o faz adquirir sentido na medida em que é dirigido de um sujeito destinador para um sujeito destinatário (Cortina, 2006, p.27). Esse olhar sobre o texto envolve, assim, a análise dos procedimentos de organização textual e dos mecanismos enunciativos envolvidos em sua produção e ulterior recepção.

Além dos pressupostos teóricos que fundamentam a Semiótica-padrão, consideramos, também, contribuições pós-greimasianas, entre as quais se situam os trabalhos de Jacques Fontanille, que adotamos como referência para o estudo dos níveis de pertinência e das práticas semióticas. Outro ponto fundamental para o intento de compreender o objeto “carta psicografada” reside no estudo da configuração do gênero epistolar, em sua organização e funcionamento, sem deixar de levar em conta a perspectiva da semiótica francesa sobre o objeto “carta”.

Os procedimentos metodológicos de que fizemos uso na análise do cópuz derivam exatamente desse referencial teórico, que se nos apresenta como um caminho mais sólido e produtivo frente ao caráter “movediço” de um objeto intrinsecamente híbrido. Entre os conceitos que orientaram as análises, estão os de *práticas semióticas*, *contrato*

*fiduciário, presença* e as relações entre *éthos* e *estilo*. Tais noções foram escolhidas com base nas análises iniciais das cartas de Chico Xavier (realizadas de forma mais detalhada), que nos forneceram estratégias de segmentação relevantes para as análises posteriores.

Este livro está, assim, organizado em três capítulos:

No capítulo 1, intitulado “As cartas de Chico Xavier: a psicografia epistolar como prática semiótica”, tratamos das cartas em sua problemática e repercussões, considerando seu impacto cultural e editorial; definimos os conceitos que orientaram nossas discussões e análises; apresentamos a perspectiva da Semiótica francesa sobre o objeto “carta”; e descrevemos a configuração e o funcionamento do texto epistolar psicográfico, de forma a caracterizá-lo e a defini-lo enquanto produto de uma prática semiótica.

No capítulo 2, “A edição das cartas psicografadas”, relatamos o processo de edição das cartas de Chico Xavier, abordando a interpretação, a persuasão, a manipulação e o estabelecimento de contratos decorrentes do “olhar do editor” sobre esse objeto.

No capítulo 3, “Identidade e veridicção”, apresentamos a análise da construção das autorias espirituais na epistolografia psicográfica de Xavier, evidenciando suas recorrências e a coerência na totalidade discursiva; a produção de efeitos de “verdade” no estabelecimento de contratos; as formas de manipulação do enunciatário pelo enunciador; entre outros mecanismos envolvidos na organização e funcionamento desses textos.

No “Epílogo”, recuperamos as contribuições deste livro para a compreensão do texto epistolar psicográfico, apontando seus possíveis desdobramentos.



# 1

## AS CARTAS DE CHICO XAVIER: A PSICOGRAFIA EPISTOLAR COMO PRÁTICA SEMIÓTICA

*As cartas dos mortos para suas famílias – as chamadas “mensagens particulares” – assombram os céticos, consolam pais em desespero após a morte dos filhos e dividem opiniões. Se a escrita mediúnica de poemas, crônicas e romances é um terreno movediço, a psicografia de mensagens particulares é um terreno minado.*

Marcel Souto Maior, em *Por trás do véu de Ísis*.

### As cartas, sua problemática e suas repercussões

Embora sejam mais comumente associadas à chamada “fase consoladora” da obra de Chico Xavier, as cartas familiares acompanharam toda a produção psicográfica do médium,<sup>1</sup> tendo sido

---

1 Francisco Cândido Xavier é conhecido, popularmente, como “o médium Chico Xavier” ou “o médium mineiro”. Por vezes, iremos nos referir a ele utilizando o epíteto que o tornou célebre sem, no entanto, discutirmos a veracidade ou não da fenomenologia espírita, o que não cabe, absolutamente, a esta pesquisa. Acreditamos que esta escolha não comprometa o direcionamento de nossa investigação, uma vez que outros estudos, a exemplo de Lewgoy (2000), Rocha (2001; 2008) e Stoll (2003), adotaram

compiladas e publicadas, pela primeira vez, em 1951, no livro *Páginas do coração*,<sup>2</sup> atribuído ao espírito “Irmã Candoca”. O título, no entanto, passou quase despercebido entre os outros que compunham, à época, a já significativa produção psicográfica de Xavier, muito provavelmente pelo caráter particular de suas “mensagens”, como eram denominadas.

Somente depois de quarenta anos de dedicação à psicografia, em julho de 1967, Chico Xavier passou a escrever as cartas em sessões públicas, diante de uma multidão que testemunhava, atônita, o recebimento de mensagens dos “mortos” a suas famílias. Aos 57 anos, Chico iniciava a fase mais exaustiva de sua trajetória. Manteria, por mais de duas décadas, o contato contínuo com a dor de famílias que buscavam, desesperadamente, por notícias de seus entes queridos (Souto Maior, 2004).

Com o passar do tempo, o número de pais, esposos e filhos que, em caravanas ou sozinhos, rumavam para Uberaba (MG), na esperança de obterem uma carta psicografada, aumentara significativamente. Hamilton Ribeiro, então repórter da revista *Realidade*, afirmava que, no ano de 1971, o número de pessoas que procuravam Chico Xavier chegou a dobrar, especialmente depois de sua participação no programa *Pinga Fogo*, da TV Tupi, em duas ocasiões. Nas noites de 28 de julho e 21 de dezembro de 1971, Chico foi entrevistado por repórteres e intelectuais da época, respondendo às perguntas mais diversas, que envolviam desde princípios doutrinários até temas controversos – cremação, pena de morte, aborto, a Guerra do Vietnã, a chegada do homem à Lua, entre outros – sob o ponto de vista espírita. Sucesso de audiência, o programa foi exibido em São Paulo e, logo depois, em outros estados, fazendo que o episódio ganhasse “uma nova dimensão na esfera pública, alcançando consideração de leitores e também de telespectadores” (Fernandes, 2008, p.58).

---

semelhante estratégia, nas diversas áreas em que se inserem, sem que seus trabalhos sofressem prejuízo em relação aos critérios de cientificidade.

2 *Páginas do coração* (1951) foi o quadragésimo terceiro livro escrito por Xavier.

Em 1974, é lançado o livro *Entre duas vidas*, coletânea de cartas particulares organizada por Elias Barbosa, um dos principais editores da produção epistolar de Xavier. A obra é o marco de um período que ficou conhecido, na produção psicográfica do médium, como “fase consoladora”, e que se estendeu das décadas de 1970 a 1990.

No ano de 1975, o Grupo Espírita Emmanuel (Geem) publica *Jovens no além*, um *best-seller* entre os livros de gênero epistolar, que chegou à tiragem de 173 mil exemplares em 2010. Em 1976, o mesmo grupo lança *Somos seis*, com semelhante sucesso editorial.<sup>3</sup> Ambos os livros apresentavam cartas familiares, seguidas de comentários do editor Caio Ramacciotti, que traçava o perfil biográfico de cada falecido, detalhando informações e contextualizando situações consideradas relevantes para a compreensão das cartas selecionadas. A essas obras, seguiram-se cerca de uma centena de títulos, publicados ao longo de vinte anos.

A publicação de livros de “mensagens psicografadas”, como muitos denominavam as compilações de cartas familiares, evidencia uma importante modificação na escrita de Chico Xavier, tanto na linguagem quanto nas temáticas adotadas. De acordo com Lewgoy (2000, p.213-4),

As temáticas do sexo livre, da juventude e das drogas passam a ganhar espaço em seus escritos e a linguagem fica mais leve e direta, com parágrafos mais curtos e sintéticos. Acompanhando o espírito de reestruturação editorial da linguagem por que passou a indústria do livro a partir dos anos 70, especialmente com *Jovens no Além* (1975) e *Somos Seis* (1976), a linguagem dos escritos assinados pela mediunidade de Chico modifica-se na direção dos novos padrões

---

3 Segundo informações que nos foram fornecidas em entrevista pessoal (Apêndice A) pelo editor Caio Ramacciotti, do Geem, *Jovens no além* e *Somos seis* são os dois livros mais vendidos entre os de gênero epistolar. O primeiro alcançou, em 2010, a tiragem de 173 mil exemplares, e o segundo atingiu os 124 mil exemplares. Logo em seguida, estão os livros *Adeus solidão*, *Viajaram mais cedo* e *Vida no além*, com tiragens que vão de 35 mil a 36 mil exemplares.



do público leitor, curioso pelas respostas do espiritismo às questões que emergiam. Sem pretender extrair conclusões taxativas apenas a partir da evolução cronológica, pode-se com toda a certeza afirmar que essas mudanças sinalizam uma nova relação do espiritismo com o público leitor.

A essa mudança na orientação editorial da produção psicográfica de Chico Xavier se deve, em grande parte, à ampliação de seu público leitor, mais popular, em relação ao da primeira e segunda fases de sua obra, mas não menos ávido por sua integração a uma “cultura literária espírita” (Lewgoy, 2000, p.215). Das cerca de cem obras epistolares do médium, muitas delas vêm sofrendo sucessivas reedições nos últimos trinta anos, comprovando que o interesse pelas cartas familiares – a despeito de seu caráter “particular” – não se restringiu às famílias enlutadas, sendo lidas ainda hoje.

Vale ressaltar que a carta psicográfica ocupa um lugar de destaque entre as práticas letradas que organizam e atualizam a doutrina espírita no Brasil (como veremos mais detalhadamente na seção “Psicografia: a prática semiótica e sua configuração”). Muitas instituições espíritas, por exemplo, foram fundadas por pais e familiares que, ao receberem cartas atribuídas a seus entes queridos, decidiram se dedicar a atividades assistenciais como forma de superar o luto. Sobre o papel das cartas familiares na difusão do espiritismo no país, Carlos Baccelli (2010, p.298), um dos biógrafos de Chico, comenta:

A partir desses comunicados mediúnicos, o Espiritismo ganha um novo impulso, com centenas de instituições espíritas sendo fundadas em todo o país. É que os familiares encarnados, convencidos das realidades da sobrevivência do espírito, voltam às suas cidades de origem e começam a criar núcleos de trabalho assistencial, homenageando a memória dos seres amados que pranteavam. [...] Começam a surgir, aqui e ali, além e alhures, centros espíritas, creches, lares para idosos, albergues, escolas, cursos profissionalizantes, tarefas de amparo a gestantes etc.

Cada carta psicografada cumpriria, portanto, duas funções básicas: atenuar a dor das famílias e difundir lições fundamentais da doutrina espírita (Souto Maior, 2004, p.32-3). O exame geral das cartas familiares de Xavier nos permite observar a reiteração das noções mais básicas do espiritismo, tais como a imortalidade do espírito e sua evolução através dos tempos; a aceitação e a superação das dores e dificuldades como meio de aprendizado; e a concepção da morte como libertação – sempre mais fácil quando a família converte seus sentimentos de culpa e revolta em calma e resignação.

Mas, extrapolando a esfera religiosa, em que se insere a prática psicográfica, é possível afirmar que as maiores polêmicas envolvendo as cartas de Chico Xavier se deram, sem dúvida, na esfera jurídica. Em quatro casos de repercussão internacional, cartas atribuídas a vítimas já mortas foram utilizadas para provar a inocência de réus acusados de homicídio nos estados de Goiás, Mato Grosso do Sul e Paraná, entre os anos de 1976 e 1982. Esses casos guardam semelhanças significativas entre si: todos eles envolveram o homicídio de jovens por armas de fogo e a afirmação de não intencionalidade por parte dos réus. Apresentadas à justiça, em três dos casos, pela família das vítimas, tanto para comporem os autos, corroborando a versão dos réus sobre sua suposta inocência, quanto para interromperem o andamento dos processos, as cartas de Xavier mostraram-se elementos decisivos nas sanções impostas.

Além das repercussões na imprensa da época, as cartas de Chico Xavier motivaram a realização de dois estudos não acadêmicos, os quais objetivavam investigar a escrita do médium, na busca por indícios que pudessem comprovar a autenticidade das informações presentes em suas cartas familiares.

A primeira investigação, realizada em 1974 por uma equipe da Associação Médico-Espírita de São Paulo (AME-SP), então coordenada por Paulo Rossi Severino, analisou estatisticamente 45 “cartas-mensagens” (Severino, 1992) escritas por Chico Xavier, indicando as evidências que pudessem demonstrar a veracidade das informações nelas contidas. A fim de conferir maior isenção e objetividade à investigação, a equipe optou por realizar uma análise

comparativa, com a utilização de computadores, das informações coletadas nas cartas, bem como das obtidas por meio de questionários aplicados aos familiares dos mortos. Ao final do estudo, a equipe pôde constatar, no material analisado, a existência de diferentes formas pelas quais cada “autor espiritual” se faria identificar: *estilo peculiar, palavras, frases características e gírias* que teriam sido empregadas pelas pessoas enquanto vivas e confirmadas pelas famílias, entre outras (ibidem). Além desses elementos, a pesquisa apontou, também: a presença de assinaturas idênticas aos dos falecidos (em 35,6% dos casos); referências a nomes de familiares, acompanhados dos graus de parentesco; e descrições de situações de conhecimento restrito (fatos compartilhados apenas entre um parente e o ente falecido, supostamente desconhecidos do médium). Sobre a linguagem, especificamente, Severino (idem, p.268-9) e sua equipe comentam:

À medida que a pesquisa avançou, porém, constatamos uma grande riqueza de informações específicas que destacaram com nitidez as personalidades comunicantes. Jair Presente (caso nº 2) expressa-se em gíria, muito própria de sua geração. Os familiares reconheceram o estilo peculiar (42%) dos comunicantes e identificaram palavras (55,6%) e frases (40%) características. Há, ainda, dados mais autênticos como nos casos de expressão em língua estrangeira, a xenoglossia psicográfica. Ilda Mascaro Saullo (caso nº 26) escreveu em italiano, de forma correta e em estilo próprio, tendo seu filho reconhecido, inclusive, a sua assinatura como autêntica. Roberto Muszkat (caso nº 33) escreveu em português, mas utilizou palavras e frases em hebraico. Para ler a mensagem final da reunião, o médium precisou da ajuda do pai do jovem comunicante, o médico David Muszkat, porque desconhecia a pronúncia e o significado das mesmas.

Publicado em 1992, no livro *A vida triunfa*, esse estudo nos ensejou questões bastante relevantes no que diz respeito à linguagem, especialmente acerca das noções de estilo e autoria – que exploramos em maior profundidade no capítulo 3 deste livro.

O segundo estudo sobre a psicografia epistolar de Xavier foi publicado em 1991, no livro *A psicografia à luz da grafoscopia*,<sup>4</sup> de Carlos Augusto Perandr ea. Professor e perito judiciário em grafoscopia, Perandr ea apresenta a análise das características gráficas constantes em uma carta atribuída a Ilda Mascaro Saullo (também publicada em *A vida triunfa*), escrita em italiano e datada de 22 de Julho de 1978. Com base nos exames grafot cnicos aplicados   carta, em compara o a um cartão de natal escrito por Ilda quando viva, Perandr ea (1991, p.56) conclui:

- A mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier, em 22 de julho de 1978, atribuída a Ilda Mascaro Saullo, cont m, conforme demonstra o fotográfica (figs. 13 a 18), em ‘número’ e em ‘qualidade’, consideráveis e irrefutáveis características de g nese gráfica suficientes para a revela o e identifica o de Ilda Mascaro Saullo como autora da mensagem questionada.
- Em menor número, constam, também, elementos de g nese gráfica que coincidem com os existentes na escrita-padrão de Francisco Cândido Xavier.

Tanto o estudo de Perandr ea quanto a investiga o da AME-SP, embora tenham trazido reflexões pertinentes, ficaram restritos aos meios espíritas, permanecendo praticamente desconhecidos no âmbito acad mico. Em razão da relevância de suas considera es para a compreensão do objeto “carta psicografada” e sua prática semiótica   que aqui retomamos suas principais contribui es, sem nos atermos, entretanto,   autenticidade ou não da escrita psicográfica de Chico Xavier e das leituras que dela fizeram os autores citados.

---

4 Perandr ea (1991, p.23) define a *grafoscopia* como “o conjunto de conhecimentos norteadores dos exames gráficos que verifica as causas geradoras e modificadoras da escrita, através de metodologia apropriada, para a determina o da autenticidade gráfica e da autoria gráfica”.

Por meio deste breve panorama, pretendemos ter fornecido ao leitor uma visão geral sobre a problemática das cartas de Chico Xavier, considerando-as em suas repercussões culturais e editoriais. A busca por caracterizar o objeto “carta psicografada”, bem como sua prática geradora – a prática psicográfica – põe-nos diante da necessidade de reconstruir seu trajeto, ao mesmo tempo que nos expõe ao risco de “sair do texto”. De qualquer maneira, fixar nossos limites no texto, somente, não nos isentaria das dificuldades próprias dos objetos inexplorados. É preciso, pois, que avancemos.

## A perspectiva da semiótica francesa sobre o objeto “carta”

[...] *como podemos conhecer o homem se não for pelos textos?*

Greimas, em *L'Énonciation: une posture épistémologique* (1974)

O projeto semiótico concebido por Algirdas Julien Greimas e seus colaboradores a partir da década de 1960 colocou o sentido no centro de suas preocupações, elegendo o texto como objeto privilegiado de estudo. Entre suas maiores contribuições está o desenvolvimento de um aparato teórico e prático para a análise e a descrição dos processos de construção de sentido do texto, partindo de seu plano do conteúdo.

Segundo esse modelo, o sentido de um texto é constituído pela articulação de três níveis de imanência: o *fundamental* ou profundo, em que se encontram as estruturas significantes mais simples e abstratas, e no qual se estabelecem as oposições semânticas mínimas, isto é, as categorias que engendram o sentido global do texto; o *narrativo*, em que se estruturam as relações de junção (conjunção e disjunção) entre sujeito e objeto, bem como seus estados e suas transformações, que se organizam hierarquicamente em sequências

narrativas (ex.: manipulação, competência, *performance* e sanção); e o *discursivo*, nível mais superficial, em que as estruturas narrativas se manifestam, recobertas por temas (mais abstratos) e figuras (mais concretos). Nesse patamar, é possível observar as projeções das categorias de pessoa, espaço e tempo, bem como as relações entre enunciador e enunciatário. Cada um desses níveis divide-se ainda em dois componentes relativamente autônomos: uma sintaxe e uma semântica (Greimas, 1975; Greimas; Courtés, 2008).

Ao adotar o princípio de imanência como a forma mais produtiva de lidar com o texto, preservando-o da influência do “contexto” e das especulações interpretativas dele decorrentes – “Fora do texto não há salvação!” – Greimas estabeleceu as diretrizes que delinearam a Semiótica do texto e do discurso como campo de investigação. Entretanto, nas duas últimas décadas, a Semiótica ultrapassou em muito os limites do texto verbal e pictórico, lançando-se ao estudo de objetos não verbais de diversas naturezas e, assim, ampliando a gama de suas semióticas-objeto, buscando respostas para perguntas que, frequentemente, exigiam a observação dos aspectos extratextuais envolvidos na construção da significação. O movimento de “sair do texto”, partindo dele, sem, no entanto, desconsiderar seus planos de imanência, permitiu aos estudos semióticos uma nova forma de lidar com diferentes objetos (Fontanille, 2008a, p.17).

Foi sob esse panorama que a Semiótica francesa deu seus primeiros passos em direção aos estudos epistolográficos. No ano de 1984, na Suíça, um grupo de estudiosos se reuniu no VI Colóquio Interdisciplinar da Universidade de Friburgo, com o objetivo de discutir, especificamente, a carta e a troca epistolar. Desse colóquio resultou um conjunto de onze textos, posteriormente publicado em *La lettre: approches sémiotiques* (Calame et al., 1988). Entre os artigos mais representativos da coletânea estão os de Grize, Landowski, Violi, Geninasca, Bertrand e Queré. Considerada como um gesto inaugural dos estudos da carta enquanto objeto semiótico, esta publicação foi prefaciada por Greimas, apresentando-se como um “exemplo de proposta para uma ‘semiótica epistolar’” (Schwartzmann, 2009, p.25-6).

Passaremos, então, a algumas considerações fundamentais para o estudo da carta como objeto semiótico, com base, principalmente, nas contribuições de Greimas e Landowski em *La lettre* (1988), Fontanille (2008) e Schwartzmann (2009), antes de procedermos à análise do texto epistolar psicográfico.

## A carta como objeto semiótico

Fundada na ausência, a carta configura-se como um objeto de conjunção, de encontro de sujeitos separados no tempo e no espaço. Sua essência reside na incompletude, na disjunção entre quem escreve e o ser ausente, na busca pelo reencontro. A ausência tematiza e alimenta a comunicação epistolar; sem a distância entre dois sujeitos, tanto no nível pragmático quanto no cognitivo, não haveria a necessidade da correspondência, da troca. Na busca por reconstruir a presença do ser ausente e, para ele, fazer-se também presente, os parceiros da troca epistolar se constituem como actantes-sujeitos, cujas existências semióticas advêm, precisamente, de sua prática de enunciação: o ato da escrita, bem como o da leitura, instauram a presença dos parceiros epistolares, “num puro ato de criação de sentido” (Landowski, 2002, p.181).<sup>5</sup>

Para Landowski (idem, p.169), por ter o valor de ato, a carta atualiza, discursivamente, o elo existencial entre dois sujeitos, gerando um efeito de sentido de “estar-diante-do-outro”. É, assim, instrumento de presentificação, ao permitir ao remetente (re)construir uma imagem de si para seu destinatário, de maneira que este possa sentir-se como se estivesse em sua presença.

A carta configura-se, portanto, como um espaço de encontro, de interlocução, entre coenunciadores que se alternam nos simulacros

---

5 O artigo “La lettre comme acte de présence”, de Eric Landowski, embora publicado, pela primeira vez em 1988, sofreu alterações significativas em sua segunda edição, no livro intitulado *Presenças do outro*, de 2002, razão pela qual utilizaremos sua versão mais recente (“A carta como ato de presença”, p.165-81).

de remetente e destinatário, na comunicação epistolar. Para Greimas (1988, p.5), a troca epistolar, enquanto modalidade específica de interação, constitui-se como

[...] um fenômeno cultural, circunscrito e variável no tempo e espaço sociais. Em nosso contexto ocidental ela se organizou inicialmente como uma instituição fortemente regulamentada, como uma axio-tipologia do saber-fazer epistolar [...] obedecendo a dois critérios de classificação cruzados: uma temática, segundo o tipo de discurso focalizado – familiar, comercial, político, religioso; e uma morfologia gradual dos destinatários – público/privado, inferior/superior, homens/mulheres.<sup>6</sup>

Ao tomar a troca epistolar enquanto prática cultural (e, portanto, semiótica), determinada por aspectos sócio-históricos e sujeita a coerções temáticas e morfológicas, a Semiótica busca propor uma análise dos diversos aspectos que controlam a produção de textos. Sua abordagem vai da imanência textual ao nível das práticas semióticas, permitindo-nos pensar a questão do gênero não apenas como um tipo específico de texto ou discurso, mas como objeto pragmático e cognitivo que deve ser relativizado em função de sua inserção em um dado “universo socioletal”.

No *Dicionário de Semiótica*, de Greimas e Courtés (2008, p.228), o gênero é definido como

[...] uma classe de discurso, reconhecível graças a critérios de natureza socioletal. Estes podem provir quer de uma classificação implícita que repousa, nas sociedades de tradição oral, sobre a categorização particular do mundo, quer de uma “teoria dos gêneros” que, para muitas sociedades, se apresenta sob a forma de uma taxionomia explícita, de caráter não científico. Dependente de um relativismo cultural evidente e fundada em postulados ideológicos implícitos, tal teoria nada tem de comum com a tipologia dos

---

6 Tradução de Schwartzmann (2009, p.20).



discursos que procura constituir-se a partir do reconhecimento de suas propriedades formais específicas. O estudo da *teoria dos gêneros*, característico de uma cultura (ou de uma área cultural) dada, não tem interesse senão na medida em que pode evidenciar a axiologia subjacente à classificação.

Traçando uma clara distinção entre uma “teoria dos gêneros”, regida por princípios ideológicos (e, portanto, relativos), e uma “tipologia dos discursos”, pautada em suas propriedades formais (e, por isso mesmo, “científicas”), Greimas e Courtés reafirmam a primazia da imanência como princípio semiótico para a classificação dos gêneros.

A semiótica greimasiana deteve-se, assim, sobre os caracteres semióticos generalizáveis do texto, que podem ser apreendidos e reconhecidos no interior de um dado objeto. A determinação de um gênero pelas formas de tematização de um universo literário (como nos gêneros “fantástico, maravilhoso, realista, surrealista etc.”, citados no mesmo verbete do *Dicionário de Semiótica*) e com base nas propriedades formais dos textos (como no caso do conto, do romance ou das cartas), muito embora considere a combinação de elementos discursivos, textuais e socioculturais, resulta em uma abordagem heterogênea, em que grandezas de diferentes ordens são comparadas aleatoriamente. Sem a definição dos níveis de pertinência semiótica, essa abordagem mostra-se ineficiente em termos analíticos, sob a perspectiva de uma semiótica da linguagem (Schwartzmann, 2009, p.64-4).

Embora tenham sido definidos e hierarquizados apenas posteriormente, por Jacques Fontanille, em seu *percurso gerativo da expressão*, os níveis de pertinência já eram uma preocupação de Greimas desde suas primeiras teorizações, que resultaram no estabelecimento dos níveis de pertinência do plano do conteúdo (estruturas narrativas, actanciais, modais etc.). O tratamento das práticas, na Semiótica-padrão, entretanto, era o mesmo reservado aos textos, o que veio a mudar somente a partir dos trabalhos pioneiros de Jean-Marie Floch, no fim da década de 1980, e ao longo dos anos 1990,

nos quais o teórico realizou a análise de “práticas significantes” e “objetos semióticos inusitados como o *look* de Coco Chanel [...], a faca francesa Opinel e a relação de uma tipografia e de uma erva usadas pelo *chef* francês Michel Bras” (Portela, 2008a, p.49). Foi somente a partir de 2004, no âmbito do Seminário Intersemiótico de Paris, que os níveis de pertinência tornaram-se centrais nas discussões sobre as práticas, repercutindo, especialmente, nos trabalhos de Fontanille, cuja formalização de uma hierarquia para os níveis de pertinência viabilizou, por meio do percurso gerativo da expressão, a compreensão e o estudo das práticas semióticas.

Vale ressaltar que o estabelecimento de uma hierarquia de níveis de pertinência para a análise do plano da expressão pautou-se nas bases epistemológicas da Semiótica greimasiana. Fundando-se na perspectiva imanentista, que considera as características estruturais dos textos, a formulação fontaniliana firma novos níveis de pertinência que correspondem a novos planos de imanência, atrelando o *plano do conteúdo* à *existência* semiótica e o *plano da expressão* à *experiência* semiótica, com foco neste último plano.

De modo que a significação é constituída pela reunião entre um plano de expressão e um plano de conteúdo, é possível compreender a proposta fontaniliana como uma busca pela (re)constituição da significação, por meio de dois percursos possíveis: da expressão ao conteúdo, sob o ponto de vista do texto, e do conteúdo à expressão, sob a perspectiva do discurso. Tomando um percurso de análise que vai de um ponto ao outro, a formalização de Fontanille parece fornecer ao analista uma visão mais ampla e, ao mesmo tempo, mais detalhada de seu objeto (Schwartzmann, 2009, p.71-2).

Hierarquizados em um percurso que vai dos signos às formas de vida, isto é, do mais simples ao mais complexo, o percurso gerativo da expressão é constituído de seis níveis de pertinência da experiência semiótica, podendo ser compreendidos como elaborações progressivas dessa experiência. Cada um deles pode ser convertido em determinado tipo de semiótica-objeto e corresponde a um plano de imanência específico, no qual as significações culturais podem ser expressas. Essa hierarquia de níveis se apresentaria, portanto, “como

a descrição de uma estrutura semiótica das culturas” (Fontanille, 2008a, p.20).

Os níveis de pertinência semiótica podem ser classificados em seis tipos de experiência:

1. *Figuratividade*, que ocorre no nível dos *signos*.
2. *Coerência e coesão interpretativas* (experiência interpretativa e textual), que ocorre no nível dos *textos-enunciados*.
3. *Corporeidade* (experiência corpóreo-material), que se dá no nível dos *objetos*.
4. *Prática*, que acontece no nível das *cenas práticas*.
5. *Conjuntura* (a experiência das conjunturas e dos ajustamentos), que ocorre no nível das *estratégias*.
6. *Êthos e comportamento* (a experiência dos estilos e dos comportamentos), que acontece no nível das *formas de vida*.

De acordo com Fontanille (2008b, p.34), a hierarquia dos níveis de pertinência da experiência semiótica pode ser assim sintetizada:

Quadro 1 – Níveis de pertinência semiótica

<i>Tipo de experiência</i>	<i>Instâncias formais</i>	<i>Interfaces</i>
Figuratividade	Signos ↓	Formantes recorrentes
Coerência e coesão interpretativas	Textos-enunciados ↓	Isotopias figurativas da expressão
		Dispositivo de enunciação/ inscrição
Corporeidade	Objetos ↓	Suporte formal de inscrição
		Morfologia praxica
Prática	Cenas práticas ↓	Cena predicativa
		Processos de acomodação
Conjuntura	Estratégias ↓	Gestão estratégica das práticas
		Iconização de comportamentos estratégicos
Êthos e comportamento	Formas de vida ↓	Estilos estratégicos

Obedecendo ao princípio de integração,<sup>7</sup> Fontanille afirma que todos os níveis de pertinência mantêm, entre si, uma relação de interdependência. Desse modo, cada nível incorporaria as propriedades sensíveis e materiais dos níveis inferiores a ele. Os sentidos de integração possíveis entre os níveis são o *ascendente* (partindo do mais simples para o mais complexo) e o *descendente* (do mais complexo ao mais simples).

O primeiro nível é constituído pelos *signos*, unidades mínimas e constitutivas do sentido, sendo considerado o primeiro e o mais inferior e elementar entre os níveis. As figuras também integram esse nível, uma vez que constituem formas de expressão dos signos, razão pela qual Fontanille utiliza também o termo “*figuras-signos*” (ibidem, p.18).

O segundo nível é o dos *textos-enunciados*, em que os signos e figuras se organizam em textos, como um conjunto significante. Os textos-enunciados são constituídos de um plano de imanência com duas faces: uma face formal, que contém as figuras-signos no nível inferior, e uma face substancial, que se apoia sobre um suporte-objeto, isto é, um dispositivo de inscrição.

No terceiro nível, o texto-enunciado integra-se a um suporte de inscrição, cujo estatuto é o de “*corpo-objeto*”. Fontanille (idem, p.21) explica que “os objetos são estruturas materiais tridimensionais, dotadas de uma morfologia, de uma funcionalidade e de uma forma exterior identificável, cujo conjunto é ‘destinado’ a um uso ou a uma prática mais ou menos especializada”. Como um objeto sempre integra uma prática semiótica específica, ele passa a integrar o quarto nível.

O *quarto nível* é o da *cena prática* cuja experiência manifesta-se por meio de uma cena predicativa. Sobre o conceito de cena predicativa ou cena prática, Fontanille (2008a, p.23) esclarece que a forma das práticas tem uma dimensão predicativa, que estabeleceria uma “pequena cena” (concepção derivada da noção de predicado verbal, vigente na linguística da década de 1960). Portela (2008a, p.51)

---

7 Cf. Benveniste (1995, p.127-40).

comenta ainda que “a cena, enquanto narrativa estereotipada, atua como uma moldura-limite, um roteiro fechado que permite identificar a extensão da prática”. Desse modo, ao evidenciar os processos de significação (predicados) que a constituem, a cena permite a delimitação e a descrição de uma prática.

O quinto nível é o das *estratégias*. Esse nível é composto por uma face formal, voltada aos níveis inferiores, que gere e controla os processos de acomodação; e uma face substancial, voltada ao nível superior, e que pode ser formalizada graças à esquematização estilística e à iconização dos comportamentos estratégicos em formas de vida (Fontanille, 2008b, p.31). As estratégias organizam os diversos e complexos processos herdados da cena prática, bem como a morfologia de todos os níveis inferiores e, em especial, o nível dos objetos (Schwartzmann, 2009, p.97).

O sexto e último nível é o das *formas de vida*. Fontanille (2008b, p.32) define uma forma de vida, do ponto de vista da experiência semiótica, como uma “deformação coerente” obtida pela repetição e pela regularidade dos conjuntos de estratégias adotadas para articular as cenas práticas entre si. Por meio de integrações sucessivas, um nível herda todas as formas pertinentes dos níveis anteriores, incluindo “as figuras, os textos-enunciados, os objetos e as práticas específicas”. A integração de todos os níveis inferiores produz globalmente uma configuração pertinente para a análise das culturas.

Constituídos por dois planos de imanência (com exceção do nível dos signos) – um da forma e um da substância – cada nível de pertinência semiótica volta-se para o nível inferior (por meio do plano de imanência da forma) e, ao mesmo tempo, direciona-se para o nível superior (pelo plano de imanência da substância). O plano da substância pode dar origem a um percurso descendente, enquanto o da forma pode resultar em um percurso ascendente. Assim configura-se o princípio de integração, fundado na noção de manifestação (Schwartzmann, 2009, p.98-9).

Desse modo, por ocupar uma posição intermediária na hierarquia, o nível das *práticas semióticas* é considerado o mais apropriado como ponto de partida para a análise tanto dos níveis inferiores (dos

signos, textos-enunciados e objetos) quanto dos superiores (das estratégias e formas de vida), uma vez que nele os processos de integração tornam-se mais visíveis. As práticas semióticas caracterizam-se, principalmente, como um “processo aberto circunscrito em uma cena” (Fontanille, 2008b, p.25). Ligadas a uma cena predicativa, elas podem englobar vários processos (ou predicados), tornando-os observáveis. De acordo com Schwartzmann (2009, p.101),

[...] as práticas podem ser consideradas como o nível ideal para observar o funcionamento das cartas, já que dessa maneira podemos identificar as figuras-signos, os textos-enunciados, e os objetos-suportes, de um lado, que estão na base da prática epistolar e a constroem efetivamente, e, de outro, investigar as acomodações estratégicas entre essa prática e outras possíveis, que, juntas, nos levarão, certamente, a uma forma de vida epistolar.

A escolha do nível das práticas como ponto de partida para a análise semiótica permite-nos estabelecer sua relação com a noção de gênero, na medida em que este se apresenta como um efeito resultante dos processos de integração entre os diferentes níveis de imanência de um dado objeto. Desse modo, a troca epistolar pode ser admitida como uma cena, isto é, “uma prática semiótica tipificada”, que possibilita a observação das “marcas figurativas, textuais, discursivas e estratégicas típicas” presentes no texto-enunciado, inscrito em seu objeto-suporte. Sob esse viés, o funcionamento do gênero dar-se-ia pela regulação dos processos de escrita e interpretação dos textos. Cada gênero, por fim, atuaria na configuração de uma determinada cena predicativa, que o caracterizaria (Schwartzmann, 2009, p.102).

Reintegrando, assim, o objeto a sua prática e saindo do texto, sem, no entanto, ignorar sua imanência, *o percurso gerativo da expressão permite-nos redimensionar a noção de gênero*, uma vez que o coloca como resultante da *práxis enunciativa*,<sup>8</sup> enquanto elemento

---

8 Para Fontanille (2007, p.271), a *práxis enunciativa* estaria “implicada no aparecimento e desaparecimento dos enunciados e das formas semióticas

regulador da estabilidade e das modificações (tanto textuais quanto discursivas) sofridas pelos gêneros em seu universo cultural.

Atreladas à noção de práxis, as práticas semióticas, segundo a formalização fontaniliana, apresentam-se como uma forma de tratamento produtiva, ao que tudo indica, por permitir a ampliação da definição de gênero – antes limitada às propriedades textuais e discursivas – com a integração de caracteres formais ou substanciais que regem as práticas nas quais se inserem.

Podemos afirmar que a prática determina o gênero, mas é importante dizer que seu funcionamento depende, também, de sua relação com outras práticas – no caso da carta típica, por exemplo, há uma estreita relação entre as práticas epistolar e postal. Em gêneros sincréticos, que não se limitam a apenas um plano de expressão, a análise das estruturas textuais e discursivas mostra-se insuficiente para determiná-los e descrevê-los. É preciso, pois, que se atente para as práticas semióticas concomitantes e seu encadeamento. Um exemplo citado por Schwartzmann (idem, p.86) é o da telenovela cuja definição e descrição só é possível quando se considera o “conjunto de determinadas práticas de edição, veiculação e fruição”, que ultrapassam o plano do conteúdo.

É certo que, diante desse entrecruzamento de práticas, é preciso proceder a um recorte em meio à situação semiótica<sup>9</sup> estabelecida, por meio da composição de um *cópus*. A delimitação de uma continuidade passível de análise torna-se possível, então, a partir do exame da situação de comunicação, apreensível por meio da *cena prática*, e das interações entre as práticas envolvidas, apreendidas por meio da *dimensão estratégica*.

---

no campo do discurso, ou no acontecimento que constitui o encontro entre o enunciado e a instância que a assume”. Ao lidar com as diferentes grandezas no campo discursivo, a práxis enunciativa permite a recuperação ou apresentação de novas formas e estruturas, possibilitando a retomada e a atualização das práticas culturais.

9 De acordo com Fontanille (2008b, p.25), “uma situação semiótica é uma configuração heterogênea que reúne todos os elementos necessários à produção e à interpretação da significação de uma interação comunicativa”.

Por permitir uma abordagem sistematizada das semióticas-objeto e de suas relações entre os diversos níveis de análise, a formalização de Fontanille apresenta-se como um importante referencial para a abordagem semiótica dos gêneros, tal como veremos na próxima seção.

### **Acerca dos gêneros: a proposta fontaniliana**

A proposta de Fontanille para a classificação e identificação dos gêneros, tal como apresentada em *Sémiotique et littérature* (1999), embora voltada para o tratamento dos gêneros literários, sugere uma metodologia aplicável também ao estudo dos gêneros não literários. Por essa razão, independentemente de sua literariedade, as cartas constituem-se como objetos semióticos analisáveis pelo método fontaniliano.

Para o teórico, os gêneros são concebidos como objetos semióticos ambíguos, dotados de um aspecto discursivo e de um aspecto textual, simultaneamente. Cada gênero seria, portanto, a “reunião de um tipo discursivo e de um tipo textual” (1999, p.162), cuja combinação o distinguiria entre os outros gêneros.

Esses “tipos textuais” e “tipos discursivos” vinculam-se por meio de uma *isotopia*, que pode ser compreendida como a recorrência de propriedades textuais e de propriedades discursivas que caracterizam cada gênero. Segundo Fontanille, um gênero pode ser determinado pelo estabelecimento de uma isotopia, que pode ser apreendida por meio de três noções: a *coerência*, que caracteriza o discurso; a *coesão*, que caracteriza o texto, e a *congruência*, que regula tanto os aspectos textuais quanto discursivos (Fontanille, 1999, p.162).

Os tipos textuais são caracterizados pelas constantes do plano da expressão e sua coesão. A *coesão* refere-se à forma como os segmentos textuais se organizam e hierarquizam no interior de um todo, garantindo sua homogeneidade (ex.: parágrafos, rimas etc.).

Os tipos discursivos, por outro lado, caracterizam-se pelo plano do conteúdo e sua coerência. A coerência relaciona-se ao



estabelecimento de um “sistema de valores” no discurso, que permite a instalação de um sentido global no texto, evidenciando uma isotopia em detrimento de outras, existentes em seu universo discursivo.

De acordo com Fontanille (idem, p.163), a classificação dos *tipos textuais* pode ser feita com base em dois critérios:

1. *Longo / Breve*: refere-se a uma norma sociocultural que institui uma escala de avaliação externa e que se reflete na escrita por uma espécie de regulação do “tempo” interno da enunciação, isto é, da duração de uma história ou acontecimento em uma narrativa.
2. *Aberto / Fechado*: diz respeito à relação existente entre uma unidade de leitura e uma unidade de edição. Formada pelo conjunto de constantes do plano da expressão, a unidade de leitura confere sentido ao “todo” textual. Já a unidade de edição pode ser entendida como a seleção de determinadas constantes da expressão. A coincidência ou não entre a unidade de edição e a unidade de leitura é o que determina o caráter de abertura ou fechamento de um texto. Quando essas unidades são coincidentes, têm-se um texto fechado, uma vez que a leitura só pode ser feita no interior de um todo de significação – como um romance ou um poema. Quando não coincidentes, têm-se um texto aberto – como no caso de textos que completam seu sentido quando lidos em conjunto, tais como as séries ou sequências.

Combinados, esses dois critérios resultam em propriedades principais de tipos textuais:

Quadro 2

	<i>Longo</i>	<i>Breve</i>
<i>Aberto</i>	Recursividade	Fragmentação
<i>Fechado</i>	Desdobramento	Concentração

Sendo a união entre um tipo *longo* e um tipo *aberto*, a *recursividade* caracteriza todos os procedimentos que permitem a renovação e o encaixe indefinidos das estruturas textuais, como no caso dos poemas épicos e dos romances de vários volumes.

Resultante da combinação entre um tipo *breve* e um tipo *aberto*, a *fragmentação* caracteriza os gêneros que oferecem uma visão limitada e fragmentária de uma história, cena ou pensamento, gerando um efeito de sentido de incompletude. As cartas (quando não compõem uma série, no caso da correspondência), as memórias e o diário, por exemplo, são textos caracterizados por essa propriedade.

A *concentração*, encontro entre um tipo *breve* e um tipo *fechado*, caracteriza-se pela capacidade de condensar a significação em um espaço textual reduzido, como se pode observar no soneto, na máxima ou na notícia, por exemplo.

Reunião entre um tipo *longo* e um tipo *fechado*, o *desdobramento* é marcado pela exploração das possibilidades de expansão dos textos sem, no entanto, romper com um esquema global que os rege. O romance policial, a peça de teatro e o conto folclórico são exemplos de como esses textos conformam-se a uma organização canônica.

Em relação aos *tipos discursivos*, atrelados ao plano do conteúdo, Fontanille (1999, p.164) explicita que a coerência é a responsável pela organização dos elementos que estruturam o discurso. A coerência de um tipo discursivo embasa-se em um sistema de valores que pode ser erigido a partir de valores e relações internos ao discurso ou mesmo de acordo com aqueles atribuídos por seus sujeitos.

Fontanille elabora, assim, dois critérios principais segundo os quais os tipos discursivos podem ser definidos: uma *tipologia para as modalidades da enunciação* – que considera os contratos enunciativos, os tipos de ato de linguagem e as modalizações dominantes do ponto de vista pragmático – e as *axiologias e as formas de avaliação* – em que são considerados os valores propostos e suas condições de atualização e reconhecimento no discurso.

As modalizações dominantes são agrupadas por Fontanille em quatro pares:

Quadro 3

	<i>Crenças</i>	<i>Motivações</i>	<i>Aptidões</i>	<i>Efetuações</i>
<i>2 actantes</i>	Assumir	Querer	Saber	Ser
<i>3 actantes</i>	Aderir	Dever	Poder	Fazer

No quadro abaixo, cada grupo de duas modalidades permite a definição de um ato de linguagem típico:

Quadro 4

<i>Assumir e aderir</i>	<i>Querer e dever</i>	<i>Saber e poder</i>	<i>Ser e fazer</i>
Persuadir	Incitar	Habilitar	Realizar

A definição dos atos de linguagem possibilita, por sua vez, a classificação do discurso em quatro tipos: *persuasivo*, *incitativo*, *de habilitação* e *de realização*. No interior dessas modalidades, há outros subtipos. O *dever*, por exemplo, caracteriza os discursos *prescritivos*. O *saber* define o discurso *informativo* e os discursos de *aprendizagem*, que lidam com um saber-fazer. O *ser* apresenta-se nos discursos de realização, que sugerem a presença do sujeito. Por último, o *fazer* caracteriza um discurso performativo.

Além das modalidades, Fontanille (idem, p.166) sugere ainda a observação de duas dimensões: a *intensidade* de adesão ou das reações que os valores expostos provocam nos sujeitos; e a *extensão* ou número de manifestações discursivas concretas de tais valores. A partir desses aspectos, uma segunda tipologia dos tipos discursivos é apresentada:

Quadro 5

		<i>Intensidade de adesão</i>	
		<i>Forte</i>	<i>Fraco</i>
<i>Extensão e quantidade</i>	<i>Restrito</i>	Valores exclusivos	Valores discretos
	<i>Amplo</i>	Valores participativos	Valores difusos

Os valores ou tipos discursivos derivados da combinação entre a intensidade de adesão e a extensão e quantidade de manifestações originam ainda outros valores discursivos. São eles: valores exclusivos, valores discretos, valores participativos e valores difusos.

Os *valores exclusivos* tendem aos valores absolutos, o que faz que os discursos que os adotam enfoquem uma determinada temática, figura, atitude etc. Um exemplo é o discurso militante.

Os *valores discretos*, por configurarem-se em torno de uma intensidade fraca e uma extensão restrita, tendem à nulidade. Os discursos que assumem esses valores os utilizam para desvalorizar ou enfraquecer valores vigentes, como no caso dos gêneros humorísticos.

Os *valores participativos* resultam de uma extensão ampla e de uma intensidade forte, em uma concentração máxima de valores, gerando, nos discursos em que são utilizados, uma saturação que iguala suas temáticas e figuras, em termos axiológicos. Um exemplo de utilização desses valores se dá no discurso romanesco, de modo geral.

Por fim, os *valores difusos*, por caracterizarem-se por uma taxa de adesão fraca, tende a gerar discursos mais “realistas” que os valores precedentes. Os gêneros realistas são um exemplo da adoção desses valores.

Fontanille (idem, p.167) ressalta que a ambiguidade, tão comum quando se busca diferenciar um tipo textual e um tipo discursivo, é resultante das combinações entre gêneros. Ao projetar suas formas enunciativas, valores e mesmo uma concepção de mundo para além de sua esfera, ocorreria uma espécie de “contaminação” que resultaria em sua combinação com outros tipos textuais.

Passando à noção de *congruência*, podemos afirmar que ela decorre, precisamente, do ajuste entre um tipo textual e um tipo discursivo, na combinação de suas propriedades, que podem ser apreendidas na observação de um dado objeto semiótico. A congruência é responsável pelo gerenciamento dos tipos textuais e discursivos, bem como da coesão e a coerência dos gêneros, e está submetida a uma instância mais ampla, denominada de prática semiótica.

Por fim, a definição de um gênero, para Fontanille (idem, p.168), poderá ser feita com base nos seguintes critérios:

1. Por sua duração relativa e o tempo de sua enunciação.
2. Por sua forma aberta ou fechada, do ponto de vista da produção, da edição e da leitura.
3. Pelos dominantes modais da enunciação, os atos de linguagem e as relações intersubjetivas que ele implica.
4. Pelos valores que ele aceita e que ele põe em circulação, bem como as condições requeridas para este fazer.
5. Pelos tipos discursivos “nômades” e complementares que ele tolera.

Segundo esses critérios, podemos dizer que um gênero seria definido a partir da seleção de variáveis típicas, provenientes dos níveis textual e discursivo e determinadas por elementos ditos “extratextuais” (dados socioculturais e históricos), permitindo, assim, a comparação e diferenciação de um gênero em relação aos outros existentes no mesmo universo cultural.

Com base nesses princípios distintivos, pode-se afirmar que o gênero epistolar psicográfico configura-se não a partir da combinação entre um tipo textual e um tipo discursivo, mas, sim, entre *um tipo textual* – o texto epistolar – e *dois tipos discursivos* – o discurso epistolar e o discurso doutrinário. Sua ambiguidade enquanto gênero reside, mais precisamente, na *alternância entre os discursos*, que oscilam entre a simulação do diálogo, próprio do discurso epistolar, e o discurso doutrinário/religioso, que envolve a consolação como estratégia de persuasão.

De acordo com os dois primeiros critérios apontados por Fontanille, que se referem à “duração relativa e o tempo de sua enunciação” e à “forma aberta ou fechada, do ponto de vista da produção, da edição e da leitura”, é possível dizer que o texto epistolar psicográfico é constituído por um tipo *textual* de *duração breve* e de *caráter aberto*, caracterizado pela *fragmentação*. Resultante da combinação entre os tipos breve e aberto, a fragmentação pode

ser compreendida uma propriedade geradora de um efeito de incompletude, de dispersão, permitindo ao leitor o acesso restrito, fragmentário, a uma narrativa. Especificamente no caso das cartas psicográficas, é possível apreender esse efeito de fragmentação quando, ao nos defrontarmos com uma coletânea de cartas, temos a impressão de conhecermos apenas parte da narrativa de cada sujeito. Ainda que se reúnam várias coletâneas de cartas, que normalmente são cronologicamente organizadas, não podemos ter acesso à história completa de um dado autor espiritual, uma vez que tais narrativas não têm um fim e não necessariamente contemplam uma sequência cronológica acabada.

O terceiro critério refere-se aos “dominantes modais da enunciação, os atos de linguagem e as relações intersubjetivas” implicadas em cada *tipo discursivo*. Por constituir-se da combinação de dois tipos discursivos, a carta psicografada deve ser tomada em seu duplo aspecto – epistolar e doutrinário. O discurso epistolar envolve um *querer/dever dizer*, concebidos enquanto *motivações*, cujo ato de linguagem é o de *incitar*, configurando um *gênero incitativo*. Já o discurso doutrinário inclui *assumir* e *aderir* como modalizações dominantes, e em que *persuadir* é o ato de linguagem resultante, configurando um *gênero persuasivo*. No nível discursivo, *assumir* e *aderir* são modalizações que podem ser apreendidas por meio do contrato fiduciário estabelecido entre enunciador e enunciatário.

O quarto critério envolve os “valores” que o gênero “aceita” e “põe em circulação, bem como as condições requeridas para este fazer”. Nesse sentido, o gênero epistolar psicográfico é um tipo discursivo que faz circular *valores exclusivos* ou “absolutos” (resultantes da combinação entre extensão e quantidade restritas e forte intensidade de adesão), e *participativos* (originados a partir da combinação entre extensão e quantidade amplas e forte intensidade de adesão).

E, por último, o quinto critério refere-se aos “tipos discursivos ‘nômades’ e complementares” que determinado gênero tolera. É preciso, antes de tudo, recordar a natureza híbrida do gênero textual epistolar, que comporta uma infinidade de formas e conteúdos, e que, de acordo com as práticas das quais participa, em uma dada

cultura, pode assumir diferentes configurações discursivas (a exemplo das cartas literárias e não literárias). Por constituir-se da união entre o discurso epistolar e o discurso doutrinário (religioso), a carta psicográfica nos permite observar a união entre uma tipologia textual (o texto epistolar) e uma resultante discursiva oriunda de uma prática bastante particular – a psicografia epistolar – que gera e organiza os enunciados possíveis dentro do universo de valores da doutrina espírita (e que veremos, com mais detalhe, nas seções “A carta psicografada enquanto gênero” e “Psicografia: a prática semiótica e sua configuração” deste livro).

É importante ressaltar que tanto a configuração típica de cada gênero como sua estabilidade e suas mudanças são regidas pela dimensão da *práxis enunciativa*, que se apoia em quatro propriedades: a estabilidade das categorias, a esquematização do discurso, a mudança cultural e as congruências locais e provisórias (ibidem, p.161).

Assim, considerando a proposta de Fontanille para a classificação e definição dos gêneros, procederemos ao estudo da carta psicografada, buscando caracterizá-la enquanto gênero inserido no interior de uma prática: a prática epistolar psicográfica.

## A carta psicografada enquanto gênero

A fim de que possamos estabelecer as principais diretrizes para a caracterização da carta psicográfica como gênero,<sup>10</sup> é preciso, antes de tudo, que retomemos os pontos essenciais para sua compreensão enquanto semiótica-objeto, distinguindo-a das “cartas típicas”.

Considerando que as práticas semióticas são delineadas pelas cenas predicativas e que estas, por sua vez, definem os gêneros,

---

10 Neste trabalho, como exposto anteriormente, adotamos a noção de “gênero” a partir da proposta de Fontanille (1999), segundo a qual o gênero é constituído pela reunião de um “tipo discursivo” e de um “tipo textual”, cujas propriedades são reconhecíveis.

optamos por iniciar nossa reflexão pela distinção das práticas em que os textos-enunciados estão implicados.

Tendo por núcleo a cena epistolar, a prática epistolar pressupõe a interlocução, a troca de cartas, entre pelo menos dois sujeitos: remetente e destinatário, que se alternam, enquanto simulacros, em um processo que os conforma às coerções do gênero (como o sistema postal, por exemplo). A carta, como espaço de interlocução, pressupõe o esquema bidirecional de comunicação,<sup>11</sup> com sequências de estímulo e resposta que, estrategicamente, objetivam manter em funcionamento a comunicação epistolar.

De acordo com Grize (1988, p.13-6), as relações de estímulo e resposta envolvem quatro tipos de interação: a concatenação simples, a retomada, a metáfora e a explicação. Cada uma delas permite a manutenção da comunicação epistolar entre os interlocutores, desde que haja um estímulo inicial capaz de estabelecer o contrato fiduciário,<sup>12</sup> que pode ou não ser aceito.

Na troca epistolar, o contrato se estabelece a partir do momento em que o remetente, ao ser validado, legitimado pelo destinatário, recebe a resposta para sua missiva. A troca de cartas pressupõe, assim, a troca de papéis, na alternância dos simulacros de remetente e destinatário, em uma relação de confiança (fidúcia).

Para Geninasca (1988, p.45), a comunicação epistolar pode ser definida como um “modo particular de interação”, uma “ação recíproca”, exercida por uma sequência de ações e reações, que visa

---

11 O esquema “bidirecional” de comunicação refere-se à alternância entre os simulacros de remetente e destinatário, representados pelos interlocutores. Segundo esse esquema, ora o sujeito da interlocução representaria a figura do remetente, ora a do destinatário (Schwartzmann, 2009, p.30-1). O esquema “unidirecional”, por sua vez, refere-se à ausência de alternância entre as figuras de remetente e destinatário. Em um nível pragmático, o esquema unidirecional traduzir-se-ia na inexistência de um regime de troca epistolar, que se faria presente no esquema bidirecional.

12 Segundo Greimas e Courtés (2008, p.101), o contrato fiduciário “visa estabelecer uma convenção fiduciária entre enunciadador e enunciatário, referindo-se ao estatuto veridictório (ao dizer-verdadeiro) do discurso enunciado”.



a transformar, “transitivamente ou reflexivamente”, as representações que os parceiros da interação fazem de si. Em virtude dessas representações ou simulacros que os interlocutores fazem de si é que se torna possível a produção e a interpretação dos textos. Os simulacros constituir-se-iam, assim, enquanto figuras actanciais, por meio de investimentos modais compatíveis com seus universos de crenças e valores, estabelecendo um regime de comunicação.

Todavia, esse regime somente pode ser mantido com o estabelecimento de um contrato fiduciário entre os sujeitos de um universo compartilhado. É por meio de um *querer ou dever comunicar* e de um *querer e poder crer* que se institui o contrato, fundado sobre os efeitos de sentido de *verdade, realidade e sinceridade*, bases da troca epistolar. Enquanto efeitos de sentido, *verdade, realidade e sinceridade* se firmam, na carta, entre os sujeitos da interação, estabelecendo-se não de forma objetiva, mas como um “constructo modal”, segundo o qual elas são legitimadas em função do valor de verdade atribuído aos simulacros, isto é, às representações construídas pelos interlocutores (Schwartzmann, 2009, p.35).

É importante destacar que o caráter aberto ou fechado da carta modifica o regime epistolar. Se fechada, constitui-se como espaço privado, íntimo; se aberta, institui, ainda, um terceiro actante, que, na condição de observador, passa a exercer uma ação sobre seu estatuto de verdade, tal como ocorre no fazer do editor que eventualmente reúne e comenta cartas.

As coerções materiais que influem, efetivamente, na forma como as cartas típicas são estruturadas têm a ver, primeiramente, com seu *suporte formal*, que determina sua organização topológica: a folha de papel; a forma de escrita ocidental, que determina a exploração da folha; o uso de envelope, como parte de um sistema postal regulador. Todos os elementos envolvidos na prática de escrita e na prática epistolar colaboraram para o surgimento de uma hierarquia, uma sequência canônica de composição da carta, constituída de, no mínimo, três níveis: a *abertura* (topo da carta); o *corpo da carta*; *fechamento* (base da carta). Na abertura (nível 1), há o endereçamento, ou seja, a constituição/identificação de um destinatário,

bem como marcas espaçotemporais (ancoragem). No corpo da carta (nível 2), encontra-se o conteúdo da carta (sequências narrativas, figuras e temas). Por último, no fechamento (nível 3), há o remate e/ou assinatura, isto é, a constituição/identificação de um remetente (Adam apud Schwartzmann, 2008, p.119).

Em síntese, essas são as características fundamentais de uma carta “típica”, com base nas quais poderemos iniciar a descrição da carta psicografada, enquanto gênero.

### O objeto-suporte da carta psicografada

Ao compararmos cartas psicográficas com cartas típicas, é preciso destacar a existência de uma primeira coerção, de ordem pragmática, mas com desdobramentos de ordem cognitiva: a carta psicográfica não se insere em uma prática de troca epistolar. Não há troca, mas, unicamente, o envio da carta para um destinatário. Essa primeira coerção determina, portanto, uma reconfiguração em relação à forma típica do objeto carta, normalmente inserido nessa prática institucionalizada. A ausência da troca epistolar tem por consequência direta a ausência de alternância entre os simulacros de remetente e destinatário. Assim, o esquema de comunicação adotado é unidirecional: não há possibilidade de resposta, em nível pragmático. O que há são estímulos e respostas pressupostos. Em um nível discursivo, isso resulta em um efeito de sentido de “onisciência” por parte do remetente, que responde às perguntas que, supostamente, seu destinatário elabora “em pensamento”.

Essa reconfiguração remete-nos ao núcleo da prática: a cena epistolar psicográfica. Resultante da imbricação de três práticas – a de escrita, a mediúnica e a epistolar – a cena tem como prática geradora a psicografia (composta pela prática de escrita e pela prática mediúnica). É a partir dela, em seu entrecruzamento com a prática epistolar, que se pode entrever o estatuto semiótico-narrativo do médium psicógrafo, enquanto elemento distintivo, como veremos, mais detalhadamente, na Seção “Psicografia: a prática semiótica e sua configuração”.

A legitimação do remetente, para o estabelecimento do contrato fiduciário, não se dá pela resposta do destinatário, mas, sim, pela alimentação de um esquema passional da espera. É preciso que a confiança e a “esperança” de receber uma nova carta se mantenham, e é nesse sentido que se pode considerar a existência de uma ação recíproca (ação e reação) entre remetente e destinatário, ainda que pressuposta.

Como resultado, é possível constatar coerções discursivas fundamentais, em torno das quais a carta psicográfica se estrutura. A disjunção entre os sujeitos, própria da comunicação epistolar, também existe na carta psicografada (tanto no nível pragmático como no cognitivo-passional), mas é explicitada, a todo momento, na alternância entre um “*aqui*” e um “*lá*”, ora representados pelo plano material, em que é possível a conjunção entre os sujeitos – por meio do “*médium*”, no espaço da carta –, ora pelo plano espiritual, fronteira intransponível que impede os sujeitos de entrarem em conjunção.

Em termos passionais, a distância e a impossibilidade absoluta de um reencontro, a não ser pela transposição do limiar da morte, delineiam, em um plano discursivo, o *éthos* de enunciador e o *páthos* de um enunciatário, modalizados pela dor de uma separação (e, portanto, pela “saudade”); pela “angústia” de uma espera; pela “esperança” de um reencontro possível, unicamente, no espaço epistolar.

Com base na observação da psicografia de Chico Xavier<sup>13</sup> (por meio de vídeos, fotos e narrativas), foi-nos possível fazer algumas considerações sobre as principais coerções materiais que determinam a organização topológica da carta psicográfica (figuras 1 e 2): a folha de papel; o lápis (instrumento de inscrição); a presença de um assistente e do público no ato da escrita.

---

13 A observação de vídeos e fotografias de outros médiuns conhecidos, como Carlos Baccelli e Celso de Almeida Afonso, em sessões públicas de psicografia, nos revelou um “procedimento-padrão” para a escrita de cartas familiares, o que nos permite caracterizar a prática da psicografia epistolar com maior pertinência.

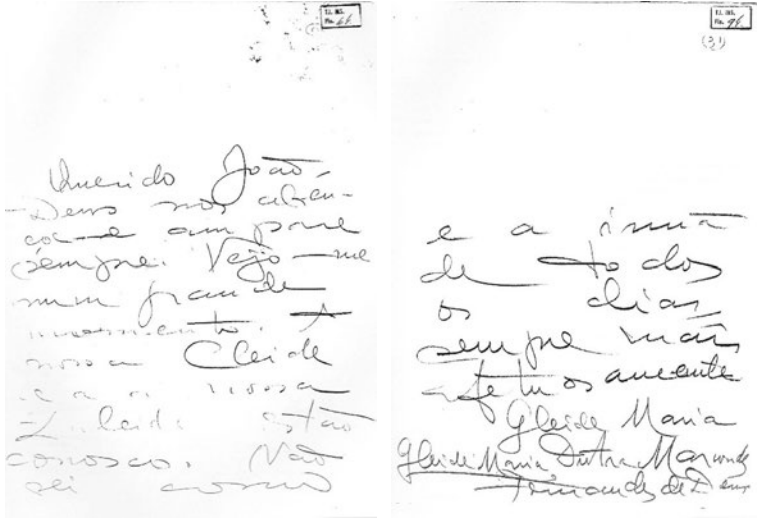


Figura 1 – A primeira e a última folha de uma carta psicografada por Francisco Cândido Xavier, em sessão pública realizada no Grupo Espírita da Prece, Uberaba (MG), na noite de 23 de Janeiro de 1981. As folhas foram numeradas ao serem anexadas a um processo judicial (Deus, 1980), no ano de 1983.

Foto: acervo pessoal da autora.

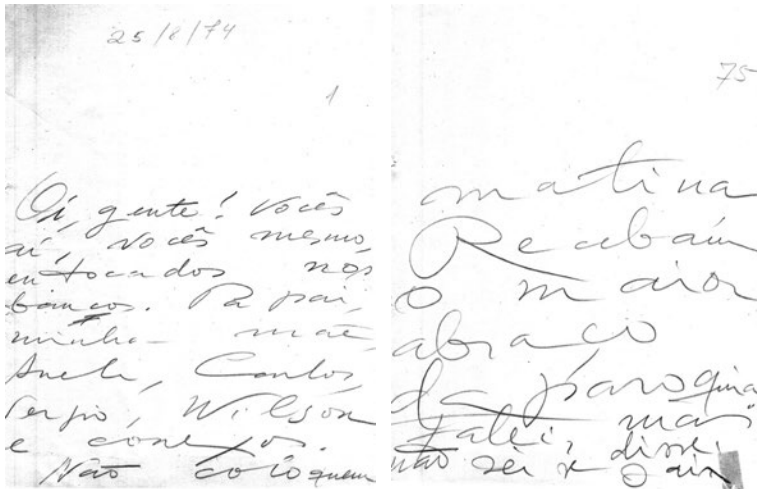


Figura 2 – A primeira e a última folha de uma carta atribuída ao espírito Jair Presente, psicografada em 25 de agosto de 1974, na Comunhão Espírita Cristã, Uberaba (MG).

Foto: acervo pessoal da autora.

A folha de papel é explorada, via de regra, de maneira parcial. A escrita ocupa metade da página, ou, no máximo, dois terços dela, devido, principalmente, à presença de um auxiliar durante a sessão pública de psicografia (figura 3).



Figura 3 – Fotografia de uma sessão pública de psicografia de cartas familiares. À esquerda, Chico Xavier, escrevendo durante o transe mediúnico. À direita, sra. Zilda Batista, auxiliar do médium.

Foto de Leo Correa, Agência O Dia (Correa, 2010).

Encarregado de retirar as folhas diante do médium, ordenando-as (ou de repô-las, quando necessário), é comum que o auxiliar as segure com as pontas dos dedos, de maneira a fornecer maior apoio à escrita, realizada, pelo psicógrafo, de olhos fechados e de modo consideravelmente veloz – a lápis,<sup>14</sup> na maioria das vezes. Por

14 No final da década de 1980, o uso do lápis por Chico Xavier foi interrompido, dando lugar à caneta. Severino (1992, p.22) esclarece: “Com o agravamento do estado de saúde do medianeiro, em decorrência da insuficiência cardíaca, as mensagens são recebidas, atualmente, com a utilização, não do lápis, mas de canetas esferográficas, a fim de que a letra fique mais firme”.

oferecer menor resistência (aspecto positivo à escrita mais rápida) e não apresentar falhas, como no caso das canetas, o lápis mostra-se como um instrumento de inscrição bastante conveniente à prática psicográfica. O mais comum é a colocação de vários lápis próximos às folhas, de maneira a permitir sua rápida substituição no caso da quebra do grafite (ponta) ou mesmo de seu desgaste. A presença de uma audiência reflete-se, sobretudo, no caráter aberto da carta (o que pode ser confirmado, também, pela posterior publicação das cartas, evidenciando um interesse “coletivo” por seu conteúdo). Com o desfecho da cena psicográfica, há a leitura da carta, em voz alta, pelo próprio médium, a fim de que os presentes, familiares do “autor espiritual” e desconhecidos, tomem conhecimento de seu conteúdo, identificando o(s) destinatário(s).

A hierarquia canônica na composição da carta psicográfica é a mesma de uma carta típica, constituída de três níveis (abertura, corpo da carta e fechamento). Mas, como decorrência das coerções materiais, próprias das práticas implicadas em sua produção (práticas de escrita, mediúnic e epistolar), a carta psicográfica dispensa qualquer envelope ou mecanismo de identificação que especifique, com precisão, seu destinatário. Sem qualquer endereço de destino, a carta chega àqueles que estão presentes na audiência, ou, então, aos ausentes por eles identificados.

Vale ressaltar que a identificação do remetente, se dá, principalmente, por meio de dados comuns entre ele e o destinatário (ou, ainda, entre ele e um terceiro sujeito / actante). Essa estratégia é útil tanto como forma básica de especificação do destinatário da carta quanto para o estabelecimento do contrato fiduciário. A ancoragem discursiva, isto é, a instauração de coordenadas espaçotemporais (topônimos e cronônimos) e antropônimos (nomes de família), as referências compartilhadas, as informações de caráter íntimo, a caligrafia<sup>15</sup> etc., enquanto índices de identificação, são também

---

15 Em muitas cartas escritas por Chico Xavier há a presença de caligrafia ou assinatura semelhantes à do “autor espiritual” (remetente). Esse recurso se mostra como um forte gerador de efeitos de sentido de “autenticidade”,

comuns às cartas típicas, mas ocorrem, na carta psicografada, de forma bastante intensificada, em uma (re)afirmação contínua da identidade do remetente. A esse respeito, Schwartzmann (2009, p.19) esclarece que

Toda carta, e por extensão, toda correspondência, é fruto de ao menos uma identidade singular, de uma individualidade, que tem como objetivo manifestar e assegurar a existência de um sujeito. Ao evidenciar o sujeito que a escreve, ela permite [...] que o seu discurso seja aproximado do discurso do diário íntimo e mesmo da (auto)biografia, em que vemos processos de profunda concentração do sujeito sobre si mesmo, embora, na carta, o sujeito concentre-se menos e dirija-se também para fora de si, buscando o outro. É portanto a sua presença que instaura a própria comunicação epistolar, dando um primeiro passo na direção de outro(s) sujeito(s) – o que parece ser, então, a primeira característica intrínseca à carta.

Outro ponto de grande importância é a existência, nas cartas psicográficas, de uma orientação discursiva da doutrina espírita. Permeando tanto a prática de base quanto seu produto/objeto, essa orientação pode ser apreendida nos diversos níveis de imanência – do texto à prática, das estratégias às formas de vida – sobre as quais exerce, inegavelmente, coerções de ordem pragmática e cognitivo-passional.

Por obedecerem à mesma hierarquia de níveis das cartas típicas, as cartas psicográficas não se diferenciam, formalmente, em relação ao “tipo textual”. Seu aspecto composicional permite que sejam imediatamente reconhecidas como cartas: constituem, da mesma maneira, um espaço de interlocução, simulando o diálogo e estabelecendo um campo de presença, engendrando, assim, sujeitos epistolares. Esses pontos comuns com as cartas típicas não deixam dúvidas sobre o estatuto das cartas psicográficas,

---

tendo inspirado, inclusive, estudos a esse respeito, a exemplo do já referido *A psicografia à luz da grafoscopia* (Perandrea, 1991).

enquanto gênero (isto é, como a união de um “tipo textual” e um “tipo discursivo”, conforme propõe Fontanille). Por outro lado, é possível constatar, nestas últimas, um “padrão típico” que as caracteriza discursivamente e que nos permite tomá-las no interior de uma *prática* – dimensão mais ampla e, portanto, mais produtiva, para sua análise enquanto semiótica-objeto: a prática psicográfica epistolar.

## **Psicografia: a prática semiótica e sua configuração**

### **A cena prática da psicografia epistolar**

A cena predicativa ou cena prática pode ser compreendida como a forma pela qual a experiência de uma prática é manifestada (Schwartzmann, 2009, p.93). Sua apreensão se faz pela observação da prática, configurada na forma de uma cena, isto é, de um conjunto de predicados (processos) ou atos de enunciação, que instauram “papéis actanciais desempenhados, entre outros, pelos próprios textos ou imagens, por seus objetos-suportes, por elementos do ambiente, pelo transeunte, pelo usuário ou pelo observador, tudo o que forma a ‘cena’ típica de uma prática” (Fontanille, 2008a, p.23), além das relações modais e passionais existentes entre esses diferentes papéis.

Situando-se no núcleo das práticas, a cena prática permite a articulação entre a materialidade dos objetos e a dimensão pragmático-cognitiva das estratégias. Segundo Fontanille (apud Portela 2008b, p.105),

Uma prática [semiótica] é constituída em sua superfície por um conjunto de atos, cuja significação raramente é conhecida de antemão, e que se constrói “em tempo real” por adaptações desses atos em relação uns aos outros. Ela se define também por sua temática principal, que fornece o “predicado” central da prática, ao redor do qual se organiza um dispositivo actancial que compreende um



operador, um objetivo e, sobretudo, outras práticas com as quais a prática de base interage.

Uma vez que a cena predicativa permite a “narrativização” da situação semiótica (contexto), por meio de ajustamentos entre os atos/processos e articulações com outras práticas, torna-se fundamental partirmos de sua descrição para a caracterização de qualquer prática semiótica. É assim que passamos, pois, à caracterização da cena prática da psicografia epistolar, de maneira a delinear o estatuto semiótico-narrativo do médium psicógrafo.

De modo que possamos apreender a cena prática da psicografia epistolar, partiremos de narrativas acerca da escrita psicográfica de Chico Xavier, feitas pelo próprio médium ou, ainda, postas em circulação no universo da doutrina espírita – tanto por meio de reportagens e biografias quanto pela prática de edição que acompanhou a publicação de suas cartas.

A redução das narrativas a um conjunto de processos comuns possibilita-nos apreender a cena prática da psicografia epistolar, evidenciando sua configuração enquanto prática semiótica e, naturalmente, o estatuto semiótico-narrativo do médium psicógrafo. Para esse propósito, selecionamos duas narrativas que descrevem uma ‘sessão-padrão’ de psicografia de cartas familiares, ambas observadas no Grupo Espírita da Prece, Uberaba (MG).

A primeira delas, escrita pelo repórter Fenelon Almeida (2010, p.360-2), do jornal *O Povo*, de Fortaleza, Ceará, relata uma sessão de psicografia ocorrida na noite de 23 de janeiro de 1981:

Concluído o receituário, Chico Xavier (1)<sup>16</sup> voltou ao salão e reasumiu o seu lugar à mesa. Já era 24-01-81. Cumpridos aqueles minutos ou segundos iniciais de concentração mental (2) que precedem as manifestações medianímicas, ele começou a psicografar [...] A um lado do grande psicógrafo sentara-se o Sr. Weaker (3), incumbido de municia-lo de papel e lápis (4), quando se fizessem

---

16 A utilização de numeração presta-se à segmentação dos textos.

necessários (dezenas de lápis e centenas de folhas tipo ofício, sem pauta, foram utilizadas, naquela noite). Do outro lado, D. Zilda (5), encarregada de retirar as folhas, à medida que elas fossem sendo escritas. Com a mão esquerda espalmada sobre os olhos já embaçados por uma cegueira quase total e a outra a segurar um lápis, o médium passava para o papel, em grafia fluente, num ritmo impressionantemente rápido, torrentes de pensamentos que lhe passavam pelo cérebro, mas que não eram seus: partiam de fontes (6) para ele de certo não muito distantes, que nós, espectadores (7), sentíamos serem até facilmente sondáveis, mas só para ele, pois que, para nós outros, se perdiam no imponderável do Incognoscível. Eu não tive do que duvidar em Chico Xavier. Porque eu o vi a psicografar sem parar, durante quase três horas seguidas – de zero hora e trinta minutos até depois das três horas da madrugada do dia 24 de janeiro de 1981, enchendo folhas e mais folhas com mensagens mediúnicas (8). Por duas vezes, sem parar ou sequer diminuir o movimento automático de suas mãos, qual a fonte de uma máquina de saída IBM a deslizar vertiginosamente de um para o outro lado do papel, Chico Xavier chorou copiosamente. Eu vi as lágrimas que lhe desciam, ainda quentes pela gola do paletó [...] Concluída a psicografia, desenhou-se uma expectativa geral no salão. Pronunciada a prece de encerramento (9) da sessão, Chico Xavier imediatamente passou a examinar o volumoso material psicografado. Separou as páginas, mensagem após mensagem. A primeira – uma página doutrinária de Emmanuel – foi lida ao microfone (10) do sistema de auto-falantes do Grupo Espírita da Prece. Seguiram-se sete outros bilhetes procedentes do Além, enviados por pessoas que já deixaram o mundo “terrâqueo” (11) – que já “desencarnaram”, em termo de vocabulário espírita. Ao ser pronunciado o nome de um dos comunicantes, apareceram no seio da massa alguns familiares (12) seus, um dos quais se foi colocar, de pé, à esquerda do Chico, enquanto este fazia a leitura, para ele, a meia-voz, do texto da mensagem recebida. Terminada a leitura, o original foi entregue aos familiares do morto, que resolverão, por livre julgamento, se divulgarão ou não o teor da carta

que lhes foi confiada. A leitura dos recados restantes prosseguiu até as 4 e meia da manhã, quando o movimento no Grupo da Prece já estava sensivelmente reduzido.

O segundo relato, feito por Severino (1992, p.22), descreve uma sessão de psicografia pública, ocorrida no mês de julho de 1987, na mesma instituição, como segue:

Ao término do receituário, o médium (1) deslocava-se para a mesa no salão principal, onde os expositores (2) comentavam temas da Doutrina Espírita, procurando manter a harmonia espiritual do ambiente (3). Iniciava, então, a recepção da mensagem do mentor espiritual e dos familiares desencarnados (4), tarefa que se prolongava, não raro, madrugada adentro, como tivemos oportunidade de observar. Diante de um público (5) numeroso, duzentas a trezentas pessoas, por noite, o médium retira os óculos, cobre os olhos com a mão esquerda e, suavemente, inicia a escrita. O lápis (6) corre célere, captando seis, oito ou mais cartas-mensagens (7), três a quatro horas além da meia noite. O público não percebe a troca de espíritos comunicantes (8). Todas as mensagens são colocadas no mesmo bloco por uma paciente auxiliar (9), sra. Zilda Batista, abnegada cooperadora do Grupo Espírita da Prece que há cerca de trinta anos cumpre essa tarefa. Concluídos os trabalhos, o presidente, sr. Weaker Batista (10), chama em voz alta o destinatário, que se mantém em pé, próximo à cabeceira da mesa, enquanto o próprio médium procede à leitura da carta (11). São momentos de indisfarçável emoção para muitos, de vitória sobre a perplexidade de outros e de abalo do ceticismo para alguns. E, sem dúvida, de algumas decepções porque, segundo expressão do médium, “o telefone toca de lá para cá” e não como se supõe “de cá para lá”.

Ao examinarmos as duas narrativas, podemos notar a presença de oito elementos comuns, recorrentes na descrição dos processos (predicados/atos) que compõem a cena prática da psicografia epistolar: 1) o médium; 2) o público/familiares; 3) o(s) espírito(s);

4) a(s) carta(s); 5) os auxiliares do médium; 6) o lápis e o papel; 7) a concentração e/ou a prece inicial/final; 8) a leitura da carta.

Essa primeira classificação nos mostra a existência dos mesmos actantes (nível narrativo) e atores (nível discursivo) em ambos os relatos, como pode ser visto no quadro 6:

Quadro 6

Actantes	Atores	Narrativa	
		I	II
Sujeito operador (S1)	O médium	(1)	(1)
Destinatário (S2)	O público / os familiares	(7), (12)	(5)
Destinador (S3)	O(s) espírito(s)	(6), (11)	(4), (8)
Objeto (Ov)	A carta	(8)	(7)
Adjuvante (S4)	Os auxiliares do médium	(3), (5)	(2), (9), (10)
Oponente (S5)	O “corpo” do médium	Ausente <sup>17</sup>	Ausente

A observação dos actantes e atores instaurados na cena predica-tiva permite-nos determinar seus estados, suas transformações e as relações que eles estabelecem entre si.

Desse modo, o estado inicial do sujeito destinatário (S2) – discursivamente representado pelo público e pelos familiares – em relação a seu objeto de valor é o de disjunção. Seu programa de busca inicial pode ser assim traduzido:

### S2 U Ov

Nesse enunciado, “Ov” representa o objeto *crer* (“crença”) na comunicação com os espíritos/mortos, figurativizada pela carta (objeto de valor). Para que esse sujeito possa entrar em conjunção com o objeto, é preciso que ele recorra ao médium, narrativamente expresso por S1.

17 Embora ausente nas narrativas de Almeida (2010) e Severino (1992), o oponente (S5) é representado pelo próprio corpo do médium que, enquanto matéria, impõe dificuldades ao domínio do espírito (Xavier, 2005, p.129). Essa relação é evidenciada no excerto comentado adiante, na página 72 deste livro.

O médium, como sujeito (S1), encontra-se em conjunção com o valor modal *crer* e com um dado saber (objeto cognitivo), que deve ser transferido aos familiares enlutados, mais especificamente, e ao público, de uma forma geral (ambos representados por S2). Embora deva transferir o valor modal que lhe é imputado (pela própria fé), o sujeito S1, em momento algum, é privado dele.

Por meio de um programa de uso, o médium (S1) deve fazer que o sujeito destinatário (S2) entre em conjunção com seu saber, de maneira que este passe de um estado de descrença para um estado de crença:

$$F(S1) \Rightarrow [(S2 \cup Ov) \rightarrow (S2 \cap Ov)]$$

Manipulado pela própria crença (Santana Jr., 2001, p.29), que o leva a executar seu fazer, o médium torna-se o sujeito de um *dever-fazer-crer*, cujo destinador (S3) é figurativizado, na narrativa, pelo(s) espírito(s) que, enquanto um “sujeito transcendente”, manifesta-se pelo resultado do fazer do sujeito operador médium. A fé, como *intimidação*, implica um *dever-fazer* intrínseco, que o autoriza a exercer sua função de medianeiro e o impele, ao mesmo tempo, a um *fazer-crer* que garante a conservação de seu prestígio.

Estabelecem-se, assim, dois programas narrativos para o destinatário (S2): um para o sujeito que crê e um para o sujeito que não crê. No primeiro, a manipulação é representada pela modalidade *dever-crer / dever-saber*. No segundo, a manipulação se dá por meio da *tentação*, a partir da curiosidade – compreendida enquanto a falta de um saber. Sua modalidade é a do *querer-crer / querer-saber*.

O público presente funcionaria como uma *provocação* ao médium, uma vez que o incita à transmissão da mensagem, por meio da escrita psicográfica. Possuidor de um saber e de um poder para a obtenção da comunicação com os espíritos, o médium (S1) é encarregado de um *fazer-crer*, a fim de que o público e os familiares (S2) acreditem no caráter “verdadeiro” da carta / mensagem (programa de uso). Cumprido o programa de uso, cumpre-se também o

de base: a conservação do prestígio do médium, com a validação de sua autoridade e confiabilidade.

Durante o transe, o médium (S1), actante dual, e o espírito (S3) comungam do mesmo corpo. Segundo Santana Júnior (2001, p.51), o espírito, ao manifestar-se por meio do médium (S3 manifesta-se por S1), passaria por “uma espécie de personificação”, enquanto o médium, ao “receber o espírito” (S1 torna-se S3), sofreria um processo de “espiritualização” (sacralização). Santana reforça que, na concepção kardecista, o médium é chamado de “aparelho” (mediúnico/medianímico), termo que denotaria uma aparente reificação, “uma vez que, em transe, o médium não pode agir por si mesmo”.

Em relação ao processo de reificação do médium, durante o transe, é interessante observar o depoimento de Chico Xavier, relatando sua própria experiência como psicógrafo. Em entrevista concedida ao programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, por ocasião de seu septuagésimo aniversário, em abril de 1980, o médium explica como ocorreria a psicografia por seu intermédio:

Repórter: Como é que é feito esse intercâmbio entre o senhor e esses espíritos?

Chico Xavier: Olha, desde 1927, eu observo que os nossos amigos espirituais *usam o meu braço* como se fosse um *apetrecho de eletricidade*. É como se eles ligassem o braço deles sobre o meu.

Repórter: E a mente?

Chico Xavier: *A mente não funciona* em se tratando da mensagem. Eu *desconheço o que o espírito desencarnado está escrevendo*, mas, na maioria das vezes, sinto o contato mental com o comunicante, tanto assim... o contato com o [espírito] comunicante me fornece impressões muito além da mensagem escrita.<sup>18</sup>

---

18 O texto aqui transcrito é parte de uma entrevista concedida por Chico Xavier ao programa *Fantástico*, em abril de 1980 (*Fantástico*, 2011).

A referência ao ano de 1927, ano em que Xavier iniciou suas experiências como psicógrafo, remete-nos a outro importante relato, feito por ele no prefácio de *Parnaso de além-túmulo* (1932). Aludindo aos poemas que escrevia sob a influência de “poetas mortos”, o médium descreve as sensações decorrentes do transe mediúnico, durante a psicografia:

A sensação que sempre senti... era a de que *vigorosa mão impulsio-nava a minha*.<sup>19</sup> Doutras vezes, parecia-me ter em frente um volume imaterial, onde as lia e copiava; e, doutras, que alguém mas ditava aos ouvidos, *experimentando sempre no braço*, ao psicografá-las, *a sensação de fluidos elétricos* que o envolvessem, acontecendo o mesmo com o *cérebro*, que se afigurava *invadido por* incalculável número de *vibrações indefiníveis*. Certas vezes, esse estado atingia o auge, e o interessante é que *parecia-me* haver ficado *sem o corpo*, não sentindo, por momentos, as menores impressões físicas. É o que experimento, fisicamente, quanto ao fenômeno que se produz frequentemente comigo. (Xavier, 2006, p.35)

Em ambos os relatos, o médium descreve suas sensações ao longo do processo de psicografia, posicionando-se tal como se fosse um instrumento, “um apetrecho”, uma máquina de escrita. É assim, também, que o repórter Fenelon Almeida compara o movimento automático das mãos de Xavier à “fonte de uma máquina de saída IBM a deslizar vertiginosamente de um para o outro lado do papel [...]”.

A mente vazia, “sem funcionar”, ou, então, preenchida por “vibrações indefiníveis”, a ponto de lhe causarem a sensação de ter ficado “sem o corpo” são apontados, por Chico Xavier, como sinalizadores da presença de um espírito agindo sobre ele. Na condição de “aparelho”, o médium converte seu corpo em objeto, que atribui ao espírito sem, por isso, ser dele privado. A transferência do corpo como objeto modal, cuja circulação se dá entre dois espíritos, está

---

19 Grifo nosso.

na base dos processos de “espiritualização” (do médium) e de “personificação” (do espírito), anteriormente citados.

Outro ponto a ser destacado é que, enquanto sujeito operador, o médium (S1) só pode transmitir o objeto de valor (crer) ao público/aos familiares (S2) na presença (manifestação) de um espírito (S3).

Por fim, os programas de uso e de base, ao serem concretizados, resultam em duas conjunções: a do público/dos familiares (S2) com o objeto de valor (crer) e a do médium (S1) com a preservação de seu prestígio (poder).

Além dos actantes já citados, há também o adjuvante e o oponente. Enquanto auxiliar positivo, o adjuvante é um actante (diferente do sujeito do fazer), que contribui com seu auxílio para a realização do programa narrativo do sujeito. O oponente, por outro lado, exerce o papel de “auxiliar negativo”, impondo obstáculos à realização do programa narrativo do sujeito (Greimas; Courtés, 2008, p.23-4).

Com base nas narrativas feitas por Almeida (2010) e Severino (1992), podemos observar a função de adjuvante (S4) do auxiliar do médium psicógrafo, discursivamente representados por Zilda e Weaker Batista. Ao exercerem a transferência de objetos de valor modal (lápiz e papel) para o médium, os adjuvantes “auxiliares” concorrem para a execução de seu programa de uso (o *fazer-crer*, pela psicografia de cartas).

A função do lápis e do papel, aliás, pode ser definida como a de adjuvante, por permitir um “poder-fazer” por parte do sujeito-médium. É a partir desses objetos modais que ele pode realizar seu programa de uso, pela escrita da carta. Denominados de “objetos rituais” (atores do ritual), eles são investidos de valor modal (Santana Jr., 2001, p.42), cuja posse mostra-se fundamental, por exemplo, para a realização da sessão de psicografia.

O oponente (S5), por sua vez, ainda que ausente nas narrativas de Almeida (2010) e Severino (1992), é constituído pelo próprio corpo do médium que, enquanto matéria, impõe dificuldades ao domínio do espírito. Na carta escrita por Chico Xavier e atribuída ao espírito Jair Presente, a comunicação mediúcnica é tratada como



um exercício sincronizado, em que médium e espírito devem “falar em dupla”:

Mediunidade é transmissão. Tarei na onda certa? Creio que sim, embora não tenha as palavras para explicar. Vocês agora aí tão interessados em comunicação, saibam disto: cada um dá o que tem. Isto pode ser de coisa passada, mas é muito válido.

A gente aproxima do médium e quer falar, e aí temos de guntar o assunto, porque *só falamos em dupla*; o médium quando não tem muito exercício nos passa prá trás e fala na frente. Vocês ficam parados na fachada e esquecem *a faixa em que nos achamos*. Por isso, Wilson, é que nestes casos que hoje vemos é melhor que a cuca não fique botando banca. É hora do coração conversar. (Xavier, 2005, p.129)

De acordo com esse excerto, somente o exercício da mediunidade, para o estabelecimento da sintonia entre o médium (sujeito operador) e o espírito comunicante (sujeito destinador) poderiam superar a distância entre os planos da matéria e do espírito, sincronizando o *querer-fazer* (querer-comunicar) do espírito (S3) e o *saber-fazer* (saber-comunicar) do médium, de modo a assegurar a comunicação.

Essa sincronização nos faz ainda considerar a articulação, em um nível pragmático, entre o transe e a escrita. Enquanto processos (práticas) distintos, mas, por razões práticas, síncronos, tanto o transe quanto a escrita podem ser relacionados e observados, naturalmente, quando se levam em conta os ajustamentos ou adaptações necessários a sua articulação, isto é, sua dimensão estratégica.

Quando analisamos as narrativas de Almeida (2010) e Severino (1992), podemos traçar um paralelo entre as fases do transe e as fases da escrita de Chico Xavier. Após a concentração e a prece inicial, o médium “retira os óculos, cobre os olhos com a mão esquerda e, *suavemente, inicia a escrita*” (Severino, 1992, p.22).

O transe não pode ter início senão depois de um “distanciamento” (ao menos visual) do médium em relação ao público que

o observa. A mão sobre os olhos oferece, também, um apoio para a cabeça, ao longo da sessão de psicografia, tornando-o, nesse momento, mais receptivo (como consequência do relaxamento físico). Só então o lápis “corre célere” (ibidem, p.22), em ritmo “impressionantemente rápido” (Almeida, 2010, p.361).

O transe e a escrita permanecem em plena sincronia durante as três ou quatro horas pelas quais a psicografia se estende. Almeida (idem, p.361) relata:

[...] o médium passava para o papel, em grafia fluente, num ritmo impressionantemente rápido, torrentes de pensamentos que lhe passavam pelo cérebro, mas que não eram seus [...] eu o vi a psicografar sem parar, durante quase três horas seguidas – de zero hora e trinta minutos até depois das três horas da madrugada do dia 24 de janeiro de 1981, enchendo folhas e mais folhas com mensagens mediúnicas.

Ao longo do transe, as emoções do médium emergem, sem que ele interrompa a escrita. Em vez de diminuir, seu ritmo e fluxo parecem aumentar ainda mais. Como num ápice entre as duas práticas, nesse momento, sua mão “desliza vertiginosamente” sobre o papel, enquanto lágrimas descem “ainda quentes pela gola do paletó” (ibidem).

Infelizmente, nenhuma das narrativas utilizadas para nossa análise descreve o modo como se dava o término da escrita de Chico Xavier (se repentina ou paulatinamente). Mas é interessante notar como as duas práticas – a da escrita e a mediúnica – se concatenam na escrita psicográfica.

O transe mediúnico, como prática de base, regula, por sua vez, a prática da escrita. O ritmo da primeira determina o da segunda, em um processo de articulação que envolve estratégias e ajustamentos entre práticas. Segundo Fontanille (2008a, p.29),

[Na passagem] do *texto-enunciado* e do *objeto à prática*, acrescentamos a dimensão do espaço tridimensional de uma cena, como outras propriedades temporais (“aspecto e “ritmo” da prática, sobretudo)

etc. Nesse caso, são estruturas espaciais e temporais independentes do texto e do objeto que acolhem, localizam e modalizam as interações entre os participantes da prática: podemos então, com propriedade, falar aqui de uma *dimensão* “*topocronológica*” da cena predicativa. Essa progressiva automatização das propriedades espaçotemporais em relação às figuras pertinentes (atores, objetos etc.) conduz às estratégias, no sentido em que, nesse caso, são regimes temporais e dispositivos espaciais igualmente “abstratos” que determinam tipos de ajustamento entre as práticas.

A noção de ajustamento pode ser compreendida como adaptações estratégicas que permitem a uma dada prática ser submetida a um determinado número de coerções próprias tanto “de práticas concorrentes já engajadas” quanto de “normas e regras que preexistem à construção de toda ocorrência particular”. Para Fontanille (idem, p.54), é fundamental que o analista considere o “fator inevitável da programação externa”. Como forma de garantir sua eficiência, toda prática estabelece-se por meio de um “ajustamento progressivo” que implica a criação de um percurso que confere estabilidade a sua significação, frente às coerções de outras práticas, com as quais se articula.

Por fim, retomando as narrativas de Almeida (2010) e Severino (1992), podemos apontar ainda outros procedimentos (programas de uso) nelas presentes, tais como os de “concentração e/ou a prece inicial/final” e o de “leitura da(s) carta(s)”, que podem ser vistos nos respectivos trechos:

#### Quadro 7

<i>Programas de uso</i>	<i>Narrativa I</i>	<i>Narrativa II</i>
Concentração e/ou a prece inicial	(2)	(3)
Prece final	(9)	Ausente <sup>20</sup>
Leitura da(s) carta(s)	(10)	(11)

20 A prece final é omitida na narrativa de Severino (1992), mas configura-se como procedimento típico em todas as práticas doutrinárias espíritas (as reuniões mediúnicas privativas e públicas, as palestras, os grupos de estudo, entre outros, são sempre iniciados e finalizados com a prece).

A “concentração e/ou a prece inicial” estabelece-se como um programa de aquisição de competência, por meio do qual o sujeito médium (S1) torna-se apto ao estado de transe. A prece final, por outro lado, marca o fim do estado de transe; o sujeito operador “médium”, com seus sentidos recobrados e em disjunção com o destinador (S3), sela o término da escrita mediúmica com o agradecimento pelas comunicações mediúnicas concedidas e pelo auxílio do plano espiritual, para a realização da sessão. Assim, tanto a prece inicial quanto a final correspondem a procedimentos de temporalização discursiva (Barros, 2002, p.89), que instauram uma cronologia para os programas narrativos realizados ao longo da sessão de psicografia.

A leitura da(s) carta(s), como programa de uso, reforça o programa de base do sujeito (S1), em seu *fazer-criar*. No nível pragmático, o médium, ao ler a carta para o destinatário tende a afirmar o caráter da mensagem como “verdadeiro”, exercendo uma função persuasiva.

Em linhas gerais, a cena prática da psicografia epistolar pode ser assim descrita. Ao reconstruirmos sua programação, pretendemos tê-la organizado de forma a analisar tanto sua coerência quanto seus ajustamentos ou adaptações, imprescindíveis ao estudo das práticas semióticas.

## **Enunciação e contrato no texto epistolar psicográfico**

Até o momento, tratamos das cartas psicografadas por Chico Xavier como produtos de uma prática bastante peculiar: a psicografia epistolar. Percorremos seu histórico, abordamos a problemática do gênero e, por último, procedemos à caracterização de sua prática. A partir dessas considerações, retomaremos o nível de pertinência do texto-enunciado, lançando nosso olhar sobre o funcionamento do texto psicográfico.

Ao tomarmos as cartas de Chico Xavier como *cópus* de pesquisa, propusemos, em nosso objetivo geral, compreender como se opera a construção das diferentes identidades presentes em sua

epistolografia. Entretanto, é preciso antes determinar quais são os mecanismos enuncivos e enunciativos envolvidos na construção da identidade do enunciador e no estabelecimento do *contrato de veridicção*, que assegura o funcionamento do texto no nível discursivo. É precisamente sobre as relações entre enunciador e enunciatário, bem como os procedimentos de *manipulação*, *persuasão* e *veridicção* que nos ateremos nesta seção.

O exame das cartas psicográficas<sup>21</sup> constituintes do *cópus* adotado evidenciou-nos algumas particularidades próprias da prática em que são inseridas. Entre elas, podemos destacar a utilização intensiva da ancoragem discursiva; a contínua (re)afirmação/reiteração da “identidade” do enunciador (concebida enquanto efeito de sentido); e a recorrência de referências externas e de intertextualidade com a literatura espírita. Os efeitos de “verdade” gerados por tais recursos tornam-se bastante perceptíveis a partir da observação da totalidade discursiva.

A carta típica, em sua matriz de produção textual pressupõe um sujeito que, no intento de se fazer presente a seu destinatário, “se esgota em dar conta de seu próprio presente” – o presente de sua enunciação, que pode ser resumido na frase “Aqui, agora, eu estou te escrevendo, a ti”. Desse modo, ao colocar-se em cena, o enunciador deve expressar a intenção que o move, seus estados de alma e as motivações que o “fazem escrever”, em um processo que pode ser resumido em um “contar indefinidamente os circunstantes imediatos do próprio ato de escrever ou, na falta de coisa melhor, de sua dolorosa impossibilidade” (Landowski, 2002, p.177).

Submetidas a essa coerção, própria da prática epistolar, tanto as cartas típicas quanto as psicografadas compartilham, assim, de um mesmo empenho pela construção de um “presente absoluto”, que permite a convocação dos sujeitos da enunciação em um ato de presentificação recíproca.

---

21 As observações que fazemos nesta seção acerca do funcionamento do texto psicográfico são fundamentadas nas análises de nosso *cópus* de pesquisa, contidas no capítulo 3 deste livro.

Entretanto, é possível observar nas cartas psicografadas um elemento distintivo: a construção de um simulacro de remetente que se esforça, continuamente, por se reafirmar, por se fazer identificar pelo destinatário, como forma de assegurar sua existência. Além de invocar a presença do outro, de seu destinatário ausente, por “uma espécie de bricolagem” – feita a partir de “sobras de sentido” e figuras fragmentárias”, nas palavras de Landowski (idem, p.169) – é preciso que o sujeito-remetente reconstrua, fragmentariamente, a própria face, que, como num grande mosaico, ressurgir diante do outro. Instaure-se, assim, um “campo de presença”.<sup>22</sup>

É no compartilhamento desse campo de presença que se estabelece o contrato fiduciário entre enunciador e enunciatário. A adesão deste último, aliás, é o que garante a continuidade da comunicação epistolar.

Esse empenho do enunciador para se inscrever no presente de seu enunciatário resulta em uma “espécie de negação simbólica da ausência física de seu destinatário”, ou, mais precisamente, de sua presença semiótica enquanto enunciatário (ibidem). Na carta psicográfica, a construção da presença semiótica do enunciador é um processo contínuo e enfatizado, o que resulta em um efeito de sentido de negação de sua ausência física (ou de sua morte física) e, conseqüentemente, na afirmação uma existência *post-mortem* (ou de uma vida espiritual).

Essa reconstrução fragmentária e sua reiteração dão origem a uma “imagem de enunciador” (ou *éthos*, noção que será aprofundada no capítulo 3 deste livro) que é marcada por recorrências de diversas ordens: as isotopias figurativas e temáticas; a axiologia; a utilização de referentes comuns; e o estabelecimento de um léxico epistolar particular. Esses elementos, além de permitirem a apreensão de uma imagem de enunciador, possibilitam a instauração de um campo

---

22 Para Fontanille (apud Schwartzmann, 2009, p.188), é no campo de presença que ocorrem as trocas intersubjetivas entre os interlocutores da troca epistolar; materializando-se e mesmo corporificando-se, o “eu” busca trazer para perto de si o “tu” deslocado no tempo e no espaço, instaurando a presença de um “nós”, em nome de quem escreve.

discursivo compartilhado, no qual os sujeitos epistolares “podem ter um mesmo horizonte de experiência e de valores” (Schwartzmann, 2009, p.188-9).

Nas cartas psicográficas, podemos perceber a utilização intensa de um grande número de informações presumidamente compartilhadas entre enunciador e enunciatário, recobrando a superfície discursiva em uma intrincada rede de referências. Como efeito de sentido, há, a todo o momento, a reafirmação do caráter “verossímil” da carta, visto, no universo doutrinário espírita, como um suposto indício de comunicação com os mortos.

Como dissemos anteriormente, as cartas analisadas apresentam uma forte ancoragem, realizada por meio de topônimos e cronônimos (índices espaçotemporais, como nomes de locais e datas), além de antropônimos (nomes de pessoas – familiares, especialmente). Outros elementos, tais como informações sobre os vínculos entre os familiares; informações íntimas, restritas ao remetente e ao destinatário da carta, por exemplo; e a utilização de um léxico específico (e compartilhado) pelo enunciatário, reconhecível, pelo destinatário, mostram-se como geradores de efeitos enunciativos de alto poder persuasivo, concorrendo diretamente para a adesão do enunciatário-destinatário ao contrato de veridicção.

A instauração de efeitos de verdade e de identidade é característica do gênero epistolar, ocorrendo tanto nas cartas típicas quanto nas psicográficas. Entretanto, há um aspecto que as diferencia significativamente. Nas cartas típicas, o enunciador-remetente se identifica de forma breve – pelo nome e endereço inscritos no envelope, pelas informações contidas no cabeçalho, pelas formas de tratamento usualmente empregadas, por referências compartilhadas e por sua assinatura, próprios do gênero e do sistema postal no qual este se insere – antes de passar ao motivo principal de sua escrita: a própria narrativa do cotidiano. Já nas cartas psicográficas, essa etapa de identificação é estendida, tornando-se mesmo a razão principal da narrativa: “estou aqui e falo”. É preciso identificar-se exaustivamente para ser crível.

Em termos narrativos, o sujeito da carta psicografada necessita passar por uma fase de aquisição de competência para que seu dizer

seja crível, fase esta que é sempre evidenciada e *estendida*. Nas cartas típicas, por outro lado, essa fase se encontra geralmente implícita e *condensada*.

Entendida, sob a perspectiva greimasiana, como o “dizer-verdadeiro” (e não como uma “verdade” referencial), a *veridicção* é um *efeito de sentido de “verdade”* (um parecer verdadeiro) produzido pelo sujeito da enunciação. Há a manipulação do enunciatário pelo enunciador, que emprega recursos geradores da verossimilhança do discurso, a qual, se aceita pelo enunciatário como verdadeira (adesão), estabelece um “acordo tácito” (de confiança) entre eles: o *contrato de veridicção* ou contrato fiduciário (Greimas; Courtés, 2008).

Para Greimas, o contrato de veridicção baseia-se na interação entre os protagonistas do discurso, na estrutura de troca que lhe é subjacente. Envolvendo o fazer persuasivo do enunciador – que propõe o contrato – e o fazer interpretativo do enunciatário – que tem o poder de aderir ou não ao contrato proposto – o contrato de veridicção é engendrado em um nível cognitivo e sua *adesão* pode ser compreendida como a base da sanção, isto é, da aceitação do contrato.

Para que o contrato de veridicção se estabeleça é necessário haver um *crer-verdadeiro* tanto por parte do enunciador (proponente) quanto por parte do enunciatário. É nessa reciprocidade entre os parceiros da enunciação que repousa a base da eficiência contratual.

De acordo com Sobral (2005, p.126-9), o contrato de veridicção pode ser concebido em duas fases: a *fase preliminar* e a *fase de estabelecimento do contrato*.

Constituída de dois níveis superpostos, a *etapa preliminar*, de teor cognitivo, inclui tanto o *fazer persuasivo* do enunciador, na busca pela adesão (fazer-crer), quanto o *fazer interpretativo* do enunciatário, que pode ou não aderir ao contrato proposto.

Já a fase de *estabelecimento do contrato* abrange três fazeres, que podem ser sistematizados do seguinte modo:

- o *fazer veridictório*: traduz-se na *inscrição de marcas*, pelo enunciador, que permitem que o enunciado seja lido como verdadeiro/falso ou mentiroso/secreto;



- o *fazer epistêmico*: envolve a *interpretação* do teor veridictório do enunciado, *por parte do enunciatário*, considerando as atitudes epistêmicas coletivas e os sistemas de conotações veridictórias, ou seja, os mecanismos que geram um efeito de sentido de “verdade”;
- o *fazer fiduciário*: consiste no *agir* que leva o enunciatário a confiar ou a esperar mais do que seu próprio fazer epistêmico autoriza, implicando uma adesão efetiva/afetiva.

O fazer fiduciário leva-nos ainda a duas importantes noções: a de persuasão e a de manipulação. O enunciador, por desempenhar um papel de destinador-manipulador, torna-se responsável pelos valores do discurso, sendo capaz de levar o enunciatário a *crer* e a *fazer*. É justamente nesse sentido que o fazer persuasivo leva à realização do fazer manipulador, no discurso (ibidem, p.130).

Quanto a essas noções, é importante destacar, nas cartas psicográficas, a utilização de um tom afetivo/“consolador” por parte do enunciador-destinador em relação ao enunciatário-destinatário. Ao tomarmos os simulacros do remetente “morto” e do destinatário “familiar” (pai, filho, irmão ou cônjuge) podemos perceber, por parte do primeiro, um procedimento de “consolar para doutrinar”. É consolando os familiares enlutados – por meio da reiteração da sua existência *post-mortem* – que o remetente os persuade a agir de modo diferente. A quebra do luto por meio de ações assistenciais em benefício dos mais necessitados; a busca por verter o amor pelo ente falecido em cuidados com “o próximo”; o estímulo ao perdão, entre outras indicações/conselhos mostram-se como elementos fundamentais para a análise de textos que têm como orientação discursiva a doutrina espírita.

A compreensão das noções de *veridicção*, *persuasão*, *manipulação* e *contrato* fornece-nos subsídios importantíssimos ao estudo da carta psicográfica como objeto semiótico. Utilizadas ao longo de nossas análises, tais noções nos auxiliam a entender como se dão os processos de busca por um “estatuto de verdade” ou de “autenticidade” pelo enunciador, nas cartas psicográficas, bem como as formas pelas

quais ele exerce a persuasão e a manipulação, no estabelecimento do contrato fiduciário.

De modo geral, essas são as principais características que determinam o funcionamento do texto epistolar psicográfico, que veremos com maior detalhamento no capítulo 3, e que surgirão igualmente no capítulo 2, a seguir.



## 2

# A EDIÇÃO DAS CARTAS PSICOGRAFADAS

*[...] a pesar de la destinación, la dirección y el gesto del envío, no es seguro que las cartas estén destinadas a un completo arribo. Siempre contemplan la posibilidad de no arribar o de arribar transformadas en el trayecto, porque las cartas son potencialmente traicioneras.*

Nora Esperanza Bouvet, em  
*La escritura epistolar.*

Transpondo os limites de sua prática de base – a psicografia ou escrita mediúnica – as cartas de Chico Xavier podem ser também analisadas no âmbito de uma *prática de edição*, na qual o texto epistolar psicográfico associa-se a outros elementos, por causa de coerções impostas por seu objeto de inscrição, o livro, e por sua estratégia de (re)produção e de circulação, o trato editorial.

Para compreender o funcionamento da carta psicografada enquanto objeto semiótico é preciso, como já vimos, percorrer um trajeto que perpassa seus diversos níveis de pertinência, considerando tanto o plano do conteúdo quanto o plano da expressão, de forma a abarcar seus processos de produção de sentido. Restringir a análise da carta psicográfica ao nível do texto-enunciado nos

revelaria, portanto, apenas uma faceta de sua constituição. Para Fontanille (2008a, p.24-5),

[...] no nível de pertinência do texto, a enunciação só é pertinente se está ali representada (enunciação enunciada), enquanto a enunciação dita “pressuposta” é um puro artefato que não pode ser observado. Mas, no nível de pertinência dos objetos-suportes, e até mesmo no das práticas que os integram, a enunciação encontra toda a sua pertinência: os atores então ganham um corpo e uma identidade, o espaço e o tempo da enunciação lhes dão uma ancoragem dêitica e os próprios atos da enunciação podem inscrever-se figurativamente na própria materialidade dos objetos de inscrição [...].<sup>1</sup>

Diante da necessidade de definir, descrever e analisar um objeto até então inexplorado, sob a perspectiva de uma semiótica da linguagem, partimos da instância dos textos-enunciados (texto psicográfico epistolar) em direção a seu objeto-suporte (carta psicografada), de maneira que chegássemos, assim, a sua cena prática (a prática psicográfica). Configurada a prática psicográfica, pudemos observar sua articulação com a prática de edição, no nível da conjuntura. Assim, em um movimento de integração ascendente, atingimos a instância estratégica de nosso objeto cujas relações com a prática de edição implicam “adaptações estratégicas” ou “ajustamentos” progressivos que lhe conferem eficiência, assegurando sua existência em um universo cultural.

O *princípio de integração*, de acordo com Fontanille (idem, p.33-4), é o que permite “com que os textos inscritos nos objetos, eles mesmos implicados nas práticas, não tenham o mesmo estatuto, nem tenham todos o mesmo ‘sentido’”. Segundo esse princípio, é possível dizer que o texto psicográfico, quando inscrito em uma carta, não necessita fornecer ao leitor informações adicionais sobre o modo

---

1 Fontanille (2008a, p.25) cita a carta e seu envelope colado ou rasgado como um exemplo de como os atos da enunciação podem se inscrever figurativamente na materialidade de seus objetos de inscrição.

como a prática se configura ou como ela deve funcionar; por outro lado, quando o texto psicográfico é inscrito em um livro, deve vir acompanhado, necessariamente, de informações que permitam ao leitor compreender a forma como a prática se organiza – tarefa essa que é desempenhada pelo editor.

Desse modo, o texto inscrito na “carta” psicografada integra um movimento ascendente (modo canônico), em que se incorpora ao objeto e à prática que o gera (a prática psicográfica); por outro lado, o texto epistolar inscrito no livro (a coletânea de cartas psicográficas) integra um movimento descendente, em que a prática (editorial) prefigura discursivamente o texto. Temos, assim, textos que admitem um duplo movimento de integração (ascendente e descendente), e para os quais a hierarquia dos níveis, formalizada por Fontanille (idem, p.33-4), pode se revelar como uma metodologia de grande valor heurístico.

A integração descendente, especificamente, possibilita a textualização da prática de edição,<sup>2</sup> bem como da sua *estratégia* editorial (ibidem, p.36), e, simultaneamente, da prática epistolar psicográfica. Como reflexo direto desse movimento, é possível observar uma clara segmentação do texto em gêneros ou tipos de discursos diferentes: o *prefácio*, normalmente escrito pelo médium e atribuído a um espírito “protetor”; a *apresentação* (da obra e dos autores) e os *comentários*, ambos escritos pelo editor; e as *cartas*, escritas pelo médium psicógrafo.

Incorporados ao mesmo objeto-suporte, o livro, esses gêneros constituem planos de enunciação que se articulam mutuamente, possibilitando algumas interações possíveis: 1. A seleção de cartas pelo editor; 2. A revisão das cartas pelo editor; 3. A proposição, ao psicógrafo, de modificações nos textos, por parte do editor (caso

---

2 Na prática de edição das cartas psicográficas, não há diferenciação entre o papel do editor/organizador e a do redator, como descreve Fontanille em sua análise “O caso das Ligações Perigosas” (2008a, p.35-8). Todas essas tarefas são assumidas, via de regra, por uma só pessoa. Para simplificar, chamaremos o conjunto desses procedimentos de *prática de edição*, e de *editor* ao indivíduo que os executa.

seja necessário);<sup>3</sup> 4. A sugestão de modificações textuais por parte do psicógrafo; 5. A persuasão por parte do editor, com sinceridade e boa-fé, de seu grupo de possíveis leitores, tanto por meio das apresentações e comentários quanto pelo uso de outros recursos de edição (que veremos, detalhadamente, na Seção “A compilação das cartas de Chico Xavier”).

Um efeito da integração descendente, nesse caso, é a criação de efeitos de “verdade”, “verossimilhança” e “autenticidade”, dada pela coerência discursiva que se estabelece entre os diversos gêneros ou tipos discursivos, que ela situa no mesmo texto: tanto o prefácio (psicografado) quanto as apresentações (da obra e dos autores espirituais) e os comentários do editor mostram-se congruentes com as cartas psicografadas pelo médium.

Tais efeitos também se projetam nos diversos níveis de pertinência semiótica, resultando no desdobramento do ator em papéis actanciais e temáticos, desempenhados de acordo com o nível em que os apreendemos: nas cartas, são apreendidos como enunciadores e enunciatários; no prefácio, como autor responsável (ainda que “espiritual”, em nosso caso) e leitores; nas apresentações e comentários, o editor e o público leitor (*ibidem*, p.36-7).

Por meio dessas considerações e de forma a melhor delinear a prática de edição das cartas psicografadas, procederemos à descrição de seu processo de compilação e de seus recursos de edição mais comuns. Retomando, por fim, o nível do texto-enunciado, ater-nos-emos aos procedimentos de veridicção, interpretação, manipulação e persuasão no estabelecimento do contrato fiduciário entre enunciadador e enunciatário.

---

3 Tanto a revisão quanto a proposição de modificações para os textos podem ser observados no Anexo E, que contém a transcrição de um original psicografado. Nele é possível observar, em destaque, os termos corrigidos ou modificados pelo editor na versão publicada da carta de Jair Presente, psicografada em 25 de agosto de 1974 (a versão publicada está disponível no Anexo B, Carta 2).

## A compilação das cartas de Chico Xavier

Intensificada a partir da década de 1970, a publicação das cartas psicografadas pelo médium era feita por editores, mediante a autorização das famílias enlutadas. As cartas, reunidas em coletâneas, eram acompanhadas de informações provenientes de questionários que os editores aplicavam aos familiares dos “remetentes-falecidos”. Além de serem utilizadas para confirmar e especificar referências contidas nas cartas, tais informações também possibilitavam aos editores delinear o perfil biográfico de cada “autor espiritual” (figura 4), bem como elaborar notas explicativas e comentários estendidos que permitissem ao leitor uma maior compreensão dos textos.

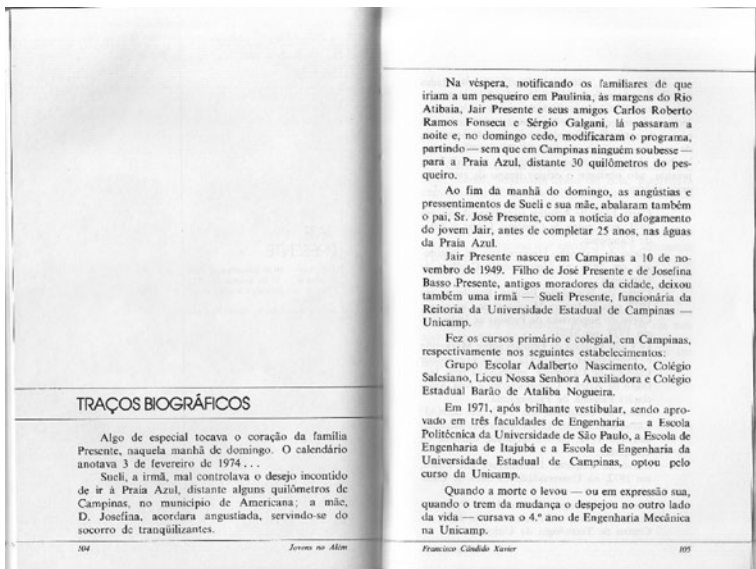


Figura 4 – Breve biografia do “autor espiritual” (comentário estendido).

Foto: Grupo Espírita Emmanuel (Geem).

As mais importantes coletâneas epistolares de Xavier são *Jovens no além* (1975) e *Somos seis* (1976) – best-sellers que atingiram tiragens de 173 mil e 124 mil exemplares, respectivamente, no ano de 2010 – organizados e comentados por Caio Ramacciotti, editor do



Grupo Espírita Emmanuel – Geem (Apêndice A). Entre os principais editores das cartas de Chico Xavier estão, além de Ramacciotti, Elias Barbosa e Hércio Marcos Cintra Arantes, aos quais se deve, em grande parte, a conservação da obra epistolar do médium.

Como num exercício de “preencher lacunas”, os editores dedicavam-se à busca por restituir às cartas a sua situação de produção, completando e/ou complementando, por vezes, seu sentido. Desde o trabalho de seleção das cartas que comporiam as coletâneas até as inserções feitas por meio de notas explicativas (figuras 5 e 6) e comentários estendidos (figura 7) – textos mais longos, que pontuam “capítulos” nos livros de cartas – é possível acompanhar o fazer do editor cuja presença é perceptível ao longo de toda a obra.

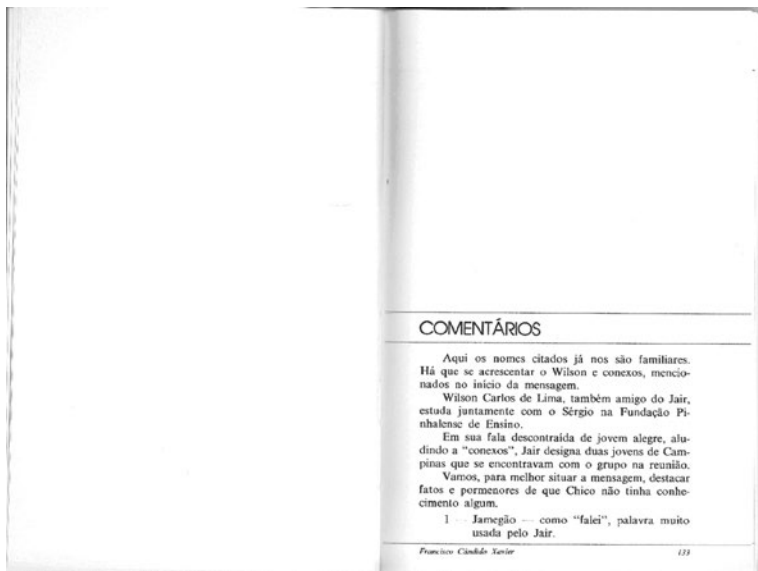


Figura 5 – Notas explicativas.

Foto: Grupo Espírita Emmanuel (Geem).

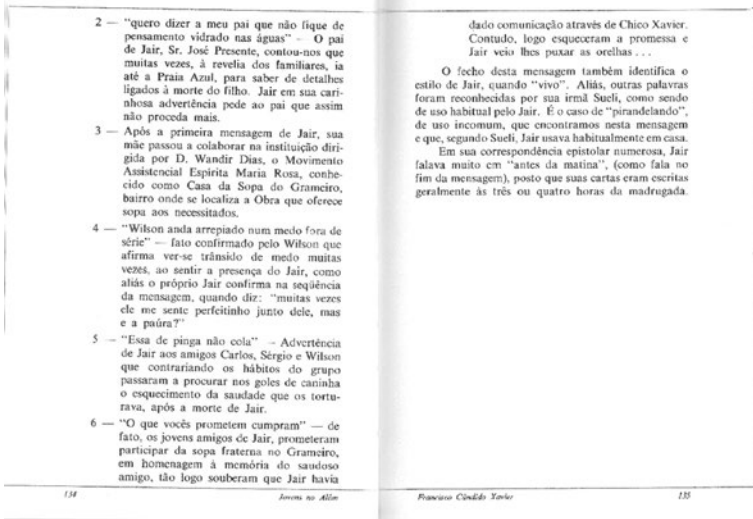


Figura 6 – Notas explicativas.  
Foto: Grupo Espírita Emmanuel (Geem).

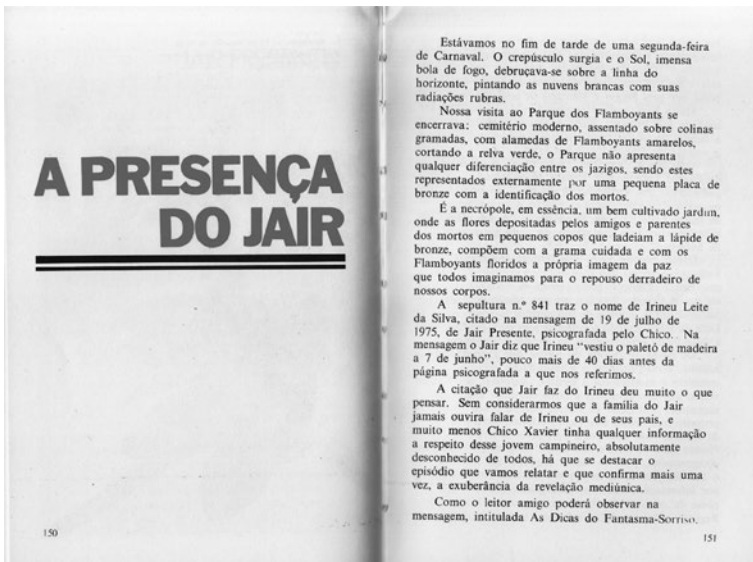


Figura 7 – Comentário estendido.  
Foto: Grupo Espírita Emmanuel (Geem).

Assumindo o lugar de um “terceiro sujeito”, instaurado fora do texto, o editor narra o “universo paralelo” em que se situam as cartas, convertendo-as em um objeto mais amplo cujos regimes de sentido passa a coordenar e gerenciar (Schwartzmann, 2009, p.106). No caso das cartas psicográficas, sua conversão de objeto “particular” em um objeto de interesse “coletivo”, realizada pelo editor, passa por esse fazer pragmático-cognitivo, que envolve todas as etapas do fazer editorial.

Os critérios adotados pelos editores para a seleção e ordenação das cartas psicográficas eram, mais frequentemente, os de datação (seleção de cartas de um determinado ano/período), temática (seleção de cartas de jovens falecidos em acidentes, por exemplo) ou localização (seleção de cartas de autores de uma mesma cidade).

As coletâneas organizadas incluem, em sua maioria, elementos de forte efeito veridictório, tais como fotografias dos falecidos (figura 8), fac-símiles de seus documentos pessoais e assinaturas, recortes de jornais (figura 9), entre outros, compondo objetos sincréticos. Esse sincretismo se dá tanto pelo encontro do texto-enunciado (texto psicográfico epistolar) com o objeto-suporte (livro) quanto pela articulação de duas práticas distintas: a prática da psicografia epistolar e a prática de edição.

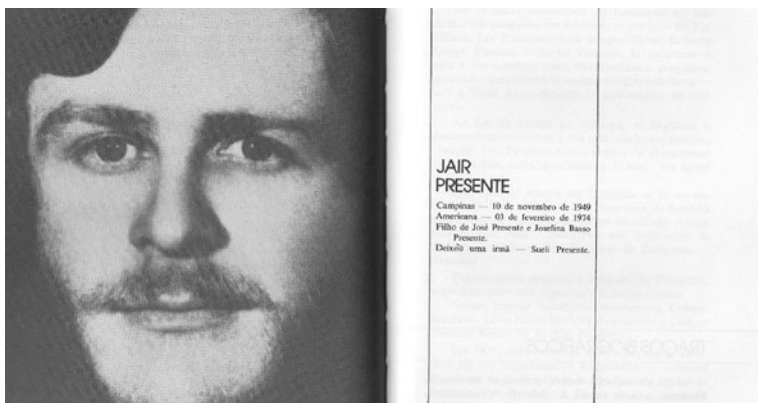


Figura 8 – Fotografia do “autor espiritual”.  
Foto: Grupo Espírita Emmanuel (Geem).

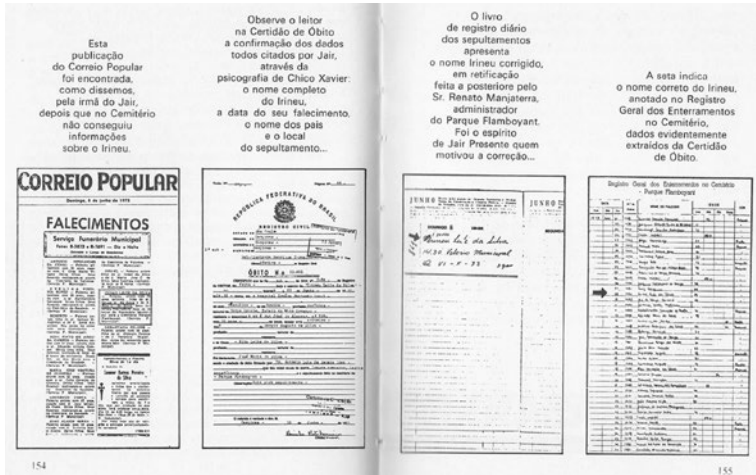


Figura 9 – Documentos e comentários pontuais.  
Foto: Grupo Espírita Emmanuel (Geem).

A respeito do sincretismo que ocorre no encontro entre uma produção textual e um suporte de inscrição, Portela (2008a, p.77) comenta que

De um lado, tem-se um texto que, tendo sido feito, especialmente ou não, para ser veiculado por um determinado suporte, tem, em si, uma significação autônoma. De outro, tem-se um suporte, que, produzido por uma prática histórica e corporal de leitura, ao acolher a produção textual, ao conferir-lhe uma espessura física, objetual, impõe-lhe coerções que não são, de forma alguma, desprezíveis.

Ao ser submetido às coerções advindas tanto das práticas com as quais se articula quanto dos objetos em que se inscreve, o texto psicográfico assume outras significações, deixando de limitar-se ao âmbito de sua prática de base ou geradora – ocorrida no espaço do centro espírita e restrita aos familiares a quem inicialmente se destina – para integrar a prática editorial espírita.

Assim, o texto epistolar psicográfico, enquanto registro escrito, é reaproveitado na prática de edição, que o acolhe e o ressignifica,

incorporando-o a um suporte de inscrição de ampla circulação: o livro. O percurso da carta psicográfica, do centro espírita às editoras e destas ao público leitor, permite-nos compreender como uma alteração ocorrida no objeto-suporte do texto-enunciado reflete-se diretamente na modificação do tipo de experiência e, portanto, do nível de pertinência semiótica.

O livro, enquanto suporte, é composto de acordo com uma topografia que inclui os seguintes elementos: a capa, a contracapa, as orelhas e o miolo. Este último, mesmo sob as coerções de um índice ou de uma página de identificação, revela-se como “o espaço da liberdade por excelência da produção textual”, uma vez que impõe menos limitações ao texto como semiótica verbal (ibidem, p.78).

Vale ressaltar que os espaços de inscrição do discurso editorial, nas coletâneas de cartas psicográficas, não se restringem à capa, contracapa e orelhas dos livros, mas tomam lugar junto aos textos-enunciados, em seu miolo, ao longo de toda a obra, em uma espécie de texto paralelo, sem o qual as cartas pareceriam demasiadamente vagas para o público leitor. Ora comentando o sentido de determinados trechos, ora complementando-os/completando-os com informações e materiais que seriam inacessíveis, de outra maneira, ao leitor, o editor constitui-se como um terceiro actante, um sujeito observador e julgador que imprime seu olhar ao texto, direcionando, por consequência, o olhar do leitor sobre a obra.

No caso das cartas psicográficas, é interessante notar como sua transposição da folha de papel manuscrita ao livro impresso permitiu uma ampliação de suas significações e possibilidades. Agregando ao texto outros elementos, ausentes no objeto carta psicográfica – fotos dos autores “falecidos”, fac-símiles de documentos pessoais, recortes de jornal, cheques, bilhetes, desenhos, entre outros – o objeto livro possibilitou ao editor a implementação de um variado repertório de intervenções textuais (recursos de edição) que, inegavelmente, concorrem para a eficiência de seu fazer persuasivo e interpretativo.

Em relação à prática de edição das cartas psicografadas, podemos destacar o papel do editor no estabelecimento de isotopias dominantes de leitura, validando e destacando determinados aspectos da

narrativa em detrimento de outros (Schwartzmann, 2009, p.263-4). Esse fazer interpretativo por parte do editor, embora seja impregnado por uma orientação discursiva espírita, não pode ser visto como arbitrário, uma vez que as isotopias estabelecidas assemelham-se e/ou coincidem com aquelas que podem ser apreendidas por meio das leituras e análises das cartas psicográficas.

É justamente sobre o reflexo desse fazer interpretativo sobre o nível do texto enunciado (nas relações entre enunciador e enunciatário) que nos deteremos na seção a seguir.

## **O olhar do editor sobre as cartas de Chico Xavier: manipulação, interpretação e contratos**

Como vimos anteriormente, o fazer do editor o constitui como um sujeito (um terceiro actante) observador e julgador, que imprime seu olhar ao texto, de modo a direcionar o olhar do leitor sobre a obra. Na instância do texto-enunciado, o fazer interpretativo do editor (ora enunciador) está diretamente ligado a seu fazer persuasivo em relação ao leitor (então enunciatário), em nível enunciativo.

Os processos de interpretação, persuasão e manipulação, sobre os quais já comentamos (Seção “Enunciação e contrato no texto epistolar psicográfico”), encontram-se atrelados ao estabelecimento do contrato fiduciário ou de veridicção que envolve os fazeres *veridictório* (pela inscrição de marcas que permitem ao enunciado ser lido como verdadeiro/falso ou mentiroso/segredo), *epistêmico* (que envolve a interpretação do teor veridictório do enunciado, pelo enunciatário) e *fiduciário* (que leva à adesão afetiva do enunciatário) (Sobral, 2005).

Sabe-se que o contrato fiduciário só pode ser estabelecido a partir do cumprimento dessas três etapas, por meio de um *fazer-criar* (e, posteriormente, de um *fazer-fazer*, de caráter manipulatório) exercido pelo enunciador em relação a seu enunciatário. Como consequência desses fazeres, temos a geração de efeitos de sentido de “verdade”, “autenticidade” e “realidade”.

Na busca por compreender essas relações é que abordaremos os reflexos da prática editorial no nível do texto-enunciado, considerando o fazer do editor nas cartas psicografadas por Chico Xavier.

Tomamos por objeto de análise uma carta (Anexo DI) publicada no livro *Somos seis* (Xavier, 1976, p.150-65), atribuída ao espírito Jair Presente e acompanhada de dois comentários estendidos, que o editor denomina de o “caso Irineu”. Pelos recursos e intervenções editoriais a ela aplicados, essa carta pode ser considerada um exemplo bastante produtivo para a análise do fazer editorial, sob o ponto de vista semiótico.

Sem destoar da configuração “típica” do gênero psicográfico epistolar, a carta traz as mesmas configurações das outras que analisamos no capítulo 3 deste livro, motivo pelo qual não nos ateremos integralmente a ela, que será tomada apenas como referência para os comentários do editor. O que nos interessa, de fato, é o texto editorial, ao qual ela se integra, produzindo novos sentidos.

O comentário estendido intitulado “A presença do Jair” situa o leitor sobre a carta de 19 de julho de 1975, em que o autor espiritual, entre os diversos pedidos de recados consoladores aos familiares, que recebia frequentemente de outros “desencarnados”, deveria transmitir o de um rapaz chamado Irineu Leite da Silva. Segundo Jair, ele havia presenciado o sepultamento de Irineu no ano anterior:

Aqui está conosco o Joãozinho Alves e pede aos pais aquela confiança em Deus que não desanima; ele está melhor e mais forte. E outro amigo aqui ao lado de seu adoidado irmão é o amigo Irineu Leite da Silva, um moço do fino que vestiu o paletó de madeira em sete de junho passado. Estava eu entre aqueles que trabalhavam no Parque dos Flamboyants quando ele foi considerado de sono eterno. Mas acordou junto de nós e está bem; pede para que os pais Sérgio e Rita se consolem.

O pedido é comentado pelo editor como curioso, porque nem a família do presumido autor-falecido, nem o médium ou o público presente à reunião de 19 de julho de 1975 conheciam ou ouviram

falar de Irineu. Com a identificação do cemitério, localizado na cidade de Campinas, SP, e dos nomes dos pais de Irineu, a irmã de Jair, Sueli, decidiu investigar a informação recebida, procedendo a uma série de averiguações, até a solução do caso:

[...] após o recebimento da mensagem, a irmã de Jair Presente, Sueli, procurou localizar a família do jovem Irineu, já que nenhum dos presentes à reunião de Uberaba o conhecia.

Voltando a Campinas, telefonou ao Administrador do Parque Flamboyant, Renato Manjaterra, pedindo-lhe que verificasse se no dia 7 de junho ou no dia seguinte havia o registro do sepultamento de Irineu Leite da Silva. Consultando os apontamentos, o Sr. Renato disse que não havia nada a respeito de Irineu.

Como, pensou Sueli, Jair teria se enganado? Será que o Irineu não existia? Para dirimir dúvidas começou a investigar pelos jornais da época e eis que o *Correio Popular*, em sua edição de 8 de junho de 1975, notifica o falecimento de Irineu Leite da Silva, citando o nome de seus pais, Sérgio e Rita e falando do sepultamento no Parque Flamboyant.

De posse do recorte do jornal, que reproduzimos adiante, Sueli procurou o administrador do cemitério e mostrou-lhe a notícia. Surpreso, Sr. Renato voltou aos apontamentos e pôde constatar que nada encontrara a respeito de Irineu, porque o seu primeiro nome havia sido escrito errado. *No diário de sepultamento constava a 8 de junho o nome de Pirineu Leite da Silva e não Irineu.* Engano perfeitamente compreensível, pois no diário, segundo nos explicou o Sr. Manjaterra, os nomes são anotados inicialmente por informação telefônica, para posteriormente, de posse da certidão de óbito, transcrever-se no Livro de Registro todos os dados referentes ao sepultamento.<sup>4</sup>

Configurado o engano ocorrido do cemitério, com o nome do morto (que figurava corretamente na carta psicografada) e tendo

---

4 Grifo nosso.



dado o caso por resolvido, o editor desempenha um papel de destinador-manipulador, imprimindo seus valores ao discurso. Assim define ele o caso:

*Aparentemente incompreensível, se não o entendermos à luz do conhecimento espírita, é o fato de Jair ter falado no nome correto de Irineu, quando no próprio cemitério seu nome estava escrito errado.*

Condicionando a possibilidade de entendimento do fato narrado à crença no “conhecimento espírita”, o editor desempenha, ainda, um fazer interpretativo e persuasivo, a partir da mobilização de recursos de edição que conferem os efeitos de “verdade”, “realidade” e “autenticidade” ao texto. Com a agregação de elementos de forte caráter veridictório, o editor-enunciador leva o leitor-enunciatário a aderir ao contrato fiduciário, por meio de um *crer*:

*A seguir reproduziremos cópias de documentos que exemplificam o exposto. Assim, o leitor poderá analisar a publicação do Correio Popular, de 8 de junho do ano passado, que serviu de ponto de referência, para Sueli desvendar o equívoco, criado com a informação do administrador do Parque Flamboyant. Adiante reproduzimos também a página do livro de anotações diárias do cemitério, com o nome Irineu rasurado, podendo-se observar claramente a correção feita a posteriore [sic].*

*Para complementação do estudo do “caso Irineu” apresentamos ainda a página do Livro de Registro Geral de sepultamentos, com o nome correto, baseado na certidão de óbito, e um fac-símile da certidão de óbito, para que se confrontem os dados referidos pelo Jair na mensagem, ou seja, o nome completo do Irineu, o nome dos seus pais, o dia do óbito e o local do sepultamento.<sup>5</sup>*

O fazer persuasivo dá-se, assim, pela comprovação documental (Anexo D – 2), que estabelecerá um efeito de “autenticidade” da

---

5 Grifo nosso.

narrativa. Discursivamente, tal estratégia resulta na afirmação do caráter de “autenticidade” e “verdade” da teoria espírita, como única perspectiva para se compreender o fato apresentado. A mesma orientação discursiva (doutrinária) pode ser vista nas cartas psicografadas, a despeito da intervenção do editor que, no entanto, reforça e ressignifica o texto, pela prática de edição, transpondo-o (em um movimento de integração descendente) para o nível de pertinência do objeto (o livro) e inserindo-o, assim, no âmbito editorial.

Retomemos, pois, no capítulo a seguir, o nível de pertinência do texto-enunciado, nosso ponto de partida para a compreensão da carta psicografada como objeto semiótico.



# 3

## IDENTIDADE E VERIDICÇÃO

### A construção de autorias espirituais

A produção epistolar de Francisco Cândido Xavier, tal como toda a sua obra, é marcada pelo grande número de autores<sup>1</sup> a quem o médium atribuía os textos que escrevia. Estima-se que Xavier tenha psicografado cerca de 10 mil cartas (Mendonça, 2010), “assinadas”, em sua maioria, por anônimos – “gente comum” – diferentemente dos autores consagrados, presentes na primeira fase de sua produção psicográfica.

O perfil dos autores espirituais na produção epistolar de Xavier é bastante heterogêneo. No entanto, é possível observar a predominância de jovens, mortos de forma súbita (acidentes automobilísticos, afogamentos, disparos acidentais com armas de fogo, entre outras causas). Por consequência, o público a quem se destinavam as cartas de Chico Xavier era formado, principalmente, de pais e mães enlutados.

---

1 Não há fontes seguras quanto ao número de autorias espirituais na obra de Xavier, mas se estima que o médium tenha atribuído seus escritos, de diversos gêneros, a mais de 2 mil autores. A contagem feita em 47 títulos epistolares levou-nos ao número de 501 autores.

A fim de que pudéssemos desenvolver este estudo, foi preciso, antes, determinar quais eram os autores mais recorrentes na obra epistolar de Xavier. A partir da consulta à listagem completa de suas obras (Geem, 2012), que incluía dados como título, autor espiritual, organizador (editor), editora e ano de publicação, e do exame de suas coletâneas epistolares, selecionamos os autores epistolares mais “produtivos”, cuja recorrência nos permitia o estudo do *éthos* – compreendido enquanto “imagem”, identidade, do enunciador – nas cartas de Chico Xavier.

Por critério de representatividade, chegamos ao número de seis autores mais recorrentes, dos quais selecionamos os três que apresentavam, entre si, uma significativa semelhança de estilos e léxico: Augusto César Netto, Jair Presente e Laurinho Basile. Escritas entre os anos de 1973 e 1980, suas cartas foram extraídas dos livros *Entre duas vidas* (1974), *Jovens no além* (1975), *Somos seis* (1976) e *Gaveta de esperança* (1980). A partir dessas obras, escolhemos dez cartas: uma para analisar a prática de edição das cartas psicográficas (utilizada no capítulo 2) e nove que se prestaram ao estudo dos *éthe* dos autores espirituais citados neste capítulo (três cartas por autor).

Consideramos, para as análises do *corp*us, as noções de *éthos* e estilo, tal como articuladas por Discini (2003). De modo que ambas podem ser reconstruídas por meio de recorrências discursivas, é possível mesmo afirmar que “estilo é *éthos*”, na medida em que “construir um estilo na enunciação é [...] *dar um corpo* a uma totalidade e *tomar o corpo* dessa totalidade; assumir, enfim, o *ethos* de uma totalidade” (ibidem, p.58).

O estilo é um efeito de sentido, um construto discursivo, e só pode ser apreendido pela reconstrução do ator da enunciação. Este, enquanto figura, pode ser apreendido como *corpo* e caráter – como *éthos* – de uma totalidade enunciada. O *éthos* seria, portanto, o “sustentáculo do estilo, por meio do qual o ator da enunciação se manifesta, com um caráter, que pressupõe um *corpo* e uma voz” (ibidem, p.334).

Compreendidas como efeitos de sentido, isto é, construções do discurso, tanto a noção de *éthos* quanto a de *estilo* fundam-se na caracterização do ator, do sujeito enquanto simulacro discursivo. A

geração de um efeito de sentido de “identidade”, dada pela coerência das recorrências (estilo) em uma totalidade discursiva, tomam a forma de uma “imagem de enunciador” (*éthos*), que pode ser discursivamente apreendida/reconstruída.

Por estabelecer uma previsibilidade do dizer, a observação dos procedimentos, na construção do discurso, das recorrências no modo de utilizar figuras e temas, e das relações axiológicas entre temas e figuras, na constituição de um sistema de atrações e repulsões, possibilita-nos delinear o perfil do ator do enunciado e, por conseguinte, da enunciação.

Acreditamos, portanto, que a forma de segmentação do *córpus*, como descrita, bem como as noções de *éthos*/estilo e veridicção,<sup>2</sup> podem nos fornecer subsídios tanto para a análise e comparação dos estilos de cada autor espiritual quanto para a apreensão de suas formas de construção enquanto *éthe* manifestados na epistolografia psicográfica de Chico Xavier. É, pois, com base nessas considerações, que procedemos à análise das cartas selecionadas.

## Augusto César Netto

### Sobre o autor espiritual

Augusto César Netto (2005, p.27) é descrito por Ramacciotti como um moço “Alto, forte, atleta de formação, habituado aos exaustivos exercícios físicos, comedido”. Dono de uma personalidade alegre, Augusto era visto como um sujeito trabalhador, muito afeito ao convívio da família.

A despeito de sua fama de esportista e para surpresa de todos, Augusto faleceu por afogamento, quando nadava com os amigos na

---

2 Como já discutimos na Seção “Enunciação e contrato no texto epistolar psicográfico”, a veridicção pode ser entendida, sob a perspectiva greimasiana, “como o ‘dizer-verdadeiro’ (e não como uma ‘verdade’ referencial), constituindo-se como um efeito de sentido de ‘verdade’ (um parecer verdadeiro) produzido pelo sujeito da enunciação” (Greimas; Courtés, 2008).

Praia Grande, litoral paulista. Nascido em 27 de fevereiro de 1942, na cidade de São Paulo, e falecido em 27 de fevereiro de 1968, aos 25 anos, o rapaz havia deixado o emprego, meses antes, como químico industrial, para trabalhar com o pai e o cunhado na extração de areia, no sítio da família.

A primeira carta de Augusto foi escrita por Chico Xavier quatro anos depois de sua morte, após visitas mensais de seus pais, Yolanda e Raul César, ao Grupo Espírita da Prece, Uberaba (MG). A partir de então, suas cartas se apresentaram sempre acompanhadas de uma intensa preocupação com a família – com a mãe, em especial – e de ponderações sobre a vida e a morte.

Um aspecto curioso é que as cartas de Augusto, a princípio formais e comedidas, vão se tornando cada vez mais informais e expansivas. Passando, gradualmente, a empregar uma gíria “objetiva e bem colocada”, nas palavras do editor, Augusto fala aos jovens, como veremos.

## Análise das cartas de Augusto César Netto

### Carta de 3 de fevereiro de 1973

A primeira carta atribuída ao espírito Augusto César Netto (Anexo A, Carta 1) apresenta-nos um sujeito-remetente inadaptado à vida espiritual, deslocado, confuso pela transição para uma forma “diferente” de vida:

*Aqui não é muito diferente daí,<sup>3</sup> embora seja diferente daqui. Explicar como é isso não sei ainda. Falo assim para dizer que tenho estado nas disciplinas necessárias. Tratamento intensivo a princípio, refazimento, escola e trabalho depois.*

Ainda incapaz de compreender sua nova realidade, é preciso que o sujeito, no simulacro de Augusto, adquira uma competência,

---

3 Grifo nosso

apenas possível por meio de um processo de reeducação: ele deve ser tratado e disciplinado para refazer-se e adaptar-se, enfim, a uma nova forma de vida sobre a qual ele ainda não tem um saber.

Mobilizado pela saudade, pela angústia da disjunção com a mãe, o sujeito *quer*, mas não pode ou não sabe se comunicar da maneira como gostaria:

*Que eu tenha desejado escrever com uma ansiedade igual à sua, não duvide. Mas não é fácil.* Creia, porém, que lá no reduto abençoado de serviço da nossa Acácia, tenho estado presente sempre e sempre. *Estou agindo. Seu filho já consegue fazer alguma cousa. Não é muito não*, como não pode deixar de ser. *Sou ainda um estudante* nas primeiras faixas do ensino. Nem sei dizer como tudo vai sucedendo.

Destituído da competência para desempenhar seu querer, o sujeito é *auxiliado* por um adjuvante (espírito amigo/protetor) capaz de estabelecer a ponte entre o plano em que ele se encontra e aquele ao qual ele quer se ligar, onde está seu objeto de valor: a conjunção com a mãe e com os familiares:

*Que ainda estou sendo auxiliado para escrever, não tenha dúvida. Não consigo relacionar os nomes de todos, porque a lista é grande [...]* *Não sei ainda ser mensageiro*, embora aqui me encontre firme nesta mensagem. Começamos bem neste mês de aniversário e espero, querida mamãe, *estarmos sempre mais juntos.*

A escrita, mais do que mera possibilidade de comunicação (e é aí que se configura como um objeto de valor, de poder), permite ao sujeito-remetente entrar em conjunção com a mãe, como se ele a tivesse, de novo, ao alcance de si:

Hoje, como antigamente, *sinto-me chegando devagarzinho para um abraço do coração* e ouça-me de novo a dizer: “mamãe, *eu estou com muita saudade, mas com muita saudade de você...*”



[...] posso repetir: “mamãe, *é mesmo*, eu estou com muitas saudades de você, *mas o meu coração está com o seu coração para sempre*”.

O programa narrativo de base concretiza-se a partir da conjunção afetiva entre o filho-remetente e a mãe-destinatária, por meio da saudade, enquanto estratégia de persuasão. Sem poder se identificar à mãe pela referência aos nomes de amigos e familiares, ele obtém sua adesão pela mobilização de sua afetividade:

Hoje, costume rir de mim mesmo. *Fantasiava escrever uma carta, revelando detalhes de casa e família, mas antes que eu pudesse grafar o que pensava, eis que o Chico veio a nós. Temos tudo em comum. Os conhecimentos do lar e os entes amados. Não consegui transitar nos fenômenos para reconhecer que o maior fenômeno é este profundo amor que nos reúne uns aos outros.*

O motivo da gratidão reforça essa estratégia persuasiva, de cuja eficiência dependerá o estabelecimento do contrato fiduciário:

*Agradeço* o seu esforço para sairmos de nós mesmos ao encontro da fé; *agradeço* a sua obediência a Deus, procurando resignar-se com o problema que me assaltou quando eu menos esperava; *agradeço* a fortaleza que o seu carinho nos deu a todos; conquanto, às vezes, fugindo para a solidão do quarto, depois de muitas das nossas reuniões de família, para chorarmos a sós; *agradeço* o seu apoio valioso a meu pai e, sobretudo, a paz que hoje ilumina o coração de seu filho.

O discurso consolador/doutrinário é manifestado ao longo de toda a narrativa (“O trabalho no bem dos outros é o caminho certo” / “E aprendamos a esquecer todas as sombras que, porventura, hajam caído entre nós e a Vida – a Vida que é luz de Deus”), mesclando-se estrategicamente a esse *fazer-criar* desempenhado pelo sujeito-remetente; ao *criar* em sua identidade e sinceridade, o destinatário passa, então, a aceitar o sistema de valores que constituem o universo doutrinário espírita:

Chorei com as suas lágrimas, por muito tempo, e quando as suas primeiras esperanças vieram surgindo na alma, *aceitando realmente a vida além da morte*, a luz nascente em seu amor foi também minha luz.

A análise da primeira carta permite-nos observar um uso restrito de referências compartilhadas entre enunciador e enunciatário, o mesmo ocorrendo em relação à ancoragem, pouco marcada. A adoção de um registro formal, o teor poético de vários trechos da narrativa, bem como uma orientação discursiva claramente embasada na doutrina espírita, por parte do enunciador são suas principais características.

#### Carta de 26 de janeiro de 1974

Na carta de *26 de janeiro de 1974* (Anexo A, Carta 2), vemos a narrativa de um sujeito manipulado pela saudade. A “conjunção com a família”, como objeto de valor, é buscada a despeito das dificuldades de adaptação à vida espiritual. No simulacro de Augusto, o sujeito-remetente esclarece à mãe-destinatária:

*Seu coração pede uma palavra e me arranca*, na medida do possível, *para trazer ao seu carinho aquele alô* de todos os tempos, enviando a você e a meu pai com as meninas e o nosso pessoal o beijo de sempre.

A mensagem é destinada unicamente à mãe, cujos “recados” deve repassar aos outros familiares (“Fale à Maria Otília para se alegrar” / “Mãezinha, diga ao meu pai que a vida é luta”).

O aprendizado, a superação do “inesperado”, a adaptação à partida súbita para um plano transcendente são figurativizados por uma “subida à montanha”:

Parece que estamos todos de mãos dadas *subindo a montanha*. De quando em quando, um de nós *parece despencar* de cima. O companheiro tropeça, rola e se fere um bocado, mas a turma aguenta e o

caldo se levanta a fim de seguir para a frente. Não podia ser de outro modo. E, *o pessoal daqui é a cópia melhorada do grupo terrestre*, ou melhor, Mãezinha, *aí no mundo* somos a cópia piorada da *equipe que segura a caminhada do lado de cá* [...] O ponto para ser alcançado é a felicidade de todos.

Em alusão ao processo de evolução do espírito (vinculado ou não a um corpo) e à conexão dos planos material e espiritual, essa figurativização nos mostra aspectos bastante interessantes, especialmente relacionados à orientação discursiva espírita. Lado a lado, estão as isotopias da matéria e do espírito – a primeira de valor disfórico e a segunda de valor eufórico.

O plano da matéria caracteriza-se, disforicamente, pela “imperfeição” (“aí no mundo somos a *cópia piorada* da equipe... do lado de cá”); “inferioridade”, “queda” (De quando em quando, *um de nós parece despencar* de cima). Já o plano do espírito é determinado por valores eufóricos: “superioridade” (“o pessoal daqui é a *cópia melhorada* do grupo terrestre”); “subida” (“equipe que segura a caminhada do lado de cá”). Os dois planos só se articulam pelo objetivo comum: a “subida” (“O ponto a ser alcançado é a felicidade de todos” / “[...] estamos todos de mãos dadas subindo a montanha”).

Há dois principais oponentes em relação ao programa de base (a conjunção com a família) do sujeito-remetente. O primeiro deles é a descrença ou não crença na vida após a morte. É preciso que o destinatário creia, para que a distância aparentemente intransponível entre os planos do espírito e da matéria seja vencida – integração possível apenas pelo intercâmbio mediúnico: “Nosso pessoal por aí costuma tratar a gente por mortos. Isso, às vezes, dificulta o intercâmbio. Mas com a experiência da vida tudo vai melhorando”.

O segundo é a limitação do tempo para a escrita da carta:

Quem diz aqui que o relógio não existe de nosso lado? Lembranças explodem e as palavras querem tomar forma no lápis, mas o nosso caro Doutor Bezerra me diz calmo: “agora, meu filho, já chega”. Não devo internar-me em novos assuntos.

A saudade, como estado afetivo do sujeito (conjunção afetiva, diante da disjunção espaço-temporal), é reiterada ao longo da carta, despertando lembranças e emoções que o remetente-espírito não consegue expressar por meio do médium, metonimicamente referido pelo lápis. Na narrativa, estabelece-se a impossibilidade de conjunção entre o sujeito e seu objeto de valor: ele *quer*, mas *não pode* estar junto à família.

A apropriação do corpo do médium, enquanto objeto de valor modal, não lhe dá senão um *poder-fazer* temporário, que não o leva a atingir plenamente seu objetivo:

Querida mãezinha, *a mensagem está pronta, mas a saudade é um problema que não foi resolvido*. Entretanto, estamos felizes. Temos fé e esperança e isso é muito no Tudo que é Deus, no amor com que nos amamos.

O simulacro de remetente, Augusto, constitui-se, assim, como um sujeito movido pela saudade e, por fim, modalizado pela esperança de um novo intercâmbio (nova chance de escrita). A esperança ou a “espera”, aliás, estabelece-se como um regime de crença apenas possível por meio do contrato fiduciário entre enunciador e enunciatário – essencial à manutenção da comunicação epistolar.

O registro de adotado é, poderíamos dizer, de uma informalidade bem dosada, que aproxima o texto da coloquialidade (“Não posso bancar a criança, dando uma de abelhudo” / “Paro aqui. Este assunto de citação é pesado para o seu filho”). No entanto, podemos observar a utilização do registro formal, como no trecho:

Todos podemos transformar-nos, construindo em nós mãos de paz se espalharmos a paz, verbos de luz se cultivarmos a luz em nossas palavras, pés de alegria se soubermos caminhar no rumo do bem, olhos e ouvidos de bênçãos se nos dispusemos a abençoar sempre.

É interessante destacar que as escolhas lexicais do enunciador não extrapolam o uso corrente da língua. Não se vê, nessa carta, a

utilização excessiva de vocábulos gírios ou outros recursos de linguagem dignos de nota.

Ponto comum em relação às primeiras análises deste córpus (das cartas atribuídas a Jair Presente) é o jogo espacial que situa o enunciatador em dois planos. Refere-se a um aqui – na Terra, junto aos vivos, diante do público que assiste à sessão de psicografia (“*Aqui* está nossa Acácia. Nosso grupo é uma família de paz e amor com serviço e realização [...]”) – e, simultaneamente, a um “lado de cá” (*aí no mundo* somos a cópia piorada da equipe que segura a caminhada *do lado de cá*”), “do nosso lado”, junto ao “pessoal daqui” (“*o pessoal daqui* é a cópia melhorada do grupo terrestre”), situando-se no mundo dos espíritos. O efeito de sentido dessa espacialização faz que o sujeito pareça se deslocar a todo instante entre os dois planos, ora se inserindo no mesmo espaço do enunciatário, ora se posicionando contrariamente a ele.

### Carta de 2 de novembro de 1974

A carta de 2 de novembro de 1974 (Anexo A, Carta 3) mostra-nos um sujeito-remetente mais adaptado à vida espiritual, mas ainda movido pela saudade, que reitera do início ao fim da narrativa.

Como sujeito do fazer, deve realizar três programas narrativos: estabelecer a comunicação com a mãe (de forma a minimizar a saudade, causada pela disjunção espaço-temporal); identificar-se / reafirmar sua identidade (assegurar a veridicção); e dar avisos/recados de outros “espíritos” a seus pais.

O programa narrativo de identificação (“Sou eu mesmo. Seu Augusto”) é reforçado por antropônimos (nomes de família) e referências extratextuais (“*Gostei de sua decisão*. Acabar com os impedimentos e aparecer por aqui [...]” / “Temos, porém, aqui diversos companheiros. Uma corriola de moços, como diria o Jair Presente, meu *colega de incursão hidráulica*”, em referência à morte de Jair, por afogamento, como a sua).

Mesmo a abertura e o fechamento da carta, feitos de forma semelhante em relação à carta anterior (de 26 de janeiro de 1974: “Querida mamãe, aquele abraço e aquela prece sempre a Jesus por

sua fortaleza e paciência” / “Muito carinho e *aquele beijo* do seu filho, Augusto”), parecem estabelecer um “efeito de identidade”. O enunciador, sob o simulacro de Augusto enfatiza: “Querida mamãe, é hora de começar a nossa conversa falando em Deus [...] Repito: Deus nos proteja”. E se despede como na carta anterior: “Com todo o meu coração, entrego a você, mamãe, *aquele abraço* do seu, sempre seu, Augusto”. Antes disso, reafirma: “Sim, sou eu mesmo”.

A saudade é o que move ainda o sujeito a comunicar-se com a mãe. É preciso vencer a distância e, sobretudo, a dor da disjunção entre sujeito-remetente e destinatário (família):

E a saudade parece sete *pontas de punhal retalhando a alma* principalmente quando gritam aí por nós como se estivéssemos mortos e encalçados na Terra, sem recurso de alteração. Graças a Deus, não estamos nessa. [...] *a falta* que sentimos uns dos outros é uma *espécie de doença crônica*, sem tranquilizante que aguente.[...] Falo em saudade, falem outros com explicações. *Dou*, porém, *uma voz à saudade* e com ela peço a coragem de que *não devemos estar desligados* a fim de vencer a chuva parada de nossas indagações molhadas de lágrimas e prosseguir prá frente, dando duro no melhor por fazer.

A observação dos trechos destacados possibilita-nos estabelecer uma isotopia da saudade, que demonstra a relação de disjunção espacial entre o sujeito e seu objeto de valor (a comunicação/conjunção com a família), a despeito de uma conjunção afetiva. Em seu polo disfórico, a saudade pode ser figurativizada como “sete pontas de punhal retalhando a alma”; é tematizada pela doença (“doença crônica”). No polo eufórico, a saudade, figurativamente, “tem voz” (“*Dou, porém, uma voz à saudade*”) e permite ao sujeito manter-se em conjunção com seu objeto de valor (“com ela peço a coragem de que *não devemos estar desligados* a fim de vencer a chuva parada de nossas indagações molhadas de lágrimas”).

Articulado à saudade, há um regime de espera a que o sujeito deve se submeter para “ligar-se”, ainda que temporariamente, a seu objeto. O remetente-espírito quer (*querer*), mas não pode (*não-poder*)

entrar em conjunção com seu destinatário a não ser após a espera: “*Querer estar aí com todos, a qualquer hora, e ligar prá vocês como quem toca telefones e campainhas, a gente quer mesmo. No entanto, é preciso esperar e esperar*”.

A evolução é vista como uma coerção (dolorosa, mas positiva) pelo sujeito-espírito:

Este é preciso parece fatalidade. É preciso nascer e é preciso morrer, é preciso lutar por melhoria e é preciso melhorar sempre. Sequência de imposições benéficas que a pessoa agradece porque não há saída melhor para estes assuntos e casos de evolução.

Da mesma forma que nas cartas de Jair Presente, a evolução é tida como algo inexorável. O que muda são as relações dos sujeitos com ela. Enquanto para o remetente Jair (como simulacro) a evolução é eufórica (sempre positiva) para Augusto ela é ambígua. É “benéfica” porque “não há saída melhor”.

A morte é figurativizada como sendo da ordem do “inesperado”. É “indesejada” e faz que o sujeito seja, subitamente, “despido” do próprio corpo. Deslocamento “obrigatório” de si, a morte o força a adaptar-se:

*A indesejada vai chegando e ataca de gigante, colhendo pessoas aqui e ali, deitando-as e levantando-as ao mesmo tempo. A gente entra à força na ideia de que está fazendo istripitisi. É aquele clamor de arrasar igualmente a qualquer um. Depois dessa operação obrigatória em que a criatura é deslocada em definitivo de seu próprio encaixe, começa a luta maior pela adaptação.*

Mais habituado à psicografia (“bailado das letras”), o remetente-espírito é tido como “competente” para dar avisos de outros espíritos a seus familiares; o efeito de “verdade” é enfatizado:

O *Cristiano e o Gabriel estão realmente aqui*, lembrando pássaros ansiosos de pouso. Pouso no coração dos pais, que é sempre para nós

um ninho de socorro infalível. Entretanto, *não puderam reorganizar forças e enfileirar pensamentos para sustentar o lápis neste bailado das letras a que me vou habituando*. Ainda assim, recomendam a este pobre estafeta da Vida Espiritual para transmitir-lhes as lembranças e os agradecimentos.

Entre os recursos discursivos geradores de um efeito de sentido de “verdade” estão a resposta a perguntas pressupostas, estabelecendo uma aparente “onisciência” narrativa por parte do ator Augusto:

Às vezes encontro você matutando coisas. Será? Não será? Tenho ainda muito tempo no mundo? *O seu pensamento* me busca longe e eu fico mais perto de você para auxiliar as suas ideias no reajuste. Viver sim, Mãezinha, e viver feliz como o figurino recomenda.

Por fim, o sujeito realiza uma curiosa checagem dos programas narrativos cumpridos:

Agora, é aquele beijo do filho reconhecido. *A carta pronta, as datas lembradas, aniversários em dia e avisos colocados entre nós* para dizer que não há sinal vermelho nas estradas de nossa fé. Agora é me arrancar para outras tarefas. Não para outras ligações, que não as tenho maiores do que a nossa.

Os recursos lexicais utilizados passam pela escolha de um registro informal que, novamente, não se sustenta uniformemente. Entretanto, podemos constatar o uso de *expressões cristalizadas* (“é aquele *negócio de amizade*”; “*pintar nesta sala*”; “É isso aí”; “*A onda para nós é confiança*”; “*ir para ao brejo* do desânimo”; “*aquele apoio/beijo/abraço*”), *vocábulos gírios* (“*istripitisi*”; “*enquadração*”) e *informais* (“*encucados*”; “*bedelho*”; “*matutando*”) em maior proporção, comparativamente à carta anterior.



## Jair Presente

### Sobre o autor espiritual

Caio Ramacciotti, um dos mais conhecidos editores das cartas de Chico Xavier, traça o perfil biográfico do jovem Jair Presente, a quem se atribui a “autoria espiritual” de uma série de cartas psicografadas entre os anos de 1974 e 1976.

Segundo o editor, Jair foi estudante de Engenharia Mecânica na Unicamp e era descrito por sua família e amigos como um jovem extrovertido, brincalhão e muito afeito às gírias que circulavam no início dos anos 1970. Nasceu em Campinas, em 10 de novembro de 1949, e faleceu em 3 de fevereiro de 1974, aos 24 anos, vítima de afogamento, em um passeio com amigos à Praia Azul, situada às margens da Represa de Salto Grande, município de Americana, SP (Ramacciotti, 2005, p.104-7).

Suas cartas têm um tom de conversa cotidiana, informal, travada por uma personalidade cativante, cujos anseios e angústias refletem a luta pela adaptação a uma nova condição de vida – extrafísica, é bem verdade, mas em muito semelhante à realidade material, pontuada pela necessidade do trabalho como condição para ficar mais próximo da família, reequilibrar-se e evoluir.

Passaremos, então, à análise semiótica de três cartas de Jair Presente, datadas de 15 de março, 25 de agosto e 16 de novembro de 1974, respectivamente.

## Análise das cartas de Jair Presente

### Carta de 15 de março de 1974

A primeira carta atribuída a Jair Presente (Anexo B, Carta 1) revela-nos um sujeito recém-chegado ao plano espiritual, do qual passa a fazer parte de forma trágica e inesperada.

Dirigindo-se, de forma geral, aos familiares, pai, mãe e irmã, o sujeito-remetente, no simulacro de Jair, mostra-se confuso e, ainda que peça calma a todos, demonstra sua angústia e medo:

Meu pai, minha mãe, minha querida Sueli, peço-lhes calma, coragem. Não estou em situação infeliz, *mas sofro muito* com a atitude de casa. Auxiliem-me. É tudo, por agora, o que lhes posso dizer. *Tenho a mente nublada. Consigo entender muito pouco aquilo que se passa em torno de mim.* As lágrimas dos meus queridos me prendem. Que há, meu Deus?

Confuso e temporariamente “desmemoriado”, o sujeito executa programas narrativos aparentemente contraditórios, que acirram ainda mais esse efeito de sentido de “perturbação” *post-mortem*: um programa narrativo de *vinculação* e um programa narrativo de *libertação*, que o leva a contradições em sua própria busca por se firmar em outro plano.

Segundo o programa narrativo de vinculação, o sujeito deve estar em conjunção afetiva (representada pelas memórias do falecido, durante o luto dos familiares) com a família, para que ele possa recobrar sua memória e retomar a própria individualidade (sem a qual ele não pode assegurar sua “identidade”):

[...] a não ser o meu avô Basso (1), a quem me ligo pelo coração, *não tenho ainda memória para funcionar aqui; minha faculdade de lembrar está com vocês*, assim à maneira de um balão escravizado. Ajudem-me. *Preciso ver e ouvir aqui para retomar-me como sou.*

Já no programa narrativo de libertação, dá-se o oposto: é preciso que o sujeito esteja em disjunção afetiva com a família para que ele possa voltar a ser “ele mesmo”, mas na condição de sujeito adaptado a uma nova forma de vida:

*As vozes de casa chegam ao meu coração e, como se continuássemos juntos, vejo-os no quarto, guardando-me as lembranças como se devesse chegar a qualquer instante. E o meu pensamento não sai de onde me prendem. Agradeço, sim, o amor em suas lágrimas. Agradeço o carinho em suas preces, mas venho pedir-lhes para viverem. Viverem! E viverem felizes, porque assim também serei feliz. [...]*

*Estou saudoso de tudo*, dos familiares queridos, dos companheiros, dos estudos e das aulas; *entretanto, espero sarar e refazer-me*. Para isso você, meu querido pai, e você, querida mãezinha, são as alavancas de que preciso para me levantar.

Embora os programas narrativos se estabeleçam com base em movimentos contrários – conjunção e disjunção com a família – sua busca é ainda a mesma, para ambos: afirmar sua existência, ou melhor, a continuidade dela no plano espiritual.

É por essa razão que o sujeito-remetente reforça seu pedido:

*Não pensem que desapareci para sempre. Estarei, porém, com vocês na condição em que estiverem comigo. [...] Lembrem-me estudando e não morto, porque a vida não admite a morte.*

A fim de persuadir seu sujeito-destinatário da necessidade de esquecer, perdoar, ou, mais precisamente, de libertar-se de suas memórias, o sujeito-remetente retoma as recordações da própria morte:

Esqueçam o que sucedeu, ninguém me prejudicou, ninguém teve culpa.

Mal sabia eu que um passeio domingueiro era o fim da resistência física.

O coração parou, ao modo de um motor, de que não se descobre imediatamente o defeito.

Sou eu quem deu tanto trabalho aos amigos (3). Notei quando me chamavam, quando me abraçavam, massageavam e me faziam quase respirar sem conseguir. Depois foi o sono, um sono profundo, do qual acordei para chorar com o pranto de meus pais e de meus afetos mais queridos.

Os efeitos veridictórios resultantes de tal estratégia são evidentes: a reconstituição da morte é marcada, necessariamente, por referências que conduzam o enunciatário ao um *crer*, pelo qual este pode vir a aderir (ou não) ao contrato fiduciário, graças à geração de efeitos de “verdade” e “realidade”.

A inadaptação do sujeito-remetente a sua nova condição de vida, e, conseqüentemente, à escrita mediúcnica, torna-o incapaz de prosseguir:

Por hoje nada mais consigo descrever.

A garganta, como se eu fosse falar, está estrangida, e as lágrimas estão contidas, a ponto de rebentar.

A análise da carta de Jair permite-nos constatar a existência de uma orientação discursiva espírita que permeia toda a narrativa, ainda que de forma implícita. Os programas narrativos de conjunção e disjunção nos mostram o que poderíamos descrever como uma dinâmica do luto (para os familiares e para o “falecido”, que busca se adaptar à vida *post-mortem*), plenamente coerente com visão espírita.

É possível observar, no texto, a adoção de um registro predominantemente formal da língua, com oscilações entre o que seria o discurso epistolar “típico” (“termino, com um abraço, deixando aqui a vocês aquele beijo de todos os dias”) e o discurso doutrinário (“Encaremos a vida como deve ser a vida perante Deus e esperemos o futuro melhor”). Entre outros recursos de veridicção presentes, então a utilização de antropônimos (“Aqui comigo estão o meu avô Basso e um coração de benfeitora a quem chamo Irmã Elvira”) e referências compartilhadas entre enunciador e enunciatário (como os elementos de teor veridictório utilizados para a descrição da morte de Jair, como vimos).

### Carta de 25 de agosto de 1974

A carta de *25 de agosto de 1974* (Anexo B, Carta 2), atribuída a Jair Presente, é destinada a familiares e amigos, e inicia-se de forma pouco usual: em tom de reconhecimento/identificação (“Oi, Gente! Vocês aí,<sup>4</sup> vocês mesmo, entocados nos bancos”), o narrador aponta, um a um, os narratários a quem se dirige, como se estivesse diante

---

4 Grifo nosso.

deles (“Papai, minha mãe, Sueli, Carlos, Sérgio, Wilson e conexos”). Escrito em primeira pessoa (do singular e do plural), o texto tem, em seu nível discursivo, a projeção do “eu” narrador e do “tu” narratário, resultante da debreagem actancial enunciativa, que contrapõe Jair ao grupo de familiares e amigos.

A debreagem enunciativa espacial (“Vocês *aí*... entocados nos bancos”) projeta o espaço, gerando um efeito de sentido de aproximação. Tem início uma relação determinante ao longo do texto, que estabelece uma alternância de projeções enunciativas e enuncivas: entre um “aqui” e um “lá”, um “aquém” e um “além”, separando um plano terreno, material, no qual se encontram os narratários, de um plano transcendente, espiritual, onde se situa o narrador.

O tempo do enunciado é quase sempre concomitante ao da enunciação (agora), reforçando ainda mais o efeito de aproximação decorrente das projeções espaciais.

No nível narrativo, organiza-se um programa de base em que o sujeito tem como objeto-valor a “a afirmação da vida após a morte” (“estou vivo, vivinho mesmo”), o que pressupõe um percurso de “negação da morte”. Esse querer-fazer é motivado pelo destinador-manipulador, manifestado como família e amigos, no nível discursivo. A manipulação realiza-se por meio da tentação; se o sujeito conseguir afirmar sua identidade, fazendo-se reconhecer, o destinador passa, então, de um estado de descrença (dúvida) para o de crença.

O investimento modal *querer-fazer* faz que o sujeito se aproprie de um *saber-fazer* que, conseqüentemente, lhe possibilita um *poder-fazer*, associado à afirmação da vida *post-mortem*, nesse caso. Na instância do enunciatário, essa afirmação envolve um fazer persuasivo (*fazer-criar*) em relação ao enunciatário que, por sua vez, exerce um fazer interpretativo.

Para entrar em conjunção com o objeto-valor do programa de base, o sujeito da ação necessita, antes, realizar um programa de uso, por meio do qual adquirirá a competência (poder-fazer) necessária. O objeto-valor (Ov) que lhe permitirá a aquisição desse poder-fazer é a “afirmação de sua identidade”, e implica ser reconhecido pelos

atores, manifestados como “família” e “amigos”, no plano discursivo: “Se eu não garanto já o jamegão<sup>5</sup> aqui deste modo, vocês estarão aí de olho cumprido e de espírito jururu”; “Pedi favor para escrever assim, só para mostrar prá vocês que estou vivo, vivinho mesmo.”

No programa narrativo de uso (PN), o actante S1 (Jair), sujeito do fazer, transforma (numa passagem de um estado de crença a outro) o actante S2 (familiares ou amigos), sujeito do estado, por meio da “afirmação de sua identidade” (F). Assim, conforme o programa se realiza, aumenta a proximidade do sujeito com objeto do programa narrativo de base. Realizado o programa de uso, o programa de base se concretiza, resultando na conjunção do sujeito do fazer com o objeto-valor. Tal enunciado pode ser formalizado da seguinte maneira:

$$\text{PN} = \text{F (função)} [\text{S1} \rightarrow (\text{S2} \cap \text{Ov})]$$

O oponente em relação ao programa de uso é manifestado, discursivamente, pelas limitações do médium (o corpo, enquanto matéria, é instrumento imperfeito aos anseios do espírito), cuja tarefa de transmitir as palavras do narrador-espírito nem sempre é plenamente cumprida.

A gente aproxima do médium e quer falar, e aí temos de guentiar o assunto, porque só falamos em dupla; o médium quando não tem muito exercício nos passa prá trás e fala na frente. Vocês ficam parados na fachada e esquecem a faixa em que nos achamos.

A escrita mediúnicamente exigiria uma integração harmônica (sincronia) entre a fala do sujeito e a fala do médium, duas forças que se unem e por vezes se alternam e se sobrepõem uma à outra. A dificuldade imposta pela comunicação (imperfeita) funcionaria contrariamente ao programa de afirmação da identidade do sujeito,

---

<sup>5</sup> *Jamegão*: nome ou rubrica firmada na parte inferior de um escrito; assinatura, firma (Houaiss, 2009; Silva, 1973).

já que a dúvida por parte do narratário inviabilizaria seu plano de reconhecimento.

No nível discursivo, o PN de uso pode ser apreendido por uma sequência de diálogos em que o narrador traz à superfície os pensamentos e sentimentos dos narratários, para as quais oferece consolo / resposta. Esse efeito de sentido seria resultante de uma mudança no foco narrativo, por parte do narrador (Jair), portador de uma espécie de onisciência com que poderia sondar o “campo mental” de cada narratário.

A onisciência do narrador pode ser vista em passagens como a do pedido de paciência e aceitação ao pai, diante de sua morte:

E quero dizer a meu pai que não fique de pensamento vidrado nas águas;<sup>(2)</sup> se dei uma de peixe foi para nadar melhor. Fico abilolado quando meu pai começa a embarafustar<sup>6</sup> na lembrança de Praia Azul. Papai tenha paciência. Voltei como vim.

Ao amigo Carlos, Jair incita ao trabalho pelos que necessitam, enquanto há tempo de vida (física):

Carlos que tu tás pensando? Não fique parado, não, depois de saber que o negócio não termina ali no meio das estátuas. Olhe rapaz, os dias vão correndo... Quando puder acompanhe minha mãe para dar serviço no serviço do bem.<sup>(3)</sup> [...] Trabalhar, meu amigo, trabalhar pelos outros.

A Wilson, pede que entenda a necessidade do trabalho e da dedicação também no plano espiritual:

Wilson, tu tás abilolado a toa. Não pense que tudo aqui seja concedido de mão beijada. Prato feito acabou. Mentira não vale. Toda conquista pede tempo e suor, creio que mais suor do que tempo.

---

6 O verbete “embarafustar”, segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss versão 3.0* (2009) é um regionalismo que significa “ingressar num recinto atropeladamente, desordenadamente ou impetuosamente; barafustar(-se)”.

Em cada diálogo, é possível observar debreagens temporais enunciativas (“... se dei uma de peixe foi para nadar melhor. [...] Voltei como vim.”) e enuncivas (“Prato feito acabou”), que remetem os narratários a situações do passado ou, por embreagem, ao presente (“Não pense que tudo aqui seja concedido de mão beijada”; “Não fique parado, não, depois de saber que o negócio não termina ali no meio das estátuas.”). Em termos enunciativos, esse jogo temporal e narrativo dá origem a efeitos de “verdade” que cumprem função persuasiva na adesão do enunciatário ao contrato proposto pelo enunciador.

O narrador situa-se espacialmente em dois planos: o *aqui, mundo dos espíritos*, onde goza de uma vida distinta, mas que lhe impõe as obrigações do trabalho e do aperfeiçoamento (“Não pense que tudo aqui seja concedido de mão beijada. [...] Toda conquista pede tempo e suor, creio que mais suor do que tempo.”) e o *alhures, mundo material*, compartilhado com o narratário, a quem se dirige como se falasse em sua presença (“Vocês aí!...”) e acompanhasse seus dramas diários.

No nível fundamental, é possível perceber a relação das categorias semânticas /vida/ vs. /morte/, /atividade/ vs. /estagnação/ e /dinamicidade/ vs. /estaticidade/.

Discursivamente, a vida associa-se ao trabalho (atividade) e à dinamicidade. Esse eixo de relações é visivelmente eufórico. Já a morte se mostra associada à estagnação e à estaticidade, revelando um teor disfórico. A organização axiológica nos apresenta relações bastante peculiares:

- a) A vida corpórea sem trabalho – e especialmente pelo próximo – é improdutividade/estagnação e representaria uma “morte em vida” cujo valor é disfórico: “Carlos, [...] Não fique parado, não, depois de saber que o negócio não termina ali no meio das estátuas. Olhe rapaz, os dias vão correndo...”; “Aqueles amizados nas panelas de sopa estão certos e os caras que somos nós, quando longe deles, é que ficamos nas risadas do já era.”



- b) A vida espiritual sem o trabalho e o esforço pelo autoaperfeiçoamento é estagnação e representaria uma “morte *post-mortem*”, de valor disfórico:

Estou bem, estou melhorando [...] Já saí da bananosa,<sup>7</sup> começo a compreender que preciso educar meus impulsos. Educar impulsos é qualquer coisa de progresso. Não me lembro de haver dito isso, apesar dos livros que andei consultando. [...] já não me vejo com trutas que largam os deveres de mão para alfinetar o tempo e acabar com as horas.

- c) A vida corpórea com o trabalho é crescimento / evolução e representaria a “vida em vida”, cujo valor é eufórico: “Quando puder acompanhe minha mãe para dar serviço no serviço do bem”; “[...] só existe uma transformação que vale a pena: ajudar os que precisam mais do que nós para que larguem de precisar”;
- d) A vida espiritual com o trabalho é renovação / evolução, representaria a “vida *post-mortem*” e tem valor eufórico: “Não pense que tudo aqui seja concedido de mão beijada. Prato feito acabou. Mentira não vale. Toda conquista pede tempo e suor, creio que mais suor do que tempo”; “Sempre acreditei que mendicância seria preguiça, conversa mole, mas o problema é diferente. Se temos de mudar qualquer coisa, temos de começar mudando a nós mesmos”.

Essa orientação ideológica confere ao texto um direcionamento geral que leva a uma *afirmação da vida* – seja ela em que plano for, uma vez que é vista como eterna – e, conseqüentemente, a uma *negação da morte*, que inexistiria – a não ser como um estado temporário.

---

7 O verbete “bananosa” é um termo informal definido como “situação muito complicada; embananamento” (Houaiss, 2009). Segundo o *Dicionário da gíria brasileira* (1973), de Euclides Carneiro da Silva, o termo pode designar, também, “miséria, penúria”.

As isotopias temáticas presentes ao longo do texto reforçam esse direcionamento:

Se a gente morresse mesmo, era só seguir entre a preguiça e a rede; no entanto, a morte é uma passagem que parece aquela porta dos contos de fadas. Vocês abraçam a gente movimentando gritos e lágrimas e o cara não consegue falar bolacha. Estamos encantados pela bruxa que não se vê, mas posso dizer que é uma bruxa inofensiva, porque nem a vemos de leve. A morte chega e decerto bate aquela varinha em nossa cabeça; a gente dorme, acorda com vocês chamando e chamando, e aos poucos saímos do barro ou da pedra. O negócio é isso.

Nesse trecho, é possível apontar uma isotopia da morte, que se divide em um *polo disfórico*: “sono” (“a gente dorme...”), “preguiça”, “rede” e relacionam-se às categorias semânticas da estagnação/ estaticidade; e um *polo eufórico*: “passagem”, “despertar” (“a gente [...] acorda com vocês chamando”), figurativizadas pelo sujeito como “porta dos contos de fada”, “bruxa inofensiva/que não se vê”, “varinha” (de condão), “sair do barro ou da pedra”, “varar o rio da mudança”, “virar peixe para nadar melhor”.

Tais figurativizações da morte constituem sua imagem como mera ilusão (“Se a gente morresse mesmo”). Jair define-se como um “rapaz supostamente afogado”, que teve sua condição modificada, mas que vive e quer seguir trabalhando, aprendendo e evoluindo.

Embora o programa de uso pareça ter sido realizado com sanção positiva, por parte do destinador, não é possível afirmar que a relação entre sujeito e objeto-valor do programa de base tenha sido sancionada, uma vez que a performance de fazer-criar, de cunho persuasivo, não apresenta um desfecho.

### Carta de 16 de novembro de 1974

Na carta de 16 de novembro de 1974 (Anexo B, Carta 3), é possível observar que as projeções de sujeito, espaço e tempo, no nível discursivo, são semelhantes às da carta anterior (Anexo B, Carta 2).

Novamente, o “eu” narrador inicia a carta apontando uma presumida ordem na disposição entre os membros do grupo ao qual se dirige (o “tu” narratário, discursivamente manifestado como “familiares” e “amigos”), de forma a reforçar os efeitos de sentido de verdade, uma vez que configura, em debreagem enunciativa espacial a oposição entre os espaços nos quais o *narrador* (“*Aqui, fazer e comprar é com a gente mesmo*”; “*Trouxe para cá unicamente o coração de rapaz que não tem muita chance para retomar o passado*”; “*Aqui somos um outro bando*”) e o *narratário* (“*é preciso sair da avenida de vocês aí*”; “*por aí, tudo era aquela água*”; “*Vocês, aí! Preparem-se...*”) se localizam.

O local do encontro, da interação, é o da mensagem, ou então o espaço-tempo futuro, num plano imaterial, conjunto ao do narrador: “*Vocês não se enganem. Exercício de caridade para recebermos caridade, onde estou e para onde vocês virão*”.

Embora em menor quantidade, em relação à segunda carta, o efeito de sentido provocado por uma “onisciência”, resultante da mudança de foco narrativo, faz que o sujeito-remetente estabeleça um diálogo com diversos destinatários, como se ele tivesse acesso aos pensamentos de cada um (“*Sueli, você tá esperando papo firme*”; “*Sei que você e nossas amigas lá no grupo esperam mensagens*”) – ideia que, por sinal, é coerente com os princípios da doutrina espírita, que considera essa “sondagem mental” algo possível, por parte dos espíritos.

As escolhas lexicais feitas constituem-se de vocábulos gírios (“*prafrentex*”, “*jambrar*”, “*pala*”, “*sofistique*”, “*vagau*”), informais (“*encucar*”, “*ouricado*”, “*borocochô*”, “*abilolados*”, “*patota*”, “*xexelentos*”...) e expressões cristalizadas (“*dando duro*”, “*esperando papo firme*”; “*Vidrado nos livros*”, “*Parado nas observações*”, “*o/a maior da paróquia*”, “*falei e disse*” etc.), que contribuem para a eficácia da adesão do enunciatário ao discurso do enunciador, uma vez que demonstram coerência em relação à imagem inicialmente traçada pelo editor das cartas, Caio Ramacciotti, na biografia do autor espiritual.

O registro adotado é predominantemente informal e remete às variantes utilizadas por universitários e intelectuais nos anos 1970

do século XX, os quais expressavam a preocupação em ditar hábitos linguísticos originais como forma de contestação, na hipótese de Preti (1984, p.2). Considerando as duas cartas, datadas de 25 de agosto e 16 de novembro de 1974, respectivamente, é possível perceber que o uso de vocábulos gírios e informais era, aliás, uma das características mais marcantes e recorrentes no discurso do enunciador e cumpria uma dupla função: a de *metalinguagem*, enquanto ato reflexivo sobre o próprio dizer (como foi possível observar na primeira carta – “gíria não dá para nós, os que varamos o rio da mudança” e “... vou largar esse negócio de palavras giradas” – e na segunda: “Sei que você e nossas amizades lá no grupo esperam mensagens. E mensagens em bossa nova, em conversa bem animada”) e a de *identificação*, já que era pela linguagem que ele poderia fazer-se reconhecer por sua família e amigos (destaque para a carta de 25 de agosto: “Pedi favor para escrever assim, só para mostrar prá vocês que estou vivo, vivinho mesmo”).

Destacamos a recorrência de vocábulos como “jambrar” (“Coloquemos a cuca para *jambrar*”, na primeira carta, e “... não estava certo se conseguiria pôr o lápis ou a palavra prá *jambrar* fazendo o bem”, na segunda, em ambos os casos significando “funcionar”), e expressões como “falei e disse”, subvertida e parafraseada em ambas as cartas (“*Falei mas não sei se disse*”, na primeira, e “escrevo aqui o ponto final... *sem saber se falei*”, na segunda). Esta expressão, especialmente, é comentada pelo editor das cartas na seção *comentários do organizador*, curiosamente ao referir-se a outro termo: “1 – Jamegão – como “falei”, palavra muito usada pelo Jair” (Ramacciotti, 2005, p.133). Outras expressões mostram-se como regularidades, no nível discursivo, estabelecendo relações de equivalência: “Não pense que tudo aqui seja concedido de mão beijada. *Prato feito acabou*. Mentira não vale. Toda conquista pede tempo e suor, creio que mais suor do que tempo” (Anexo B, Carta 2) e “Por aí, tudo era aquela água. Tudo no *livro do tá feito e na lista do tá comprado*. Aqui, *fazer e comprar é com a gente mesmo*. A pessoa tem o que vale para o próximo” (Anexo B, Carta 3).

Essas recorrências têm por consequência a geração de efeitos de verdade fundamentais para o estabelecimento do contrato fiduciário

entre enunciador e enunciatário, visando à adesão deste último ao discurso. Os efeitos de verdade são, inclusive, evidenciados pela edição cuja interferência não deve ser desprezada, já que o editor, ao validar um percurso de leitura em detrimento de outro, direciona o olhar do leitor, restringindo suas possibilidades interpretativas para o texto.

As escolhas lexicais e o registro de linguagem adotados configuram-se, portanto, como estratégias textuais de teor persuasivo, pois permitem ao enunciatário inserir o enunciador em um grupo socialmente reconhecido (e reconhecível, pelo leitor).

No nível fundamental, os valores axiológicos são bastante semelhantes aos do percurso da segunda carta, em que vida e trabalho (atividade) relacionavam-se num mesmo eixo eufórico. Tendo por categoria elementar a oposição /evolução vs. estagnação/ e por categorias semânticas /trabalho vs. ociosidade/ e /conhecimento vs. ignorância/, a segunda carta revela o percurso de um sujeito que empreende a mesma busca por seu objeto-valor: evoluir para viver e permanecer em conjunção com seus familiares.

Evolução, trabalho e conhecimento alinham-se em um eixo eufórico; já no eixo disfórico a estagnação, a ociosidade e a ignorância associam-se. As relações eufóricas, polarizadas, podem ser apreendidas pelas respectivas isotopias e figurativizações: “conhecimento” (“manoca está no estudo. Vidrado nos livros”; “Conhecer para fazer e fazer o melhor para chegar ao bem”), “trabalho” (“Estou trabalhando. Dando duro”; “[estou] Arregaçando mangas”) e “perseverança” (“É preciso... deslanchar e seguir prá frente”; “devo estar super-incrementado para não cair em preguiça”; “Continuar e continuar para estarmos firmes”; “vou indo no prafrentex da vida nova”).

Os programas narrativos que o sujeito deve desenvolver, nesse momento, são dois. O primeiro é o de comunicar seus pensamentos (“desculpas se não comuniquei meus pensamentos abilolados como desejava e realmente sem saber se falei”) e os recados dos quais foi incumbido no plano espiritual (“Não sei se transmiti os recados de que me incumbiram. Entretanto, Sueli, nossos amigos aqui me falam que mensagem deve ter mensagem por dentro. E esses comunicados

precisam chegar ao destino”), de forma a se identificar. O segundo é o de evoluir para se adaptar à nova vida e entrar em conjunção com seu objeto-valor, discursivamente manifestado por seus familiares (“Estou trabalhando. Dando duro se quiser ficar mais perto de vocês”; “Ainda preciso de vocês”).

No entanto, não é possível dizer que a relação entre sujeito e objeto-valor pode ser sancionada, uma vez que nenhuma das performances dos programas narrativos apresenta desfecho.

## Laurinho Basile

### Sobre o autor espiritual

Lauro Basile Filho, “Laurinho”, é descrito como um rapaz de “gênio especial, muito brincalhão [...] com uma capacidade de invenção fora de série, de grande inteligência, sempre notado por todos” (Basile, 1993, p.15). As palavras generosas são de sua mãe, que se tornou editora das cartas atribuídas ao filho, ao coletá-las, organizá-las e comentá-las por sua própria iniciativa, como forma de lidar com a dor da perda.

Laurinho nasceu em 17 de março de 1958, em Casa Branca (SP) e faleceu em 12 de dezembro de 1976, aos dezoito anos, num acidente automobilístico, quando voltava, com amigos, de uma festa na cidade de São João da Boa Vista (SP). À época, o jovem era estudante de Serviço Social.

As cartas atribuídas a Laurinho, escritas por Chico Xavier seis meses depois de sua morte, são marcadas por uma linguagem afetiva, predominantemente coloquial, que oscila entre o tom grave e o brincalhão com que narra suas descobertas, saudades, reminiscências e a experiência de adaptar-se a uma “nova vida”. Passaremos, então, à análise de suas cartas, datadas de 16 de julho de 1977, e 8 e 18 de abril de 1978.

## Análise das cartas de Laurinho Basile

## Carta de 16 de julho de 1977

A primeira carta (Anexo C, Carta 1) atribuída a Laurinho Basile apresenta uma narrativa bastante concisa, em relação à maioria das cartas. Nela, entrevemos o simulacro de um sujeito-remetente fragilizado e incipiente na escrita mediúcnica, na mesma proporção de sua adaptação à realidade espiritual:

Estou ainda como quem se vê debaixo de uma névoa de lágrimas e ainda não consigo raciocinar com segurança.

Meu avô João Basile me trouxe aqui a meu pedido para dizer-lhes que vou melhorar mais depressa se me auxiliarem com a fé em Deus.

[...] Agradeço as orações e votos que me dirigem, mas preciso ficar forte. Não posso escrever mais [...]

Seu percurso é marcado por um programa narrativo de consolação, pressuposto pelo programa de uso de comunicação; é preciso que ele consiga se comunicar (ainda que por meio de um adjuvante, o “avô”), para consolar seu sujeito-destinatário, a mãe:

Mãezinha, eu não vim para cá fora das Leis de Deus. Ninguém teve culpa no carro de encontro à árvore.

A morte, que não depende de nós, não é de nossa culpa.

Os pedidos de preces e resignação à mãe e aos familiares constituem-se, discursivamente, enquanto valores próprios do universo doutrinário espírita:

Tive permissão para vir até aqui pedir à senhora para que não chore tanto. Peço à senhora e à mãe Lourdes me ajudarem a ficar mais calmo. À Selma rogo pedir às nossas queridas Rachel, Yolanda Lucila a mesma coisa.

O texto apresenta um repertório restrito de estratégias de veridicção, de forma a obter a adesão do enunciatário ao contrato fiduciário. Entre os recursos observados, estão o uso de antropônimos e um número reduzido de informações compartilhadas entre enunciador e enunciatário, de baixo teor persuasivo.

### Carta de 8 de abril de 1978

A carta de *8 de abril de 1978* (Anexo C, Carta 2) mostra-nos um sujeito cujo programa narrativo de base é o de comunicar-se com os familiares. Seus programas de uso consistem em agradecer (à mãe, à família), identificar-se (afirmação da identidade) e transmitir recados a outras mães. O simulacro de remetente se dirige à mãe (“Querida Mãezinha Priscilla”), enquanto destinatária.

O programa narrativo de “identificação” tem uma dupla implicação: ao identificar-se, o sujeito-destinador exerce um fazer persuasivo (fazer-criar) sobre o sujeito-destinatário; é necessário que ele se identifique para que seu destinatário creia na existência da vida após a morte: “É preciso mostrar que a morte já era. Estamos vivos e aprendendo a dominar-nos como é preciso”.

Sob o simulacro de Laurinho, o sujeito-remetente é movido pela gratidão; é por ela que suas emoções emergem:

Queira dizer tanto. Mas *as emoções são longas*. E as frases parecem tintas para decoração limitada. Não sei o que dizer.

Que estou feliz? Isso é verdade, mas não estou apenas feliz. Estou *reconhecido*. *Grato ao seu amor, à dedicação do meu pai, ao carinho da turma toda* [...] Deus recompense seu carinho. Carinho, sobretudo, na adesão a todos os empreendimentos de seu filho [...] Agradeço todo o amor que a sua dedicação situou em derredor de notícias.

A partir das emoções, o sujeito-remetente (destinador) passa a resgatar sua memória (“Tudo está revivendo em mim”). As recordações da morte trazem, junto de si, referências de teor veridictório e explicações que visam a confortar seu destinatário.



É verdade. Deixei o corpo, num *choque entre dois gigantes*, um *Maverick* e um *eucalipto* de força notável. Mas nem um nem outro me impuseram a demissão do carro físico. O *velocímetro* é que estava numa temperatura de febre. Mas o *motorista* igualmente não teve culpa [...] *Tudo está bem. Não há motivos para lágrimas*, porque estamos todos trabalhando pela melhora total.

O caráter consolador veiculado pelas “explicações” acerca do acidente encontra-se, aliás, atrelado à orientação discursiva espírita. Contribuem para uma adesão efetiva/afetiva do destinatário ao discurso: “As *notícias da imortalidade* são realmente importantes. Muitos *pais e mães* de agora não estão compreendendo os filhos quando trazidos para cá. É preciso mostrar que *a morte já era*”.

A memória, enquanto procedimento discursivo, é um recurso recorrente na narrativa de “Laurinho”, mostrando-se como um artifício bastante eficiente, uma vez que propicia o estabelecimento do contrato fiduciário entre enunciador e enunciatário. A utilização intensiva da ancoragem discursiva, por meio de referências a pessoas (antropônimos), espaço (topônimos) e tempo (cronônimos) atua na geração de efeitos de sentido de verdade, ao possibilitar que enunciador e enunciatário passem a compartilhar um mesmo horizonte de valores e saberes.

A nomeação de outros “companheiros” e a transmissão de recados prestam-se, simultaneamente, ao reforço do caráter veridictório do discurso. Por permitir a instauração de um actante coletivo (destinatários além da “mãe”, a quem o remetente-espírito se dirige), amplia-se a dimensão do fazer-persuasivo:

Estamos aqui, *Evaldo, José Tadeu* e eu mesmo, moços que se estragaram ou se refizeram com atritos de máquinas [...] Aqui temos *muitos companheiros*, mas não posso nomear a todos. Preciso porém *satisfazer ao desejo de um rapaz de nome Nelson* que pede seja comunicado à sua *Mamãe Sebastiana de Mello Oliveira* aqui presente que ele se acha em companhia do pai Olavo. Um notável menino e *moço de nome Maurício* pede para que se responda ao coração materno

que chama insistentemente por ele, que a mensagem dele nesta noite se chama: – Um beijo para você Mamãe. Ele se refere ao nome da progenitora que é *D. Alexandrina Xavier Vieira* [...] Muita gente deseja falar [...]

O tempo, entretanto, constitui-se como oponente em relação a esse programa de uso: “Muita gente deseja falar, mas *precisamos inventar um relógio novo*. O problema é que podemos inventar um novo conta-vida, mas o *tempo é de Deus* e o que é de Deus ninguém muda”.

Podemos observar a adoção de um registro predominantemente informal da língua, marcado pela coloquialidade, com a utilização de expressões cristalizadas (“a morte já era”; “vamos tocando o barco”) e a quase inexistência de gírias (“Querida Barata, a senhora é o mais precioso *Barato* do mundo” – “barato”, por sinal, é utilizado como trocadilho).

Sob o simulacro de Laurinho, o sujeito apresenta-se como um ser “adaptado” ou, ao menos, resignado (“Tudo está bem”), em franca adaptação a um novo tipo de vida (*post-mortem*) e feliz (ou, ainda, satisfeito pela oportunidade de comunicar-se, de entrar em conjugação com a família). É possível entrever um sujeito motivado pela gratidão e, ao que parece, realizado em seu programa de base.

### Carta de 18 de abril de 1978

Na carta de *18 de abril de 1978* (Anexo C, Carta 3), o simulacro de Laurinho como remetente se dirige ao destinatário “pai” (“Meu Querido Kid, peço a sua bênção. Hoje o assunto será propriamente conosco”).

Vemos um sujeito cujo percurso compreende comunicar-se (com os familiares) e consolar (“Não é muito tarde para o *nosso rango* [...] mas hoje sou eu quem se encarrega da merenda. Um *lanche espiritual* em que peço a Deus me auxilie a servir-lhe muito amor”), como programas de base. A gratidão, como motivo, permanece presente desde a narrativa (carta) anterior, gerando um efeito de coerência em nível discursivo:

*Agradeço ao senhor e a Mamãe e a todos os nossos, as lembranças da religião em nosso auxílio. As preces que fiz em criança a Nossa Senhora das Dores não foram vãs. Soubesse eu o valor da prece e teria cultivado com mais calor os meus contatos com a fé [...] Agradeço aos amigos que acompanham o senhor e a mamãe, com a nossa Lucila até aqui.*

\*\*\*

[...] meus sentimentos, respeito e *gratidão* para com o seu amparo mais me parecem uma cachoeira de amor represada no espírito.

À gratidão, entretanto, une-se a saudade como motivo paralelo:

*Saudade, papai, está em minha nova onda. Saudade iluminada de esperança e carinho, mas saudade real que parece uma dor alugando-me indefinidamente o coração. E creia. Nessa carência de sua ternura e de sua palavra estão as reminiscências.*

Estabelece-se, assim, novamente a isotopia temática da saudade. Disforicamente, a saudade é equiparada à “dor”. Já em seu polo eufórico, é “luz”, “esperança” e “carinho”. Resultante da disjunção espaço-temporal entre dois seres, constitui-se como elemento de conjunção afetiva: “*Nessa carência de sua ternura e de sua palavra estão as reminiscências*”.

É, portanto, no plano da memória que o sujeito-remetente pode resgatar seu destinatário, reconstruí-lo de fragmentos de sentido, que recolhe e reintegra, instaurando um campo de presença em que podem, finalmente, coexistir.

Despertadas pela saudade, as lembranças emergem num ritmo contínuo, resultando em um efeito de sentido que remete ao fluxo do pensamento:

*Lembro-me de todas as suas manifestações de vigilância e bondade. Os conselhos para estar com prudência nos estudos em Mococa. As*

*referências* a Santa Cruz das Palmeiras que um dia o Senhor nos disse chamar-se igualmente Santa Cruz dos Valérios. As *histórias* das aulas no Grupo Dr. Carlos Guimarães. As *anotações* que o senhor enfileirava para nós em casa em relação aos exemplos de amor ao próximo do respeitado Dr. João Batista do Amaral [...] E *tudo se desenrola* de tal modo *na memória* do seu Laurinho, que em verdade meus sentimentos, respeito e gratidão para com o seu amparo mais me parecem uma cachoeira de amor represada no espírito.

Enquanto estratégia de veridicção, a memória é explorada exaustivamente. Em nível discursivo, a narrativa recobre-se de abundantes referências e índices, essenciais ao fazer-persuasivo do sujeito-destinador. Por meio do compartilhamento de valores e saberes, o enunciador propõe o contrato fiduciário ao enunciatário. No entanto, a adesão deste último depende diretamente da sua “identificação” com o horizonte axiológico do primeiro. A mobilização da afetividade, promovida por essa estratégia, contribui significativamente para a adesão do enunciatário ao discurso do enunciador.

Na narrativa, comunicar-se e consolar, enquanto programas de base, configuram-se como faces de um mesmo fazer – o *fazer-creer*. Todavia, ambos pressupõem outro programa, essencial para sua concretização: um programa de uso de “identificação”. Sem que o sujeito-remetente se faça reconhecer (por meio das estratégias já comentadas) pelo destinatário, o contrato de comunicação não pode ser estabelecido ou, mesmo, mantido.

O registro adotado oscila entre o formal e o informal. Há, naturalmente, a predominância da coloquialidade, muito embora possamos definir a linguagem utilizada como “polida”. Há poucas expressões cristalizadas, de uso informal (“é isso aí”; “na onda”) e a quase inexistência de gírias (“rango”).

É interessante notar que, após a execução dos programas narrativos, o sujeito-remetente permanece resignado, ainda que a disjunção com o objeto de valor (família) o torne um ser modalizado pela saudade (“Saudade iluminada de esperança e carinho”).

Caracterizado pela alegria, o sujeito atribui à comunicação mediúnica um valor eufórico (momento de “festa”), que não admite a tristeza (disforia): “Peço-lhe abolir a tristeza e aceitar a nova era que se inicia para nós. Estamos nesta noite numa *festa maior*. A *festa dos irmãos de Jesus* reunidos uns aos outros”.

## Um olhar de conjunto sobre as cartas

A análise das cartas atribuídas a Augusto César Netto, Jair Presente e Laurinho Basile teve como objetivo fornecer subsídios para a compreensão do processo de construção dos *éthe* manifestados na epistolografia psicográfica de Chico Xavier.

Retomando a noção de *éthos*, tal como definida por Discini (2003), procedemos à análise das *recorrências* existentes nas cartas de cada autor espiritual, e, em seguida, naquelas presentes no conjunto das cartas que compõem nosso córpus.

As recorrências nas formas de utilização de temas e figuras; nas relações axiológicas existentes; nos programas narrativos estabelecidos; nos registros de fala empregados (formal/informal); no estilo utilizado (poético ou não poético); e no tipo de discurso predominante (doutrinário ou epistolar) foram os critérios aplicados para que se pudesse estabelecer uma diferenciação entre as possíveis imagens de enunciador presentes nas cartas de Xavier.

Em relação às recorrências encontradas nas cartas de cada um dos autores, podemos destacar:

1. Augusto César Netto
  - a. Suas cartas apresentam um sujeito mobilizado pela *saudade* e pela *esperança*.
  - b. Os programas narrativos consistem, mais frequentemente, na conjunção com a família.
  - c. Recorrência de figurativizações da relação espírito-matéria.
  - d. A adoção de um *registro predominantemente informal* da língua, que imprime *coloquialidade* ao texto.

## 2. Jair Presente

- a. Suas cartas apresentam um sujeito modalizado por um *querer-saber* (aprender, evoluir).
- b. Os programas narrativos consistem, mais frequentemente, na busca pela evolução e pela adaptação à *vida post-mortem*.
- c. O uso de *linguagem informal* com uma dupla função: metalinguagem e identificação (diante da família); há uma intensa utilização de gírias e expressões cristalizadas.
- d. Recorrência de figurativizações da *vida e da morte*.

## 3. Laurinho Basile

- a. Suas cartas mostram um sujeito movido pela *saudade* e pela *gratidão*.
- b. Os programas narrativos consistem na busca pela conjunção com a família.
- c. Recorrência no uso da *memória* como recurso de persuasão para a adesão do enunciatário ao contrato fiduciário.
- d. O registro de *linguagem* empregado é predominantemente *informal*, atribuindo coloquialidade ao texto.

A observação dos traços que caracterizam as cartas de cada autor nos mostra um número considerável de similaridades entre as paixões que os mobilizam e seus registros de fala (informal ou formal).

Outras recorrências, por sua vez, são comuns a todas as cartas psicográficas:

1. a existência de programas narrativos de “comunicação” e “identificação”;
2. o estabelecimento de uma espacialização que situa o enunciador em dois planos simultâneos (aqui / lá) pelos quais ele pode transitar;
3. as formas semelhantes de abertura e fechamento (conforme a estrutura canônica da carta: “Querida mamãe” / “Aquele abraço...”);

4. o uso de respostas pressupostas como estratégia persuasiva (geração de um efeito de “onisciência narrativa”);
5. o caráter consolador pode ser visto em todos os textos (teor persuasivo: “consolar para doutrinar”);
6. o aumento progressivo de referências compartilhadas e ancoragem (antropônimos, topônimos e cronônimos), ao longo do tempo;
7. a oscilação de *registros* de língua na mesma carta, ora demasiadamente formais, ora informais, bem como a alternância de *estilos* (trechos em que se pode perceber o uso de linguagem poética coexistem com trechos de linguagem não poética) e *discursos* (o discurso epistolar intercala-se com o discurso doutrinário).

A comparação cronológica das cartas (da primeira à terceira) demonstra a transformação dos sujeitos, que passam de um estado de *perturbação / confusão mental* para um estado de *equilíbrio / lucidez*. Ao observarmos suas primeiras cartas, podemos perceber pontos comuns, que confirmam essa transformação. Os sujeitos descrevem-se confusos:

Aqui não é muito diferente daí, embora seja diferente daqui.  
*Explicar como é isso não sei ainda* (Augusto).

\*\*\*

*Tenho a mente nublada. Consigo entender muito pouco* aquilo que se passa em torno de mim (Jair).

\*\*\*

*Estou ainda como quem se vê debaixo de uma névoa de lágrimas* e ainda *não consigo raciocinar* com segurança (Laurinho).

Destituídos de um saber sobre o novo plano que ocupam, os sujeitos necessitam da ajuda de um auxiliar (espírito amigo/protetor) para que possam se comunicar pela escrita mediúnica:

Que *ainda estou sendo auxiliado para escrever*, não tenha dúvida. Não consigo relacionar os nomes de todos, porque a lista é grande [...] Não sei ainda ser mensageiro, embora aqui me encontre firme nesta mensagem (Augusto).

\*\*\*

*Aqui comigo estão o meu avô Basso e um coração de benfeitora a quem chamo Irmã Elvira [...]* Por hoje nada mais consigo descrever. A garganta, como se eu fosse falar, está constrangida, e as lágrimas estão contidas, a ponto de rebentar (Jair).

\*\*\*

*Meu avô João Basile me trouxe aqui a meu pedido para dizer-lhes que vou melhorar [...]* Agradeço as orações e votos que me dirigem, mas preciso ficar forte. Não posso escrever mais. (Laurinho)

Ao longo das narrativas, observa-se a aquisição de competência para um saber-fazer (saber-comunicar / saber-psicografar), que lhes dá maior autonomia sobre o próprio dizer. Passam a compreender os princípios que lhes garantem a comunicação escrita:

O Cristiano e o Gabriel estão realmente aqui [...] Entretanto, não puderam *reorganizar forças e enfileirar pensamentos para sustentar o lápis neste bailado das letras a que me vou habituando*. Ainda assim, recomendam a este pobre estafeta da Vida Espiritual para transmitir-lhes as lembranças e os agradecimentos (Augusto).

\*\*\*



Não sei se *transmiti os recados* de que me incumbiram. Entretanto, Sueli, nossos amigos aqui me falam que *mensagem deve ter mensagem por dentro*. E esses comunicados precisam chegar ao destino. Por hoje é parar no ponto justo. Não posso escrever tanto papel só para dizer que o trabalho é nosso (Jair).

\*\*\*

Aqui temos muitos companheiros, mas não posso nomear a todos. Preciso porém satisfazer ao desejo de um rapaz de nome Nelson que *pede seja comunicado* à sua Mamãe Sebastiana de Mello Oliveira aqui presente que ele se acha em companhia do pai Olavo [...] Muita gente deseja falar, mas precisamos inventar um relógio novo. O problema é que podemos inventar um novo conta-vida, mas o tempo é de Deus e o que é de Deus ninguém muda. (Laurinho).

As transformações que ora destacamos mostram-se concordantes com o sistema de crenças e valores da doutrina espírita, especificamente no que diz respeito à perturbação que se segue à morte do corpo físico. Todas as narrativas são marcadas pelas mesmas etapas: inicialmente, o sujeito não sabe e/ou não pode se comunicar; é preciso que seja auxiliado; pouco tempo depois, ele adquire um saber que o habilita tanto a se comunicar como a transmitir recados de outros espíritos que não dispõem dessa possibilidade. A passagem do estado de *perturbação / confusão* para o de *equilíbrio / lucidez* acompanha a etapa de aquisição de competência de um saber acerca do plano espiritual, onde ele se encontra.

Outro ponto de grande relevância reside nas oscilações entre registros, estilos e discursos, que ocorrem dentro de uma mesma carta. O efeito de sentido gerado a partir dessa alternância parece fazer que se projetem duas imagens de enunciador, duas identidades, que se revezam na tarefa de comunicar:

Sou eu mesmo. Seu Augusto. Para servir só? Não. Para dizer que amo você, Mãezinha, cada vez mais [...] Este assunto de citação é

*pesado* para seu filho. Aluno que não deu a lição não pode ensinar (Augusto).

[...] teremos três benefícios juntos: pouparemos as flores em seus ninhos de origem, *cooperaremos em favor de irmãos matriculados na penúria inesperada* e prestaremos serviço a nós mesmos. Porque, como se vê na prece famosa “é dando que se recebe (Augusto).

\*\*\*

Não coloquem a imagem desta *mensagem no gíbi de ensinar*; isso é conversa de casa, fora da prensa de imprensa. Se eu não garanto já o *jamegão* aqui deste modo, vocês estarão aí de olho cumprido e de *espírito jururu* (Jair).[...] *Fomos e somos rapazes decentes* e porque largamos cabelos nas caras para não ficarmos caretas, isso não é motivo para sermos *espíritos adoidados, querendo o que não se deve querer* (Jair).

\*\*\*

A senhora e meu pai nunca me *insuflaram medo*. E a coragem que me deram é um patrimônio que me enriquece de forças novas (Laurinho).

[...] Quanto ao mais, vamos *tocando o barco*, e que Deus nos abençoe. Terminando dizendo: Querida Barata, a senhora é *o mais precioso Barato* do mundo (Laurinho).

Como podemos ver, os trechos destacados evidenciam a alternância de registros (formalidade / informalidade), de estilos (poético / não poético) e mesmo de discursos (o discurso epistolar, por exemplo, é intercalado com o discurso doutrinário), levando-nos a duas implicações: uma em relação ao gênero e a outra em relação à hipótese de constituição do *éthos*.

No que diz respeito ao gênero epistolar psicográfico, podemos concluir que ele se configura a partir da combinação entre um tipo

textual (texto epistolar) e dois tipos discursivos (discurso epistolar e discurso doutrinário), com base na noção fontaniliana (2008a), já discutida no primeiro capítulo (na Seção “Acerca dos gêneros: a proposta fontaniliana”) deste livro.

Em relação à hipótese de constituição do *éthos*, é possível dizer que tal configuração nos sugere – em vez de vários *éthe*, como inicialmente supúnhamos, ou mesmo de um único *éthos* – o delimitamento de uma *imagem dual* de enunciador, que concorreria para a construção de um *éthos* ambíguo: o *éthos* doutrinário (vinculado à imagem do médium) em articulação com o *éthos* do jovem (a imagem “típica” do estudante, pertencente a um contexto familiar e estruturado, que viveu nos meados da década de 1970, tomado enquanto um perfil social).

No nível do texto-enunciado, essa configuração pode ser concebida como a presença de duas identidades que se manifestariam por meio de seus diferentes conjuntos de procedimentos de textualização<sup>8</sup> e de discursivização, ora alternando-se, ora sobrepondo-se uma à outra.

No *cópus*, essas oscilações discursivas e textuais evidenciam-se em todas as cartas, tornando-se plausíveis dentro do sistema de valores que integra sua prática geradora, a psicografia epistolar.<sup>9</sup>

---

8 Greimas; Courtés (2008, p.504) definem a textualização como “o conjunto dos procedimentos – chamados a se organizarem numa sintaxe textual – que visam à constituição de um conjunto discursivo, anteriormente à manifestação do discurso nesta ou naquela semiótica [...] o texto assim obtido, uma vez manifestado como tal, assumirá a forma de uma representação semântica do discurso”.

9 O trecho já citado, atribuído a Jair Presente, apresenta de forma bastante simplificada a noção de “sintonia”, considerada imprescindível, segundo o espiritismo, para o estabelecimento da comunicação mediúnica: “A gente aproxima do médium e quer falar, e aí temos de guentar o assunto, porque *só falamos em dupla*; o médium quando não tem muito exercício nos passa prá trás e fala na frente” (Xavier, 2005, p.129).

## EPÍLOGO

*“Se o princípio de pertinência é respeitado, o trabalho de pesquisa científica funciona, leva a algo. Caso contrário, limitamo-nos a brincar como crianças.”*

A. J. Greimas<sup>1</sup>

A análise semiótica das cartas psicografadas por Chico Xavier proposta neste livro nos impôs, desde o princípio, as dificuldades próprias dos objetos inexplorados. Nosso objetivo principal de compreender semioticamente a construção dos *éthe* manifestados na epistolografia psicográfica de Xavier necessitou, antes, passar por uma etapa essencial: a caracterização da carta psicografada como objeto semiótico.

Para tanto adotamos, além do referencial teórico greimasiano, as contribuições de Jacques Fontanille (2008a; 2008b), sem as quais este livro, muito provavelmente, se restringiria ao nível do texto-enunciado. A aplicação da formalização fontaniliana de uma hierarquia de níveis de pertinência semiótica permitiu-nos enxergar o percurso da carta psicográfica desde a sua prática geradora, até a

---

1 Tradução de Portela (2008, p.97).

sua inscrição em outros objetos-suporte, a partir dos quais se articula com outras práticas.

Primeiramente, determinamos o estatuto semiótico do objeto carta, sua configuração e os mecanismos de significação que permitem a ela funcionar como instrumento de presentificação para os sujeitos epistolares e enquanto gênero implicado em uma prática cultural de troca.

Em seguida, abordamos a hierarquia de níveis de pertinência semiótica, formalizada por Fontanille (2008a, 2008b) em seu percurso gerativo da expressão. Vimos, assim, que os níveis de pertinência se organizam como elaborações progressivas da experiência semiótica, graças ao princípio de integração. Segundo esse princípio, cada nível incorpora as propriedades sensíveis e materiais dos níveis inferiores a ele, convertendo-se em determinado tipo de semiótica-objeto e correspondendo a um plano de imanência específico. Ao nos determos no nível de pertinência das práticas, pudemos compreender de que maneira sua escolha como ponto de partida para a análise semiótica permite-nos estabelecer sua relação com a noção de gênero.

Na sequência, apresentamos a proposta fontaniliana para a classificação e definição dos gêneros, concebidos como a “reunião de um tipo discursivo e de um tipo textual” (1999, p.162), que, combinados, permitem sua diferenciação entre os outros gêneros.

Articulando, assim, as noções de práxis enunciativa, práticas semióticas e gênero, procedemos à definição do gênero epistolar psicográfico enquanto objeto produzido no interior de prática epistolar psicográfica, cujas coerções pragmáticas determinam uma composição material e discursiva bastante peculiar, que as distingue das cartas típicas.

Entre as características definidoras do gênero epistolar psicográfico, pudemos apontar a não vinculação a um regime de troca epistolar e a um sistema postal, cujas consequências imediatas consistem na ausência de alternância entre os simulacros de remetente e destinatário, estabelecendo um esquema de comunicação unidirecional (em que não há possibilidade de resposta, em nível

pragmático), diferentemente do esquema de comunicação bidirecional, das cartas “típicas”.

Em relação a seu objeto-suporte, pôde-se descrever as formas de legitimação do remetente, para o estabelecimento do contrato fiduciário, bem como as coerções materiais que determinam a organização topológica da carta psicográfica (provenientes da cena prática). Posteriormente, com base na análise do *córpus*, foi possível constatar que o gênero epistolar psicográfico se configura a partir da combinação entre *um tipo textual* (texto epistolar) e *dois tipos discursivos* (discurso epistolar e discurso doutrinário), conforme a noção fontaniliana de gênero (*idem*).

A análise do nível das cenas práticas, por sua vez, possibilitou-nos caracterizar a prática psicográfica epistolar, por meio da reconstrução dos processos/predicados que a compõem. Ao reconstruirmos sua programação, verificamos que a psicografia se origina da articulação, em um nível pragmático, entre duas outras práticas: o transe e a escrita. É, pois, com base em estratégias e ajustamentos que tais práticas se integram, assegurando sua eficiência.

Do nível das práticas às estratégias, pudemos compreender como se dão os ajustes entre a prática psicográfica e a prática de edição, pelas quais o texto epistolar é ressignificado e inscrito em outro objeto-suporte: o livro. Por possibilitar ao editor a implementação de um diversificado repertório de intervenções textuais (a que chamamos de recursos ou práticas de edição), o livro concorre para a eficiência de seu fazer persuasivo e interpretativo, de forma a garantir a adesão do leitor ao contrato fiduciário.

Após percorrermos a hierarquia de níveis, retomamos a análise dos textos-enunciados, sem desconsiderar, entretanto, suas mútuas implicações. A análise semiótica do *córpus* possibilitou-nos, assim, compreender o funcionamento do texto epistolar psicográfico, sobretudo no que diz respeito à geração de efeitos de sentido de “verdade”, “realidade” e “autenticidade”, fundamentais ao estabelecimento do contrato fiduciário entre enunciatador e enunciatário.

Nosso objetivo geral – o de compreender, sob o ponto de vista semiótico, como se dá a construção dos diversos *éthe* manifestados

na epistolografia psicográfica de Chico Xavier – foi atingido, embora tenha sido redimensionado pela própria prática de análise, que demonstrou a existência não de vários, mas de *um éthos* dual, marcado pela sobreposição do *éthos* doutrinário (vinculado à imagem do médium) e do *éthos* do jovem (enquanto perfil social), configurando, assim, um *éthos* ambíguo, mas que se torna aceitável dentro do sistema de valores que permeia a prática da psicografia epistolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, F. Carisma que atrai multidões. In: BACCELLI, C. A. *100 anos de Chico Xavier: fenômeno humano e mediúnico*. Uberaba, MG: Livraria Espírita Edições “Pedro e Paulo”, 2010. p.360-2.
- BACCELLI, C. A. *100 anos de Chico Xavier: fenômeno humano e mediúnico*. Uberaba, MG: Livraria Espírita Edições “Pedro e Paulo”, 2010.
- BARROS, D. L. Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3.ed. São Paulo: Humanitas, 2002.
- BASILE, P. P. da S. Nossa família. In: XAVIER, F. C. *Presença de Laurinho*. 3.ed. Araras, SP: IDE, 1993.
- BASTOS, O. de. *O justo juiz: história de uma sentença*. Goiânia: Kelps, 2010.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 4.ed. Campinas: Pontes, 1995.
- CALAME, C. et al. *La Lettre: Approches sémiotiques. Actes du VIe Colloque interdisciplinaire – 1984*. Éditions universitaires de Fribourg, 1988.
- CORREA, L. *Especial Chico Xavier (Galeria): uma sessão com o médium*. O Dia Online. Disponível em: <[http://odia.terra.com.br/portal/galerias/geradas/O\\_DIA\\_ONLINE\\_especial\\_chico\\_xavier\\_uma\\_sessao\\_com\\_o\\_medium\\_1044.html](http://odia.terra.com.br/portal/galerias/geradas/O_DIA_ONLINE_especial_chico_xavier_uma_sessao_com_o_medium_1044.html)>.
- Acesso em: 4 jun. 2010.
- CORTINA, A. *Leitor contemporâneo: os livros mais vendidos no Brasil de 1966 a 2004*. Tese de livre-docência. Araraquara: Unesp, 2006.
- DEUS, G. M. D. F. de. [Carta]. In: MATO GROSSO DO SUL. Tribunal de Justiça. *Processo criminal n.133 de 1980*. Campo Grande, 1980-1985.



- Apenso. Carta psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier na reunião pública do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba (MG), na noite de 11 nov. 1980.
- DISCINI, N. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FANTÁSTICO [fantastico.globo.com]. Rio de Janeiro: Rede Globo; c2011. *Reveja as grandes reportagens do Fantástico sobre Chico Xavier* [vídeo]. Disponível em <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1544980-15605,00.html>.
- FERNANDES, M. O. *Chico Xavier: um herói brasileiro no universo da edição popular*. São Paulo: Annablume, 2008.
- FIORIN, J. L. Sobre a tipologia dos discursos. *Significação: Revista Brasileira de Semiótica* (São Paulo), n.8-9, p.91-8, out. 1990.
- \_\_\_\_\_. O éthos do enunciador. In: CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. (Orgs.). *Razões e sensibilidades. A semiótica em foco*. São Paulo: Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica, 2004. (Série Trilhas Linguísticas, v.6.), p.117-38.
- FONTANILLE, J. *Sémiotique et littérature. Essais de méthode*. Paris: PUF, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Semiótica do discurso*. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.
- \_\_\_\_\_. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. Trad. Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz et al. In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (Orgs.). *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: Unesp/Faac, 2008a. p.15-74.
- \_\_\_\_\_. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF, 2008b.
- FRUTUOSO, S. Mensagem para você: Como pessoas que creem na comunicação com os mortos transformaram suas vidas a partir de cartas psicografadas. *Isto É*. São Paulo, ed. 2048, p.56-61, 11 fev. 2009.
- GARCIA, I. E. *Psicografia como prova jurídica*. Goiânia: AB Editora, 2010.
- GEEM – Grupo Espírita Emmanuel. *Relação de obras de Chico Xavier*. Disponível em: < <http://www.geem.org.br/obras.asp> > Acesso em: 30 jun. 2012.
- GREIMAS, A. J. L'Enonciation: une posture épistémologique. In: *Significação: Revista Brasileira de Semiótica*, n.1, Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas: Ribeirão Preto (SP), 1974. p.9-25.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

- \_\_\_\_\_. *Semântica estrutural*. Tradução Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário de Semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. *Dicionário eletrônico Houaiss versão 3.0*. Editora Objetiva, 2009.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião*. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2170&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1)> Acesso em: 1 jul. 2012.
- KARDEC, A. *O livro dos médiuns*. 82.ed. São Paulo: Editora IDE, 2007.
- LEWGOY, B. *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista*. Tese de doutorado. FFLCH, USP, 2000.
- LIGNANI, Â. M. de O. *Psicografia e inscrições discursivas: a escrita de Chico Xavier*. Dissertação de mestrado, UFMG, 2000.
- MAINGUENEAU, D. A propósito do éthos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). *Éthos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p.11-29.
- MENDONÇA, M. *Chico Xavier e a alma do Brasil*. Revista época. Disponível em: <<http://www.chicoxavierofilme.com.br/site/?p=1812>>. Acesso em: 28 fev. 2010.
- MILANI FILHO, M. A. F. *Perfil da produção acadêmica brasileira com temática espírita*. Disponível em: <[http://casadocaminhoc.org/index.php?option=com\\_jdownloads&Itemid=69&task=view.download&cid=87](http://casadocaminhoc.org/index.php?option=com_jdownloads&Itemid=69&task=view.download&cid=87)>. Acesso em: 10 mar. 2011.
- ONDA espírita no cinema aumenta venda de livros. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 maio 2010. Disponível em: [http://www.estadao.com.br/noticia\\_imp.php?req=arteelazeronda-espírita-no-cinema-aumenta-venda-de-livros,546175,0.htm](http://www.estadao.com.br/noticia_imp.php?req=arteelazeronda-espírita-no-cinema-aumenta-venda-de-livros,546175,0.htm). Acesso em: 10 maio 2010. Arte e lazer.
- PARANÁ, D.; ROCHA, A. C. *Relação mente-corpo: um estudo sobre a suposta comunicação entre vivos e mortos através das cartas psicografadas por Francisco Cândido Xavier*. Pesquisa de pós-doutorado em andamento. São Paulo, USP, Fapesp, 2011.
- PERANDRÉA, C. A. *A psicografia à luz da grafoscopia*. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1991.
- PORTELA, J. C. *Práticas didáticas*. Um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana. Tese de doutorado. Araraquara, Faculdade de Ciência e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, 2008a.

- \_\_\_\_\_. Semiótica midiática e níveis de pertinência. In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (Orgs.). *Semiótica e Mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: Unesp/Faac, 2008b. p.93-113.
- PRETI, D. *A gíria e outros temas*. São Paulo: Edusp, 1984.
- QUINTANA, M. *Poesia Completa*. Volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.
- RAMACCIOTTI, C. Jair Presente: traços biográficos. In: XAVIER, F. C. *Jovens no além*. 24.ed. São Bernardo do Campo: Geem, 2005. p.27-9; 104-7.
- ROCHA, A. C. *A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo*. Dissertação de mestrado. Campinas, IEL, Unicamp, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*. Tese de doutorado. Campinas, IEL, Unicamp, 2008.
- SANTANA JR., S. de. *A gíria dos pretos velhos: semiótica e umbanda*. São Paulo: Arte e Ciência, 2001.
- SCHWARTZMANN, M. N. *Cartas marcadas: Prática epistolar e formas de vida na correspondência de Mário de Sá-Carneiro*. Tese de doutorado. Araraquara, Faculdade de Ciência e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, 2009.
- SEVERINO, P. R. *A vida triunfa*. 2.ed. São Paulo: FE, 1992.
- SILVA, E. C. da. *Dicionário da gíria brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1973.
- SOBRAL, A. U. A relação entre enunciador e enunciatário num discurso de Plínio Salgado. In: LOPES, I. C.; HERNANDES, N. (Orgs.). *Semiótica: objetos e práticas*. São Paulo: Contexto, 2005. p.125-39.
- SOUSA, A. P. *O grande negócio dos espíritos*. Folha de S. Paulo. São Paulo, 26 fev. 2010. Folha Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2602201008.htm>>. Acesso em: 26 fev. 2010.
- SOUTO MAIOR, M. *As vidas de Chico Xavier*. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Planeta, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Por trás do véu de Ísis: uma investigação sobre a comunicação entre vivos e mortos*. São Paulo: Planeta, 2004.
- SOUZA, J. de. *Quem é o autor? Um ensaio sobre as mediunidades intuitivas e de inspiração*. São Paulo: Lachâtre, 2004.
- STOLL, S. J. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Edusp; Curitiba: Orion, 2003.
- XAVIER, F. C. *Parnaso de além-túmulo*. [Espíritos Diversos]. 18.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006.

## Referências do cópuz

- XAVIER, F. C. *Entre duas vidas*. [Espíritos Diversos]. São Paulo: Calvário, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Somos seis*. [Espíritos Diversos]. São Bernardo do Campo: Geem, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Gaveta de esperança* [Espírito Laurinho Basile]. Araras, SP: IDE, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Jovens no além*. [Espíritos Diversos]. 24.ed. São Bernardo do Campo: Geem, 2005. [1975]



# APÊNDICE

## Apêndice A – Questionário

Este apêndice reúne questões elaboradas por Cintia Alves da Silva ao editor Caio Ramacciotti, do Geem – Grupo Espírita Emmanuel, de São Bernardo do Campo, SP – acerca das cartas familiares psicografadas por Chico Xavier. As respostas foram obtidas por e-mail, nos meses de junho de 2011 e janeiro de 2012.

*1. Entre as compilações epistolares do Chico, quais dos livros editados pelo Geem atingiu a maior tiragem? Li que o Jovens no além (1975) poderia ser considerado um best-seller entre os livros de cartas. Essa informação confere? Gostaria de saber, por ordem, quais os livros de gênero epistolar com as maiores tiragens (os três títulos mais importantes).*

R: Mais vendidos:

1) *Jovens no além* – 173 mil exemplares.

2) *Somos seis* – 124 mil exemplares.

3) Empatados: *Adeus solidão*, *Viajaram mais cedo* e *Vida no além*, entre 35-36 mil exemplares.

Os dois primeiros são, com o livro *Calma*, os mais vendidos.

Os livros de familiares têm boa aceitação, variando a tiragem conforme o ano de edição, estando os outros entre 20 e 30 mil exemplares.

No site nosso [www.geem.org.br](http://www.geem.org.br), no menu, você encontrará em Livros uma tentativa de ordenação. Os que no momento lhe interessam mais estão na “coleção Jovens no além”.

2. *O Sr. saberia me responder se há alguma lista com a classificação de “gêneros” da obra psicográfica do Chico Xavier? Uma das maiores dificuldades para a pesquisa das obras do Chico Xavier se dá pela falta de uma definição dos tipos de texto que cada livro abarca (considerando a extensão de sua obra, o que torna inviável a aquisição de todos os exemplares para a conferência de seus respectivos gêneros textuais). Essa classificação de gênero (carta, conto, romance, poesia etc.), consta das sinopses ou das fichas catalográficas dos livros (re) editados pelo Geem?*

R: Acho que falta essa classificação a que você se refere. Posso dar uma tentativa de minha parte, sem me deter com mais profundidade. A obra do Chico é polimorfa, tendo como pano de fundo a divulgação da mensagem de Jesus na roupagem espírita. É composta de romances históricos (*Emmanuel*), rigorosos nas informações históricas e doutrinárias.

Temos os romances de André Luiz, que falam da vida de relação plano físico-plano espiritual, com a vivência prática dos pilares doutrinários: reencarnação, vida após a morte e consequências diretas do nosso comportamento, dentro do livre arbítrio, que acaba gerando o remorso ou as conquistas espirituais, o que define de certa forma o nosso futuro, através das vivências reencarnatórias.

Há livros de perfil científico (*André Luiz*), de crônicas, magistralmente escritas por Humberto de Campos, livros que discutem à luz da doutrina os problemas da atualidade (coleção Chico-Herculano Pires), de estudo do evangelho, da mediunidade e obras voltadas ao consolo e que nos chama à ponderação sobre nossas responsabilidades espirituais (são os livros de mensagens). O lado poético está presente de forma clara no *Parnaso* e outros livros e na trova que traz

vivências práticas. Também a poesia, assinada por vates incontestáveis, vem travestida dos conceitos espíritas.

3) *Qual a importância das cartas familiares na obra de Chico Xavier?*

R. Quanto à importância das cartas, devo dizer-lhe que entrevistei nos idos de 70 e 80 mais de uma centena de familiares, muitos dos quais expressaram seu depoimento nos livros de nossa “coleção *Jovens no além*”, além de ter testemunhado recepção de mensagens pelo Chico, que estão em livros de outras editoras, e, em sua maioria, perderam-se no anonimato.

Vi familiares sorrirem e vi muitas vezes o Chico chorar.

A atuação do Chico, como medianeiro, a inumeráveis famílias é incomensurável. O tempo, ao sedimentar com mais detalhes a atuação do grande amigo, observará que Chico Xavier foi o missionário de Jesus no século XX, uma fusão de exemplos do passado, transmitidos pelos discípulos de nosso Mestre, que iluminaram a Terra, através dos tempos.

4) *Nos comentários dos livros Jovens no além e Somos seis, não encontrei uma informação que gostaria muito de saber: os jovens Jair e Augusto se comunicavam, de acordo com as famílias, com o vocabulário que apresentavam nas cartas (uso de gírias, expressões informais etc.)? Nas entrevistas com os familiares, você chegou a questionar se havia semelhança entre os estilos desses jovens nas cartas e nas suas formas de dizer enquanto vivos?*

R: Do Jair não me lembro. Particularmente achei o linguajar de ambos oportuno e interessante para os jovens.

Telefonei agora para a D. Yolanda, mãe do Augusto, e ela me disse que não era hábito do filho falar em gíria. Perguntou ao Chico, na época do lançamento de *Falou e disse*, e ele explicou que o Augusto, por orientação espiritual, se dirigia, com aquele jeito de falar, de modo especial, aos jovens envolvidos com droga, atendendo assim a orientação dos Benfeitores.

Há outros livros do Augusto em que ele se expressa sem gíria, de maneira reconhecida pela D. Yolanda, como seu modo habitual de expressar-se.



Editamos do Augusto, além de *Jovens no além* e *Somos seis* (com outros jovens): *Augusto vive*, *Falou e disse*, *Fotos da vida*, *Presença de luz*.

[...] Quanto ao Laurinho, conheci sua mãe, a Priscilla, mas não foi por nós editado. Esses livros com mensagens só do Augusto somam uma tiragem de 80.500 exemplares. O *Falou e disse* é o mais vendido deles com mais de 35 mil exemplares, o que atesta que o linguajar caiu bem...

5) *Como era o procedimento de transcrição das cartas familiares?*

R: Em nossos contatos, os familiares me entregavam o original de que tirava xérox (por vezes, gentilmente já traziam, com o original, uma cópia).

O texto sempre foi, para mim, de fácil entendimento. Raríssimas dúvidas eram esclarecidas, pois o familiar se lembrava da leitura feita pelo Chico na reunião em que a(s) mensagem(s) foram psicografadas. Eu mesmo as datilografava e quando, às vezes, já estavam datilografadas, eu conferia com o original.

6) *Em relação ao processo de edição: quais eram os tipos de intervenção mais comuns nos textos psicografados? Quais eram os critérios para a correção ou substituição de palavras nos textos? Em que casos poderia haver a exclusão de trechos ou informações contidas nas cartas?*

R: Não ocorreram esses problemas. A única revisão feita era sobre pontuação, para eventuais acertos de vírgulas ou abertura de parágrafos longos, sempre sob a minha responsabilidade. Um fato diferente que ocorreu foi com o *Somos seis*, em que a genitora de um dos autores, o Wilson Willian Garcia, jovem falecido no incêndio do Joelma, muito chocada pela extrema dor, pediu que não colocássemos a foto do filho no livro. Em respeito a essa nobre senhora, muito atenciosa e prestativa conosco, não colocamos fotos de nenhum autor no livro.

No início, eu visitava os familiares em suas casas: estive em Perus, em Santa Rita do Passa Quatro, em Santos, visitei muitas famílias na capital. Posteriormente, devido a dificuldades de tempo, passei a recebê-los aqui no Geem.

Foi uma experiência muito sofrida em que conheci pessoas extraordinárias.

[...] Como curiosidade, a pedido meu, o Chico revia-me os textos e, muitas vezes, com a educação e fineza de trato que o caracterizava, sugeria modificações, atenuando construções complexas ou trocando palavras que o tempo desgastou ou pareciam inadequadas. Orgulho-me muito da confiança e da paciência que ele demonstrava em nossos contatos.



# ANEXOS

## **Anexo A – Cartas atribuídas a Augusto César Netto**

Carta 1 (Xavier, 1974, p.96-101)

3 de fevereiro de 1973

Minha mãe, minha querida mamãe!

Primeiro, um pensamento de gratidão a Deus pelas bênçãos recebidas sempre.

Aqui não é muito diferente daí, embora seja diferente daqui. Explicar como é isso não sei ainda. Falo assim para dizer que tenho estado nas disciplinas necessárias. Tratamento intensivo a princípio, refazimento, escola e trabalho depois.

Que eu tenha desejado escrever com uma ansiedade igual à sua, não duvide. Mas não é fácil. Creia, porém, que lá no reduto abençoado de serviço da nossa Acácia, tenho estado presente sempre e sempre. Estou agindo. Seu filho já consegue fazer alguma coisa. Não é muito não, como não pode deixar de ser. Sou ainda um estudante nas primeiras faixas do ensino. Nem sei dizer como tudo vai sucedendo.

Parece, mamãe, que a vida é como um rio. As águas do tempo nos levam para diante e a gente vai seguindo, fazendo o que pode para não submergir e trabalhar de algum modo na viagem. Será que esta imagem me ocorreu, por lembrar aquele dia? Aquele dia que nós não queremos lembrar? Sei hoje apenas que, se a minha prova, ao partir, foi o desfalecimento na água, nós já derramamos muitas lágrimas para esquecer tudo o que deve ser esquecido...

Graças a Deus, vejo-a firme e valorosa, vivendo e servindo. Não avalia o que foram para mim os primeiros tempos... As suas aflições e as suas angústias. Suas palavras de pergunta e de dor buscando saber a razão do que acontecera me feriam profundamente, porque eu desejava explicar sem conseguir expressar-me.

Se o seu coração querido se colocar em lugar do meu, saberá como doíam aquele pranto e aquelas orações sentidas que recebia de seu carinho, ante o meu retrato e à frente do lugar onde as últimas lembranças ficaram entre nós. Não julgue que eu não ouvia. Chorei com as suas lágrimas, por muito tempo, e quando as suas primeiras esperanças vieram surgindo na alma, aceitando realmente a vida além da morte, a luz nascente em seu amor foi também minha luz. Agradeço hoje por tudo.

Não estou triste ao falar assim, mas é muito importante para mim exprimir agora o que sinto, com a possível demonstração de meus impulsos mais íntimos.

Agradeço o seu esforço para sairmos de nós mesmos ao encontro da fé; agradeço a sua obediência a Deus, procurando resignar-se com o problema que me assaltou quando eu menos esperava; agradeço a fortaleza que o seu carinho nos deu a todos; conquanto, às vezes, fugindo para a solidão do quarto, depois de muitas das nossas reuniões de família, para chorarmos a sós; agradeço o seu apoio valioso a meu pai e, sobretudo, a paz que hoje ilumina o coração de seu filho.

Peço-lhe. Continuemos trabalhando, plantando o bem... Aqui, Mãezinha, o que trazemos, é o que permanece conosco. E estejamos alegres. A vida é segurança e felicidade, trabalho e progresso para nós todos, conforme as leis de Deus. O sofrimento é semelhante à lagarta destruidora que, com invigilância, colocamos na flor da vida.

Felizmente, ao ver o seu coração mais tranquilo, pude asserenar-me e realmente reformar-me para viver.

Cada criança que a sua bondade ampara sou eu mesmo; cada peça de socorro aos necessitados que sai de suas mãos é bênção sobre mim. E aprendamos a esquecer todas as sombras que, porventura, hajam caído entre nós e a Vida – a Vida que é luz de Deus.

O trabalho crescerá para nós. Estou em seus braços, aprendendo a servir e estou em seu pensamento, conversando sobre os melhores caminhos que nos cabem seguir. Compreender, mamãe querida, e auxiliar sempre para o bem.

Seu apoio a meu pai, o nosso companheiro devotado de sempre, é para mim confiança e alegria. Às vezes, pensamos que seria melhor eu ter ficado para colaborar de algum modo nas tarefas que o Senhor nos deu a cumprir; entretanto, sabe Deus o que faz e vim mais cedo, para cooperar na construção de nosso futuro. A vida, mãezinha, é também uma espécie de livro em que lemos, a pouco e pouco, as circunstâncias em que nos encontramos enlaçados.

Somos hoje uma família maior. A princípio, quase quatro febreiros de retaguarda, supúnhamos ser um grupo único, em nosso bairro feliz de São Paulo. Depois, de semana a semana, fomos descobrindo que somos muitos. Hoje, costumo rir de mim mesmo. Fantasiava escrever uma carta, revelando detalhes de casa e família, mas antes que eu pudesse grafar o que pensava, eis que o Chico veio a nós. Temos tudo em comum. Os conhecimentos do lar e os entes amados. Não consegui transitar nos fenômenos para reconhecer que o maior fenômeno é este profundo amor que nos reúne uns aos outros. Mesmo assim, envio lembranças às meninas e a todos – todos os nossos, desejando que a paz e a bênção de Deus estejam conosco em todos os passos. Aqui estão comigo vários companheiros e benfeitores.

Que ainda estou sendo auxiliado para escrever, não tenha dúvida. Não consigo relacionar os nomes de todos, porque a lista é grande, mas de amigos presentes destaco o amigo Salathiel e o amigo Oswaldo com parentes aqui e que se fazem sentir com muito carinho às nossas irmãs. Não sei ainda ser mensageiro, embora aqui

me encontre firme nesta mensagem. Começamos bem neste mês de aniversário e espero, querida mamãe, estarmos sempre mais juntos.

Dos casos em que a sua ternura me recorde nas alegrias de moço, peço as suas orações por todos aqueles laços de afeto que tanto se impressionaram com a minha vinda, quanto ao modo pelo qual fui compelido a vir. No silêncio, nós dois estaremos rogando a Jesus por todos. Tenhamos confiança no futuro e prossigamos.

O trabalho no bem dos outros é o caminho certo.

Agradeço o amparo de nossos amigos de Sacramento.

Seu carinho planta e seu filho vai colhendo. Um dia, com o amparo de Jesus, poderei plantar para a sua felicidade. Até lá, seu filho é seu filho, seu tutelado e seu menino também.

Hoje, como antigamente, sinto-me chegando devagarzinho para um abraço do coração e ouça-me de novo a dizer: “mamãe, eu estou com muita saudade, mas com muita saudade de você...”

Seu sorriso me iluminará, como acreditando e não acreditando no que eu dizia, para acentuar ainda mais o meu desejo de abraçá-la, mas, abraçando a meu pai e a todos os nossos, no carinho que trago ao seu carinho, posso repetir: “mamãe, é mesmo, eu estou com muitas saudades de você, mas o meu coração está com o seu coração para sempre”.

Sempre seu,

Augusto.

(Uberaba, 3 de fevereiro de 1973)

### **Disciplinas necessárias**

Augusto Cezar Neto, nascido em São Paulo, Capital, a 27 de setembro de 1942, desencarnou na Praia Grande, a 27 de fevereiro de 1968, na companhia de amigos, exatamente às 12:30 horas. Era químico formado pelo Colégio Eduardo Prado, da Capital Bandeirante, e trabalhava no Laboratório Squibb.

Filho de Raul César e de D. Yolanda César, deixou as irmãs Marly, Maria Otília e Zuleika. Era o segundo filho, “carinhoso, maravilhoso”, no dizer de sua genitora.

Era desportista de mérito, tendo a revista “Ipê Clube” dedicado a ele expressiva homenagem, destacando, inclusive, o seu amor à Poesia autêntica.

De sua bela mensagem, recebida pelo médium Xavier, a 3 de fevereiro de 1973, há um trecho para o qual solicitamos a atenção do leitor:

“Aqui não é muito diferente daí, embora aí seja muito diferente daqui. Explicar como é isso não sei ainda. Falo assim para dizer que tenho estado nas disciplinas necessárias. Tratamento intensivo a princípio, refazimento, escola e trabalho depois”.

Semelhante passo, efetivamente, confirma com exatidão as palavras de Allan Kardec, quando diz:

“A vida espiritual é, realmente, a verdadeira vida, a vida normal do Espírito. Sua existência terrena é transitória e passageira, uma espécie de morte, se comparada ao esplendor e à atividade da vida espiritual. O corpo é uma vestimenta grosseira, que envolve temporariamente o Espírito, verdadeira cadeia que o prende à gleba terrena, e da qual ele se sente feliz em libertar-se”.

\*\*\*

Algo importante que todos os pais terrestres precisam meditar, esforçando-se pela desvinculação construtiva dos laços afetivos, enquanto na Terra:

“Somos hoje uma família maior. A princípio, quase quatro fevereiro de retaguarda, supúnhamos ser um grupo único, em nosso bairro feliz de São Paulo. Depois, de semana a semana, fomos descobrindo que somos muitos”.

Em verdade, no Mundo Espiritual, temos a família maior a nos aguardar, quando ocorre o fenômeno natural da morte, no plano físico.

A tristeza daqui é contrabalançada pela indizível alegria dos que nos esperam no Além.

Com notável propriedade, assevera Augusto César: “O maior fenômeno é este profundo amor que nos reúne uns aos outros”,



acrescentando: “Mesmo assim, envio lembranças às meninas e a todos – todos os nossos, desejando que a paz e a bênção de Deus estejam conosco em todos os passos” (Editor: Elias Barbosa).

Carta 2 (Xavier, 2005, p.35-43)

26 de janeiro de 1974

Querida mamãe, aquele abraço e aquela prece de sempre a Jesus por sua fortaleza e paciência.

Seu coração pede uma palavra e me arranca, na medida do possível, para trazer ao seu carinho aquele alô de todos os tempos, enviando a você e a meu pai com as meninas e o nosso pessoal o beijo de sempre.

Estou fazendo força e melhorando. Hoje uma lição, amanhã a experiência inesperada, e a gente vai indo...

Parece que estamos todos de mãos dadas subindo a montanha. De quando em quando, um de nós parece despencar de cima. O companheiro tropeça, rola e se fere um bocado, mas a turma aguenta e o caldo se levanta a fim de seguir para a frente.

Não podia ser de outro modo. E, o pessoal daqui é a cópia melhorada do grupo terrestre, ou melhor, Mãezinha, aí no mundo somos a cópia piorada da equipe que segura a caminhada do lado de cá. É muita gente mesmo, tanto de nossa parte quanto da parte dos colaterais (1). Mas é isso. Sigamos com otimismo e fé Viva em Deus. O ponto para ser alcançado é a felicidade de todos.

Fale à Maria Otília (2) para se alegrar. Tudo vai bem com ela e com o Walter. Tratamento do corpo é necessidade. Imposição da vida. Devem atender a isso, mas a maternidade com ela vai sendo muita bem amparada. O amigo que veio e voltou precisa refazer-se. Essa é a verdade. Não posso bancar a criança, dando uma de abelhudo, mas o tempo dirá quem é esse generoso amigo que procura voltar pelos braços dela com as mãos firmes do nosso Walter.

Zuleica (3) está sob forte auxílio, mas não deve descuidar-se. A ela e ao Celso, à Maria Otília e ao Walter, à Marly e ao Paulo (4), o meu carinho de sempre.

Nosso pessoal por aí costuma tratar a gente por mortos. Isso, às vezes, dificulta o intercâmbio. Mas com a experiência da vida tudo vai melhorando. Mãezinha, diga ao meu pai que a vida é luta. Luta da pesada, para perdermos os pesos que nos afastam da Espiritualidade Superior. Rogo a ele não chorar ao ler esta carta. Da vez passada, quase que entrei em grande aperto com as lágrimas do pessoal. Quando minhas pobres notícias foram abertas, fiquei tão emocionado com o carinho de meu pai molhando o papel com o pranto forte (5).

Felizmente, mamãe, o seu coração, embora golpeado de saudade, estava firme. E quando as lágrimas brilhavam nos seus olhos, lembro-me de que você procurava fixar meu retrato, fazendo força para alegrar-se.

Tudo vai passando. Aqui está nossa Acácia (6). Nosso grupo (7) é uma família de paz e amor com serviço e realização, chamando-nos a testes incessantes. O que puderem fazer no terreno do bem, façam. O que puderem suportar com paciência, suportem. Aqui é o que a gente fez de si mesmo, pelo que fez aos outros ou pelos outros é o que vale. Nossa oficina de modelagem espiritual está funcionando. Todos podemos transformar-nos, construindo em nós mãos de paz se espalharmos a paz, verbos de luz se cultivarmos a luz em nossas palavras, pés de alegria se soubermos caminhar no rumo do bem, olhos e ouvidos de bênçãos se nos dispusemos a abençoar sempre.

Paro aqui. Este assunto de citação é pesado para seu filho. Aluno que não deu a lição não pode ensinar. Mãezinha, tio Casimiro (8) está bem e nossa irmã Thereza (9), a quem devemos tanto carinho, prossegue feliz, embora com a saudade extravasando em forma de lágrimas. Nosso Godoy vem recebendo muito amparo. E vamos caminhando.

Agradeço o seu carinho em favor das crianças. (10) É a verdade, mamãe. Trabalhando é que se progride. Auxiliando é que a gente se auxilia. Dar é a forma de receber. E receber sempre mais.

Quem diz aqui que o relógio não existe de nosso lado? Lembranças explodem e as palavras querem tomar forma no lápis, mas o nosso caro Doutor Bezerra (11) me diz calmo: “agora, meu

filho, já chega”. Não devo internar-me em novos assuntos. Mas termino, mãezinha, pedindo a sua serenidade e paciência. Sua saúde melhorará cada vez mais com a sua calma crescendo e com a sua compreensão avançando para cima.

Creia em nossa união de todos os dias. E abrace este rapaz que o seu carinho colocou neste mundo. Não é o melhor, mas é seu.

Não chegou a ser o que a sua ternura esperava, mas é seu amor, companheiro de seus passos tanto quanto é para o nosso caro amigo de todas as horas – o nosso herói e meu querido pai – o sócio e o Companheiro de trabalho e de luta.

Peço às meninas que não me exijam o nome do pessoal miúdo nesta carta (12). Seria uma fila acrescida dos nomes de todos aqueles que amamos.

Querida mãezinha, a mensagem está pronta, mas a saudade é um problema que não foi resolvido. Entretanto, estamos felizes. Temos fé e esperança e isso é muito no Tudo que é Deus, no amor com que nos amamos. Muito carinho e aquele beijo do seu filho

Augusto

## Comentários

Para situar o leitor amigo na mensagem, vamos acompanhá-la de breves elucidações, obedecendo à sua sequência cronológica. Em essência, encontramos a preocupação da família, entrecortada de ponderações oportunas. Aliás, o próprio Augusto se trai nessas ponderações, ao lembrar que “aluno que não deu a lição não pode ensinar”. De fato, segundo sua mãe, quando na Terra, não era grande a sua preocupação religiosa. Católico, esporádicas vezes frequentava o culto, mas denotava respeitosa religiosidade, não obstante mais ligado, como jovem, ao estudo, aos entretenimentos, ao namoro e ao trabalho.

Contudo, compreendamos que a desencarnação fez o seu espírito retomar conhecimentos que nos são intrínsecos, por termos

vivido na Terra em outras reencarnações, no passado, acumulando experiências, definitivamente gravadas em nossos arquivos mentais.

Vejamos a mensagem:

1. Colaterais – refere-se aos outros espíritas presentes à reunião.
2. Maria Otília sua irmã Maria Otília César Toscano, esposa de Walter Toscano, citado a seguir. Referindo-se à irmã, Augusto procura alentá-la de problemas que enfrentou, com o insucesso de duas gestações interrompidas. Adiante Augusto diz à irmã que “o amigo que veio e voltou precisa refazer-se”, referindo-se ao espírito cuja tentativa de reencarnar não foi levada a termo, por duas vezes consecutivas.
3. Zuleica outra irmã de Augusto, em estágio avançado de gestação, daí dizer o Augusto estar ela ‘sob forte auxílio mas não deve descuidar-se.
4. Os nomes citados se referem a:  
Zuleica César Carvalho e seu marido o Dr. Antônio Celso Mesquita de Carvalho; Marly César de Almeida e o esposo Dr. Paulo Roberto Bourgogne de Almeida, residentes na capital paulista.
5. Augusto refere-se a mensagem anterior de sua autoria, também psicografada pelo Chico, recebida em 03 de fevereiro de 1973 – um ano antes da mensagem que estudamos. O leitor encontrará a citada página no livro “Entre Duas Vidas”, de Francisco Cândido Xavier e Elias Barbosa. Conta-nos D. Yolanda que o Sr. Raul César, ao ler a mensagem em casa, pois não fora a Uberaba daquela feita, não pôde conter o pranto convulsivo, enquanto que ela realmente procurava fixar o retrato do filho que se destaca na sala de visitas da residência. Certamente em espírito o Augusto consolava o pai em pranto e a mãe em prece naquele reencontro no próprio lar.
6. Acácia – Acácia Maciel Cassanha, a abnegada amiga que sugeriu a D. Yolanda que fosse até o Chico, após a morte do Augusto.
7. Nosso Grupo – trata-se do Lar do Amor Cristão, instituição que D. Yolanda, fortalecida pela consolação espírita, passou a frequentar.

8. Tio Casimiro – Casimiro César Carlos, falecido alguns meses antes.

9. Irmã Thereza – vizinha de D. Yolanda, Thereza Motta Godoy, desencarnada em 28 de setembro de 1973. “Nosso Godoy” é seu marido Boanerges Bueno Godoy.

10. Comovida com as consolações recebidas, D. Yolanda, renovada espiritualmente, passou a dedicar-se ao socorro de crianças necessitadas; daí a menção do filho.

11. Doutor Bezerra – personalidade conhecida nos meios espíritas, o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, viveu no Rio de Janeiro no século passado, destacando-se como médico e político, sendo também um dos grandes batalhadores da Doutrina Espírita em terras brasileiras. Desencarnou em 1900.

12. Aqui se faz presente o espírito alegre e brincalhão de Augusto: assim se expressa porque na mensagem anterior, psicografada em fevereiro de 1973 e citada neste comentário, as irmãs estranharam o fato de Augusto lhes não mencionar o nome, reclamando, mesmo, jocosamente, com a mãe. O jovem ouviu-lhes do outro lado à observação e, na presente mensagem, nomeou-as a todas, bem como aos maridos, mas pediu-lhes que não exigissem também o nome dos sobrinhos...

Carta 3 (Xavier, Francisco Cândido, 2005, p.45-53)

2 de novembro de 1974

Querida Mamãe, é a hora de começar a nossa conversa falando em Deus. Não se pode mudar uma entrada assim tão clara e tão boa. Repito: Deus nos proteja.

Sou eu mesmo. Seu Augusto. Para servir só? Não. Para dizer que amo você, Mãezinha, cada vez mais.

Gostei de sua decisão (1) Acabar com os impedimentos e aparecer por aqui, de modo a termos a ideia de que a gente melhora na comunicação. E só a ideia. Porque união mesmo é em qualquer

lugar. Nossa Vila (2) é aquele negócio de amizade e beleza. Todos irmanados, quase que pensando com uma cabeça só. Mas, hoje é um dia triste para quem coloca a imagem da morte na frente da vida. E tanta lágrima nessa fronteira que se exprime por passagem de um estado a outro, que fiquei contente de pintar nesta sala para aquele abraço. É isso aí.

Problemas não faltam. Perguntas sobram. E a saudade parece sete pontas de punhal retalhando a alma principalmente quando gritam aí por nós como se estivéssemos mortos e encalçados na Terra, sem recurso de alteração. Graças a Deus, não estamos nessa.

A onda para nós é confiança e amor.

Amor que não muda e confiança em que Deus é a base firme.

Agradeço, Mamãe, por tudo.

Compreendo. Sei que o seu carinho queria e não queria a mensagem de hoje (3). Queria porque a falta que sentimos uns dos outros é uma espécie de doença crônica, sem tranquilizante que aguento. E ao mesmo tempo você não esperava por mim, porque desejava que as nossas amigas recolhessem palavras dos filhos que vieram também para cá, assim como acontece a tantos de nós.

Temos, porém, aqui diversos companheiros. Uma corriola de moços, como diria o Jair Presente (4), meu colega de incursão hidráulica. Entretanto, não sei se as mágoas do dia de hoje estão virando nuvens grossas de pensamentos amargos em torno da rapaziada. O certo é que fui considerado veterano para rasgar os obstáculos e dizer qualquer coisa. Por eles e por mim.

O Cristiano e o Gabriel (5) estão realmente aqui, lembrando pássaros ansiosos de pouso. Pouso no coração dos pais, que é sempre para nós um ninho de socorro infalível. Entretanto, não puderam reorganizar forças e enfileirar pensamentos para sustentar o lápis neste bailado das letras a que me vou habituando. Ainda assim, recomendam a este pobre estafeta da Vida Espiritual para transmitir-lhes as lembranças e os agradecimentos. Ambos sorriem e choram ao mesmo tempo. É aquela emoção de calouros da nova estrada, contentes por se verem na memória dos pais queridos e encucados no regime de carência afetiva a que nos submetemos. Enfim, a situação é esta mesma.

Ninguém pode alterar o inalterável. E, para transformar o que deve ser transformado, em coisas que fogem ao nosso bedelho, qual acontece com a vida e com a morte, só Deus consegue modificar o que consideramos como coisa necessitada de mudança. Querer estar aí com todos, a qualquer hora, e ligar prá vocês como quem toca telefones e campainhas, a gente quer mesmo. No entanto, é preciso esperar e esperar.

Este é preciso parece fatalidade. É preciso nascer e é preciso morrer, é preciso lutar por melhoria e é preciso melhorar sempre. Sequência de imposições benéficas que a pessoa agradece porque não há saída melhor para estes assuntos e casos de evolução. Mas não se impressionem com isto. Não. Continuem auxiliando a gente com o pensamento de paz e amor. Isso é importante. Qualquer cara por aqui tem necessidade disso. Não é fácil esquecer o que ficou prá trás. Somos alunos felizes porque nos achamos resignados e contentes na escola da vida diferente a que fomos trazidos; contudo, somos ainda presos, muito presos ao carinho de vocês. Falo aqui, Mãezinha, a todos os presentes.

A indesejada (6) vai chegando e ataca de gigante, colhendo pessoas aqui e ali, deitando-as e levantando-as ao mesmo tempo. A gente entra à força na ideia de que está fazendo istripitisi. É aquele clamor de arrasar igualmente a qualquer um. Depois dessa operação obrigatória em, que a criatura é deslocada em definitivo de seu próprio encaixe, começa a luta maior pela adaptação. Vocês aí, fazendo força para nos reencontrar e nós daqui arrebrandando energia para dar prá vocês a certeza de que ninguém morre... Mas tudo deve estar certo. Eu não posso andar invocado com problemas que não são para mim. Falo em saudade, falem outros com explicações. Dou, porém, uma voz à saudade e com ela peço a coragem de que não devemos estar desligados a fim de vencer a chuva parada de nossas indagações molhadas de lágrimas e prosseguir prá frente, dando duro no melhor por fazer.

Você, Mãezinha, leve a meu pai o carinho de sempre e fique animada. Corpo terrestre é máquina de costura em mãos do alfaiate, enxada nos braços do lavrador. Qualquer coisa de precioso que se

deve conservar. A senhora tem que segurar a apito por muito tempo ainda e, por isso, deve dar uma revisada na saúde física a fim de sabermos qual é o melhor remédio para a enquadração no equilíbrio das forças (7).

É preciso (outra vez a “é preciso”) viver a vida tanto quanto seja possível na Terra para que se retire o máximo da escola do mundo. Às vezes encontro você matutando coisas. Será? Não será? Tenho ainda muito tempo no mundo? O seu pensamento me busca longe e eu fico mais perto de você para auxiliar as suas ideias no reajuste. Viver sim, Mãezinha, e viver feliz como o figurino recomenda (8).

Otília, Zuca (9), Marli e a meninada estão chamando... Papai é nosso, um gigante de trabalho e de bondade, a pedir sempre mais atividade para ser mais útil. E nós não podemos ir para ao brejo do desânimo. Com os nossos de casa, temos nossos amigos e eles todos formam hoje uma família só em nosso favor. Sigamos pra Alto, que pra Alto é que a gente se manda com segurança. Mas isso tem que ser devagar. Pouco a pouco. A subida será por deveres cumpridos e por bênçãos do amor ao próximo. O melhor negócio é trabalhar com todos os necessitados do caminho por sócios ativos em nossas dividendos, por menores que sejam.

Mãezinha, hoje é um dia de aniversário geral. Todos lembrados nos dois planos da vida.

Muito grato por sua presença com os nossos laços do coração nas preces de hoje. Convertam vocês aí as flores das homenagens em apoio aos que sofrem mais que nós mesmos. Teremos três benefícios juntos: pouparemos as flores em seus ninhos de origem, cooperaremos em favor de irmãos matriculados na penúria inesperada e prestaremos serviço a nós mesmos. Porque, como se vê na prece famosa “é dando que se recebe” (10)

Mãezinha, continuemos dando ao papai todo aquele apoio. Diga a ele que não estou ausente. Cada vez mais em casa para melhorar-me aprendendo amor e dedicação com vocês todos.

Agora, é aquele beijo do filho reconhecido. A carta pronta, as datas lembradas, aniversários em dias (11) e avisos colocados entre nós para dizer que não há sinal vermelho nas estradas de nossa fé.



Agora é me arrancar para outras tarefas. Não para outras ligações, que não as tenho maiores do que a nossa.

Deixamos, companheiros e eu, muito carinho e muitas lembranças para os amigos presentes.

Quanto a nós dois, querida Mamãe, é aquele mundo de flores do coração que entrego em seus braços. Flores de ternura e de gratidão. Desculpe seu filho pela pobreza. Tudo o que tenho de melhor é o seu amor e o amor dos nossos. Com esse amor peço aceite o seu rapaz que você criou com tantos mimos e que não aprendeu a criar mimo algum para o seu carinho. Mas sei que você, querida Mamãe, não quer tanto a que eu lhe pudesse trazer com as mãos repletas e sim espera o amor, acima de tudo o nosso amor, que trago nas mãos vazias. São vazias? Nós dois sabemos que não. Essas mãos, as mãos que Deus me concedeu, me trazem para o seu coração.

Sim, sou eu mesmo. Abrace-me. Estou com muitas saudades, embora sem desespero. Quero você, Mãezinha, estar com você e com meu pai, e dar-lhes a certeza de que estou vivo. Recebam todo o meu agradecimento em meu amor inalterável. E abençoe seu filho, sempre mais seu. E tudo de mais belo que espero sempre é a sua bênção.

Com todo o meu coração, entrego a você, mamãe, aquele abraço do seu, sempre seu,

Augusto

## Comentários

Eivada de revelações do total desconhecimento de Chico Xavier, temos a sensação nesta mensagem, como de resto nas outras todas, de que Augusto, acompanhando sua mãe no próprio lar e na intimidade de seus pensamentos, foi recolhendo as impressões recônditas, as preocupações e os anseios, para, através de Chico, pela psicografia, devolver-lhe ao coração materno as respostas correspondentes.

Por exemplo, sentiu as dificuldades que enfrentou o coração materno, no dia de Finados, ao trocar a visita ao túmulo do filho no cemitério, junto de outros familiares, pela viagem a Uberaba.

Anotou também a prece-súplica de D. Yolanda, quando junto de duas mães, profundamente abaladas pela perda recente de seus filhos, Cristiano e Gabriel, rogou a Jesus, que se fosse possível, a despeito do desejo de receber mais uma mensagem do Augusto, que um dos dois jovens se comunicasse em seu lugar, para consolo de suas mães.

Em seu convívio espiritual com a genitora, Augusto surpreende ainda o abatimento físico, aconselhando os cuidados médicos e lhe suplica para não dar pouso em seu espírito a doenças fantasmas. D. Yolanda passou alguns meses alimentando a ideia de que se via prestes a morrer, pois se julgara muito doente... E Augusto, em sua mensagem insiste: “É preciso viver a vida tanto quanto seja possível na Terra para que se retire o máximo da escola do mundo. Às vezes encontro você matutando coisas. Será? Não será? Tenho ainda muito mais tempo no mundo?”

Outros elementos recolhemos a esta mensagem do Augusto e que anotaremos por ordem de aparecimento no texto.

1. Ver comentário acima.
2. Nossa Vila – Vila Nova Conceição, bairro da capital paulista, onde Augusto sempre residiu.
3. Refere-se ao desejo de D. Yolanda, de todo contraditório em seu espírito pela saudade do filho, de ceder a vez, se o pudesse fazer, às outras mães presentes, como já comentamos.
4. Jair Presente – um dos jovens autores deste livro; presente à reunião ora considerada. Colega de Augusto de incursão hidráulica, porque ambos morreram afogados.
5. Cristiano e o Gabriel – Cristiano Ricardo Vilaça Lopes, filho de Joaquim Coelho Lopes e Lenira Vilaça Lopes, residentes em São Paulo, faleceu em acidente de automóvel na Estrada Curitiba-Ponta Grossa, com 14 anos apenas, no dia 10 de janeiro de 1974; Gabriel Casemiro Espejo, 25 anos, filho de Gabriel Espejo Martinez e de Irene Casemiro Espejo Martinez, residentes em Campinas, desen-carnou, com meningite, em 27 de junho de 1974.

As mães desses jovens estavam presentes à reunião em Uberaba quando da psicografia desta mensagem.

6. A indesejada – a morte.
7. Conselhos de Augusto a D. Yolanda a respeito de sua saúde.
8. Como no item 7 ver nossos comentários iniciais neste capítulo.
9. Zuca – apelido íntimo de Zuleica, irmã de Augusto, pouco conhecido fora círculos domésticos.
10. Oração de São Francisco.
11. Augusto refere-se à passagem de aniversário de nascimento a 27 de setembro, pouco mais de um mês antes da psicografia desta mensagem.

## **Anexo B – Cartas atribuídas a Jair Presente**

Carta 1 (Xavier, 2005, p.114-7)

15 de março de 1974

Meu pai, minha mãe, minha querida Sueli, peço-lhes calma, coragem.

Não estou em situação infeliz, mas sofro muito com a atitude de casa. Auxiliem-me. É tudo, por agora, o que lhes posso dizer. Tenho a mente nublada. Consigo entender muito pouco aquilo que se passa em torno de mim. As lágrimas dos meus queridos me prendem.

Que há, meu Deus?

Não pensem que desapareci para sempre. Estarei, porém, com vocês na condição em que estiverem comigo.

Fortes, me fortalecerão. Desanimados, me farão esmorecer.

É muita coisa para observar, entretanto, não posso ainda. Creio apenas que perder o corpo mais pesado, não é desvencilhar-se do peso de nossas emoções e pensamentos, quando nossos pensamentos e emoções jazem nas sombras da angústia.

Eu encontrei muito amparo, mas a não ser o meu avô Basso (1), a quem me ligo pelo coração, não tenho ainda memória para funcionar aqui; minha faculdade de lembrar está com vocês, assim à maneira de um balão escravizado. Ajudem-me. Preciso ver e ouvir aqui para retomar-me como sou.

As vozes de casa chegam ao meu coração e, como se continuássemos juntos, vejo-os no quarto, guardando-me as lembranças como se devesse chegar a qualquer instante (2). E o meu pensamento não sai de onde me prendem. Agradeço, sim, o amor em suas lágrimas. Agradeço o carinho em suas preces, mas venho pedir-lhes para viverem. Viverem! E viverem felizes, porque assim também serei feliz.

Esqueçam o que sucedeu, ninguém me prejudicou, ninguém teve culpa.

Mal sabia eu que um passeio domingueiro era o fim da resistência física.

O coração parou, ao modo de um motor, de que não se descobre imediatamente o defeito.

Sou eu quem deu tanto trabalho aos amigos (3). Notei quando me chamavam, quando me abraçavam, massageavam e me faziam quase respirar sem conseguir.

Agradeço por tudo. Depois foi o sono, um sono profundo, do qual acordei para chorar com o pranto de meus pais e de meus afetos mais queridos.

Sueli, acalme-se e auxilie os pais queridos.

Nada de lamentações e reclamações.

Deixei o corpo num domingo, sem extravagâncias quaisquer.

Há quem pense em drogas quando se deixa à vida física assim qual me sucedeu (4). Mas não havia drogas, nem abuso da véspera. Estávamos sóbrios e brincávamos à maneira de pássaros descuidados.

Em qualquer lugar que me achasse, a queda de forças seria a mesma.

Estou saudoso de tudo, dos familiares queridos, dos companheiros, dos estudos e das aulas; entretanto, espero sarar e refazer-me. Para isso você, meu querido pai, e você, querida mãezinha, são as alavancas de que preciso para me levantar.

Aqui comigo estão o meu avô Basso e um coração de benfeitora a quem chamo Irmã Elvira (5). Estou bem, mas é preciso melhorar.

Encaremos a vida como deve ser a vida perante Deus e esperemos o futuro melhor. Creiam que estou fazendo muita força para não me acovardar.

Não posso aumentar-lhes os sofrimentos.

Agora, é o momento de pensarmos na fé, na fé viva que nos ergue o pensamento para a Vida Maior. Abençoem-me e ajudem-me.

Lembrem-me estudando e não morto, porque a vida não admite a morte. Por hoje nada mais consigo descrever.

A garganta, como se eu fosse falar, está constringida, e as lágrimas estão contidas, a ponto de rebentar. Quero confiar em Deus e em vocês e por isso termino, com um abraço, deixando aqui a vocês aquele beijo de todos os dias, rogando a Deus para que nos fortaleça e nos abençoe.

Jair Presente

### Comentários

Nesta mensagem psicografada 42 dias apenas depois da morte de Jair Presente, são trazidas à baila, como também veremos nas próximas mensagens, revelações completamente desconhecidas pelo médium. Seu contato superficial com a família do Jair, mal serviu para as identificações protocolares, de molde a aqui encontrarmos citações apenas compreendidas pelos familiares do jovem desencarnado. Assim, à semelhança dos comentários anteriores, arrolaremos alguns dados que mais diretamente chamam a atenção nesta mensagem

1. Avô Basso – refere-se Jair ao avô materno, Vicente Basso, desencarnado há 12 anos em São Pedro (SP), com 84 anos de idade.

2. “Vejo-os no quarto guardando-me as lembranças como se devesse chegar a qualquer instante” – realmente D. Josefina e Sueli confirmam que pouco antes da viagem a Uberaba, estavam guardando os petrechos de Jair em seu quarto de estudo, quando lhes ocorreu à lembrança que o filho em espírito poderia estar naqueles momentos entrando no quarto, o que as deixou embaraçadas, posto que Jair não gostava que se mexesse em suas coisas.

3. “Sou eu quem deu tanto trabalho aos amigos. Notei quando me chamavam, quando me abraçavam, massageando e me faziam quase

respirar sem conseguir” – Esta afirmativa de Jair vem de encontro ao depoimento de Carlos Roberto Ramos Fonseca, um dos amigos que estavam na Praia Azul. junto dele, quando de sua morte. Carlos afirma que foi feito de tudo para que Jair se recuperasse: massagem cardíaca, respiração boca-a-boca, exatamente como informa Jair, confirmando os depoimentos de outros espíritos desencarnados no sentido de que presenciam todas as ocorrências com seu corpo cada-verizado, sendo essas impressões as primeiras que anotam em suas observações, logo após a passagem para o Plano Espiritual. Assim, nas primeiras horas após a morte, permanece o espírito ligado ao corpo, como se ainda o estivesse ocupando.

4. Embora chocante, merece ser mencionada a afirmativa de Jair em sua mensagem, quando diz: “há quem pense em drogas, quando se deixa a vida física, assim qual me sucedeu. Mas não havia drogas, nem abusos de véspera. Estávamos sóbrios e brincávamos à maneira de pássaros descuidados”. Informou-nos D. Josefina, mãe de Jair, de que fora advertida da possibilidade de Jair haver falecido envolto na atmosfera inebriante dos tóxicos, tendo lhe sido afirmado mesmo que de muitos dos jovens de hoje não se pode esperar situação diferente. Tal afirmativa descabida, para tantos quantos conheceram Jair Presente, muito chocou sua mãe. Jair, em espírito, desmentiu a aleivosia.

5. A respeito de Irmã Elvira, encaminhamos o leitor para a mensagem seguinte, recebida 15 dias depois.

Logo no início de sua primeira página do Além, Jair faz uma afirmação absolutamente coincidente com relatos de outros espíritos, quando nos falam da vida no Plano Espiritual.

Diz Jair: “sofro muito com a atitude de casa”.

Sem dúvida todos os espíritos que se comunicam conosco, comentam que recebem os pensamentos dos familiares encarnados com uma sensibilidade muito grande: se os pensamentos são vazados em anseios de conformação e alegria, sentem-se bem, mais reconfortados em sua nova condição. Contudo, se, em seu nome, lágrimas de desespero são derramadas, dores, saudades são rememoradas, sofrem muito por não poderem retornar ao lar saudoso e reintegrar-se ao convívio mais direto de seus familiares queridos.

A observação de Jair deve servir de alerta para todos nós que enfrentamos as difíceis situações criadas pela separação transitória, pois não devemos aumentar os tormentos daqueles que nos precederam na passagem para o Lado de Lá, com a exteriorização de nossas dores e lágrimas. Devemos, sim, animá-los com nossas preces e nossos pensamentos construtivos.

Carta 2 (Xavier, 2005, p.127-35)

25 de agosto de 1974

Oi, Gente! Vocês aí, vocês mesmo, entocados nos bancos. Papai, minha mãe, Sueli, Carlos, Sérgio, Wilson e conexos.

Não coloquem a imagem desta mensagem no gibi de ensinar; isso é conversa de casa, fora da prensa de imprensa. Se eu não garanto já o jamegão (1) aqui deste modo, vocês estarão aí de olho cumprido e de espírito jururu. É duro isto, mas não fiquem matutando, encucados na ideia de que vou continuar assim; gíria não dá para nós, os que varamos o rio da mudança. Pedi favor para escrever assim, só para mostrar prá vocês que estou vivo, vivinho mesmo.

E quero dizer a meu pai que não fique de pensamento vidrado nas águas (2); se dei uma de peixe foi para nadar melhor. Fico abilolado quando meu pai começa a embarafustar na lembrança de Praia Azul. Papai tenha paciência. Voltei como vim. Não sabemos como é isso, não. Vamos deixar isso prá lá. Deus sabe tudo e em nossa moringa cabe somente alguma coisa. Estou bem, estou melhorando, mas vou largar esse negócio de palavras giradas. Já saí da bananosa, começo a compreender que preciso educar meus impulsos. Educar impulsos é qualquer coisa de progresso. Não me lembro de haver dito isso, apesar dos livrocas que andei consultando. Isso quer dizer que já não me vejo com trutas que largam os deveres de mão para alfinetar o tempo e acabar com as horas.

Vocês aí!...Carlos que tu tás pensando? Não fique parado, não, depois de saber que o negócio não termina ali no meio das estátuas.

Olhe rapaz, os dias vão correndo... Quando puder acompanhe minha mãe para dar serviço no serviço do bem (3). Aqueles amigados nas panelas de sopa estão certos e os caras que somos nós, quando longe deles, é que ficamos nas risadas do já era. Trabalhar, meu amigo, trabalhar pelos outros.

Sempre acreditei que mendicância seria preguiça, conversa mole, mas o problema é diferente. Se temos de mudar qualquer coisa, temos de começar mudando a nós mesmos. E só existe uma transformação que vale a pena: ajudar os que precisam mais do que nós para que larguem de precisar.

Você e Sérgio, venham também.

Wilson anda arrepiado num medo fora de série (4), mas já veio. Está batucando sem passar por cima da verdade. O moço está querendo mesmo transar diferente. Muitas vezes ele me sente perfeitinho junto dele, mas e a paúra? Ele diz que deseja me ver, mas se eu pintar mesmo diante de vocês, já sei que sairão pirandelando por aí. Não conte com isso, não. Essa de parecer fantasma já era mesmo.

Só aqueles caras gamados com casa e comida é que ficam aí, às vezes, até procurando esquecer tudo com umas e outras. Mas vocês já sabem. Essa de pinga não cola (5).

Gostamos da vida e fomos irmãos de alegria e de esperança; no entanto, nada sabemos de tramar com essa ou aquela prisa. Fomos e somos rapazes decentes e porque largamos cabelos nas caras para não ficarmos caretas, isso não é motivo para sermos espíritos adoidados, querendo o que não se deve querer.

Wilson, tu tá abilolado a toa. Não pense que tudo aqui seja concedido de mão beijada. Prato feito acabou. Mentira não vale. Toda conquista pede tempo e suor, creio que mais suor do que tempo.

Mediunidade é transmissão. Tarei na onda certa? Creio que sim, embora não tenha as palavras para explicar. Vocês agora aí tão interessados em comunicação, saibam disto: cada um dá o que tem. Isto pode ser de coisa passada, mas é muito válido.

A gente aproxima do médium e quer falar, e aí temos de guenttar o assunto, porque só falamos em dupla; o médium quando não tem muito exercício nos passa prá trás e fala na frente. Vocês ficam



parados na fachada e esquecem a faixa em que nos achamos. Por isso, Wilson, é que nestes casos que hoje vemos é melhor que a cuca não fique botando banca. É hora do coração conversar. Não quero que você esteja santo, mas também não desejo que você fique esperto demais. Nem anjo, nem gato. Fique você mesmo e observe que a crista do problema é auxiliar outros para sermos auxiliados. Hoje vivo partindo para essas novas atitudes que me façam mais útil. Viver bem para encontrar o bem e ser melhor.

Se a gente morresse mesmo, era só seguir entre a preguiça e a rede; no entanto, a morte é uma passagem que parece aquela porta dos contos de fadas. Vocês abraçam a gente movimentando gritos e lágrimas e o cara não consegue falar bolacha. Estamos encantados pela bruxa que não se vê, mas posso dizer que é uma bruxa inofensiva, porque nem a vemos de leve. A morte chega e decerto bate aquela varinha em nossa cabeça; a gente dorme, acorda com vocês chamando e chamando, e aos poucos saímos do barro ou da pedra. O negócio é isso.

Quero que ocês todos fiquem aí até que o mofo espante vocês do saco de pele e ossos; peço a Deus que todos se arrastem de velhos, mas eu não sei se isso vai acontecer. De qualquer modo preparem-se, para vir algum dia. E saibam que só temos aqui o que damos e só sabemos o que colocamos por dentro de nós.

Em negócio de sexy, fiquem acesos para pensar melhor. Não brinquem com fogo, que o fogo nesse assunto queima muito mais do lado de cá.

O que vocês prometem cumpram (6).

E o que fizerem no campo dos tratos saibam tratar, porque o amor é uma luz que não aparece em querosene de papagaiadas de conversa furada.

Estão abrindo a boca perto de mim, creio que os amigos estão cansados. Já escrevi muito. E se continuasse, o papel necessário, não está apontado no gibi. Vocês não se impressionem com o que digo. Vivam corretos e tarão certos. Não dou para ensinar porque não sou santo. Desculpem.

Mamãe e papai, concedam aí uma bênção ao filho agradecido.

Sueli, acertemos tudo no coração para fazer o bem.

Vocês, meus cupinchas, não fiquem rindo, não. Coloquemos a cuca para jambrar e busquemos o que estiver certo; Carlos, Sérgio, Wilson e nossa amiga, favoreçam este espírito de rapaz supostamente afogado com os pensamentos bons, com o que puderem dar aí para mim; vou melhorar, estou caminhando e caminhando para frente.

Hoje, escrevi adoidadamente, mas voltarei com siso e juízo. Não posso empregar palavras mais fortes neste tchau e é preciso acabar esta carta antes da matina.

Recebam o maior abraço da paróquia.

Falei mas não sei se disse.

Jair

## Comentários

Aqui os nomes citados já nos são familiares. Há que se acrescentar o Wilson e conexos, mencionados no início da mensagem.

Wilson Carlos de Lima, também amigo do Jair, estuda juntamente com o Sérgio na Fundação Pinhalense de Ensino.

Em sua fala descontraída de jovem alegre, aludindo a “conexos”, Jair designa duas jovens de Campinas que se encontravam com o grupo na reunião.

Vamos, para melhor situar a mensagem, destacar fatos e pormenores de que Chico não tinha conhecimento algum.

1. Jamegão como “falei”, palavra muito usada pelo Jair.

2. “Quero dizer a meu pai que não fique de pensamento vidrado nas águas” – O pai de Jair, Sr. José Presente, contou-nos que muitas vezes, à revelia dos familiares, ia até a Praia Azul, para saber de detalhes ligados à morte do filho. Jair em sua carinhosa advertência pede ao pai que assim não proceda mais.

3. Após a primeira mensagem de Jair, sua mãe passou a colaborar na instituição dirigida por D. Wandir Dias, o Movimento

Assistencial Espírita Maria Rosa, conhecido como Casa da Sopa do Grameiro, bairro onde se localiza a Obra que oferece sopa aos necessitados.

4. “Wilson anda arrepiado num medo fora de série” – fato confirmado pelo Wilson que afirma ver-se trânsido de medo muitas vezes, ao sentir a presença do Jair, como aliás o próprio Jair confirma na sequência da mensagem, quando diz: “muitas vezes ele me sente perfeitinho junto dele, mas e a paúra?”

5. “Essa de pinga não cola” – Advertência de Jair aos amigos Carlos, Sérgio e Wilson que contrariando os hábitos do grupo passaram a procurar nos goles de caninha o esquecimento da saudade que os torturava, após a morte de Jair.

6. “O que vocês prometem cumpram” de fato, os jovens amigos de Jair, prometeram participar da sopa fraterna no Grameiro, em homenagem à memória do saudoso amigo, tão logo souberam que Jair havia dado comunicação através de Chico Xavier. Contudo, logo esqueceram a promessa e Jair veio lhes puxar as orelhas...

O fecho desta mensagem também identifica o estilo de Jair, quando “vivo”. Aliás, outras palavras foram reconhecidas por sua irmã Sueli, como sendo de uso habitual pelo Jair. É o caso de “pirandelando”, de uso incomum, que encontramos nesta mensagem e que, segundo Sueli, Jair usava habitualmente em casa.

Em sua correspondência epistolar numerosa, Jair falava muito em “antes da matina”, (como fala no fim da mensagem), posto que suas cartas eram escritas geralmente às três ou quatro horas da madrugada.

Carta 3 – Jair Presente (Xavier, 2005, p.137-45)

16 de novembro de 1974

Oi, Sueli, meu papai e mamãe, Gema (1) de lado, a nossa querida Gema de nossa amizade.

Sueli, você tá esperando papo firme. E o manoca está no estudo. Vidrado nos livros. Parado nas observações. É preciso sair da avenida

de vocês aí, deslanchar e seguir prá frente. Não é mole abraçar tarefas tão duras. Mas tou forte mesmo. Arregaçando mangas. Porque não vivo aqui de peixinho. Estou fazendo vida nova no caprichado.

Sei que você e nossas amizades lá no grupo esperam mensagens. E mensagens em bossa nova, em conversa bem animada, mas a vida aqui não é o que se pensa, nem o que se diz. É como é. A pessoa é obrigada a dar a si mesma em proveito dos outros, porque os outros todos fazem o mesmo. E devo estar super-incrementado para não cair em preguiça. Trouxe para cá unicamente o coração de rapaz que não tem muita chance para retomar o passado.

Muitos se levantam aqui lembrando e refazendo conhecimentos, mas, pelo menos agora estou em frias. Lutando muito para encucar a mim mesmo que devo estudar e renovar minha própria vida. Por aí, tudo era aquela água. Tudo no livro do tá feito e na lista do tá comprado. Aqui, fazer e comprar é com a gente mesmo. A pessoa tem o que vale para o próximo. Por isso é que tenho batido nessa de agir e servir. Vocês não se enganem. Exercício de caridade para recebermos caridade, onde estou e para onde vocês virão.

Ninguém precisa assustar porque não faço caveira alguma. Penso em melhorar o coreto para não perdermos tempo. Fui eu mesmo quem escreveu a mensagem com o pessoal do Grameiro (2). Não me meti em frias porque não estava certa se conseguiria pôr o lápis ou a palavra prá jambrar, fazendo o bem.

Estou trabalhando. Dando duro se quiser ficar mais perto de vocês. Que há muita gente por aqui apenas procurando sacudir a carola, não tenham dúvida. É muita gente do contra. Se fosse pessoa de força religiosa, diria, muita gente anti-Cristo. Vocês, porém, vivam certos de que não posso largar a praça em que vocês me puseram com tanta oração e com tantas palavras boas. Não posso fugir do que presta e por isso vou indo pra frente da vida nova. Conhecer para fazer e fazer o melhor para chegar ao bem que é a luz de Deus.

Ainda preciso de vocês. A gente aqui continua ligado com quem se liga conosco. E precisamos do apoio daqueles em cujo amor estamos crentes. Continuar e continuar para estarmos firmes. Mesmo

aquí, interrompo o que digo para cumprir ordens. Isso é bom para mim, porque meu curso agora é outro.

Amigos pedem para dizer que presentes conosco temos duas pessoas cuja palavra devo encaminhar com respeito. Duas pessoas de recado em regime de urgência. Um deles é um amigo de nome Aníbal (3) que pede ao pai tolerância e desculpa pela ocorrência em que foi vencido, pela própria insuficiência de forças. Abriu o portão do lado de vocês e veio para cá em dificuldade. Mas o entendimento paterno e as desculpas da família são para ele bênçãos de paz.

E outro aviso é de uma irmã que roga à irmã Lídia (4), oração e tranquilidade, abençoando a amiga que voltou para cá nas condições a que nos referimos. Naturalmente que a irmã do nosso lado sofre ao pensar que a companheira possa imitar o gesto em que se fez mais doente. Ela agora pede sossego e bênção e a nossa irmã presente pode auxiliá-la procurando fortalecê-la com a sua paciência tocada de fé em Deus. A morte procurada encontra problemas fortes. A pessoa busca esquecimento e ganha memória, mas memória doente, porque a lembrança se transforma em aflição por não conseguir consertar de pronto o que ficou na incerteza.

Não sei se transmiti os recados de que me incumbiram. Entretanto, Sueli, nossos amigos aquí me falam que mensagem deve ter mensagem por dentro. E esses comunicados precisam chegar ao destino. Por hoje é parar no ponto justo. Não posso escrever tanto papel só para dizer que o trabalho é nosso.

Abracem nossos amigos por mim. Aquí somos um outro bando. A patota, porém, está iluminada com a fé em Deus e decidida a servir para aprender realmente a servir. O Wady amigo é também figura de prol. E temos outros. Estamos, fazendo um grupinho novo, com a tarefa de nos unirmos para Cristo, buscando, assim, a bem para nós mesmos.

Continuo pedindo preces. Sabem vocês que no campo de luta precisamos da torcida. Um pouco mais de bom ânimo para nós. Lembrem-nos para trabalhar. Chamem-nos se isso for possível. O negócio aquí é diferente. Na Terra pedimos trabalho para ganhar, aquí rogamos trabalho como sendo salário.

Vocês, aí! Preparem-se porque vão encontrar os mesmos programas, embora deva saber de minha parte que muitos de vocês já cooperaram com Jesus de modo silencioso.

Ajudem-me para que me livre de mim para pertencer realmente a Jesus.

Meu pai, mamãe e querida Sueli, adeus por hoje. O pessoal aqui saberá perdoar o moço inexperiente que ainda sou.

Muito grato a todos. Tchau para cada um com aquele abraço. E escrevo aqui o ponto final, meio ouriçado e meio borocochô comigo mesmo, pedindo desculpas se não comuniquei meus pensamentos abitolados como desejava e realmente sem saber se falei.

Jair

## Comentários

Mais familiarizado com o relacionamento mediúnico, através da psicografia, quase 10 meses após sua desencarnação, nesta mensagem encontramos o Jair em toda a pujança de sua comunicação, manejando – como o fazia em vida – as palavras e expressões de gíria com bastante facilidade.

Vemos também o jovem estudante de Engenharia superando as naturais inibições da adaptação a tão radical mudança: já não mais o lar querido com o quarto de estudos e de elucubrações continuadas; já não mais a Unicamp e os cursos que perseguia com a obstinação de quem buscava o seu pássaro azul.

Agora comparece para o diálogo entretecido nas saudades de tantas experiências em comum. Os espíritos são os mesmos: ele, Jair, os pais queridos, os amigos, mas a diferença de plano vibratório é flagrante: Jair, do Plano Espiritual, a utilizar-se dos recursos ilimitados de um médium abençoado para comunicar-se com os demais presos à matéria densa, envoltos em seus escafandros de carne.

Mas o fio do pensamento é absolutamente o mesmo. O mesmo Jair a mostrar que a mudança para o lado de lá não se acompanha de

transformações milagrosas; há necessidade de estudar, de trabalhar, de viver ainda mais ligado às responsabilidades, posto que já não se pode mais alimentar ilusões quanto á nossa destinação ante os desígnios de Deus.

Assim, fala Jair: “Sueli, você tá esperando papo firme. E o manoca está no estudo. Vidrado nos livros.” Mais adiante fala: “estou trabalhando. Dando duro se quiser ficar mais perto de vocês.” Ao epílogo da mensagem diz: “Na Terra pedimos trabalho para ganhar; aqui rogamos trabalho como sendo salário.”

Estas ponderações do jovem autor espiritual confirmam citações de outros espíritos consonantes com os conceitos espíritas da vida após morte, lembrando que a morte é apenas mudança de plano vibratório, pois, na Espiritualidade, como aqui, somos os mesmos.

Nesta sua 4ª mensagem endereçada aos pais e amigos, encontramos as seguintes citações:

1. Gema – Gema Cristina Galgam, estudante colegial, irmã do Sérgio Galgam, já apresentado.

2. “Fui eu mesmo quem escreveu a mensagem com o pessoal do Grameiro” – Temos em nossas mãos esta página psicografada no Movimento Assistencial Espírita Maria Rosa, no Bairro do Grameiro, em Campinas, assinada por Jair e endereçada à sua irmã que relutou em aceitar-lhe a originalidade. Tal mensagem foi recebida um mês antes (18 de outubro de 1974) da mensagem psicografada em Uberaba que neste capítulo consideramos. O próprio Jair, como vemos, sem que Chico o soubesse, vem dar cunho de autenticidade a uma comunicação sua ditada a outro médium, em outra cidade, um mês antes...

3. Aníbal – Refere-se Jair a Aníbal Rodrigues, jovem suicida de Campinas que se atirou de um edifício da Avenida Francisco Glicério.

Com referência a essa citação cabe algum esclarecimento

O nome Aníbal grafado na página psicográfica de Chico Xavier causou espanto aos presentes á reunião. Ninguém conhecia o Aníbal. Diante da insólita ocorrência, o jornalista Mário B. Tamassia publicou no Correio Popular, de Campinas, edição de 21 de novembro de 1974, o recado de Aníbal aos pais, no intuito de verificar se a

família era da cidade ou se, ao menos, algum leitor a conhecia. No dia seguinte, a família Presente foi procurada pela Sra. Maria Aparecida Rodrigues que se identificou como mãe de Aníbal, contando, então, o triste episódio que envolveu a morte do jovem campineiro, através do suicídio. Muito reconfortados, ela e o marido, comentou mais tarde a Sra. Maria Aparecida ter-lhe sido o recado do Aníbal um grande lenitivo ao seu coração de mãe que pôde compreender estar vivo o filho querido, a despeito de seu suicídio.

Lídia – trata-se de uma senhora presente à reunião e de quem a jovem desencarnada era muito amiga. Tendo sido Lídia surpreendida pelo suicídio recente da amiga (matara-se há três meses com um tiro no ouvido) foi a Uberaba, em busca da orientação do Chico, pois tencionava também dar cabo da vida. Chico de nada sabia, antes do recebimento desta mensagem...

A pedido de seu esposo, expresso em depoimento prestado ao Dr. Elias Barbosa, escusamo-nos de oferecer dados pessoais de D. Lídia.

## **Anexo C – Cartas atribuídas a Laurinho Basile**

Carta 1 (Xavier, 1980, p.25-6)

16 de julho de 1977

Querida Mãezinha Priscilla, peço a sua bênção.

Tive permissão para vir até aqui pedir à senhora para que não chore tanto.

Peço à senhora e à mãe Lourdes me ajudarem a ficar mais calmo.

À Selma rogo pedir às nossas queridas Rachel, Yolanda Lucila a mesma coisa.

Mãezinha, eu não vim para cá fora das Leis de Deus. Ninguém teve culpa no carro de encontro à árvore.

A morte, que não depende de nós, não é de nossa culpa. Estou ainda como quem se vê debaixo de uma nevoa de lagrimas e ainda não consigo raciocinar com segurança.



Meu avô João Basile me trouxe aqui a meu pedido para dizer-lhes que vou melhorar mais depressa se me auxiliarem com a fé em Deus.

Mame, conforte meu pai e diga-lhe que estou bem.

Agradeço as orações e votos que me dirigem, mas preciso ficar forte.

Não posso escrever mais, mas peço à senhora, ao papai e às meninas, que recebam muitos abraços do filho e irmão agradecido, sempre seu,

Laurinho.

### Identificações

Laurinho – Lauro Basile Filho, nascido em 17 de março de 1958, na cidade de Casa Branca, estado de São Paulo, Desencarnado a 12 de dezembro de 1976, em acidente automobilístico, na rodovia Poços de Caldas-Casa Branca.

Priscilla – Mãe de Laurinho. Ortografia correta do meu nome, embora eu mesma o escreva com um só l.

Mãe Lourdes – Avó materna, residente em Casa Branca. Sempre chamou o neto de filho.

Selma – Irmã de Laurinho, e muito chegada a ele talvez pela pouca diferença de idade.

Rachel – Irmã de Laurinho, casada. Ortografia correta do nome.

Yolanda – Irmã de Laurinho, casada. Ortografia correta do nome.

Lucila – Irmã caçula de Laurinho, tem o apelido Zó, mas o irmão só a chamava pelo nome ou por Lu.

João Basile – Avô paterno, desencarnado em agosto de 1958.

Carta 2 (Xavier, 1980, p.32-6; 39-41)

8 de abril de 1978

Querida Mãezinha Priscilla.

Abençoe seu filho.

Queria dizer tanto. Mas as emoções são longas. E as frases parecem tintas para decoração limitada. Não sei o que dizer.

Que estou feliz?

Isso é verdade, mas não estou apenas feliz. Estou reconhecido. Grato ao seu amor, à dedicação do meu pai, ao carinho da turma toda.

Tanto de casa, quanto daquela outra equipe, dentro da qual somos, em Casa Branca, uma casa de alegria e de esperanças.

Tudo está revivendo em mim.

Seus escritos, para mim, são cartas estruturadas com fragmentos de estrelas. Dessas estrelas que rebrilham em sua devoção maternal.

Mãezinha, creia. Tudo está respondido. Nos pensamentos nossos que se entrelaçam em que dialogamos sobre a vida.

Deus recompense seu carinho. Carinho, sobretudo, na adesão a todos os empreendimentos de seu filho.

A senhora e meu pai nunca me insuflaram medo. E a coragem que me deram é um patrimônio que me enriquece de forças novas.

É verdade. Deixei o corpo, num choque entre dois gigantes, um Maverick e um eucalipto de força notável. Mas nem um nem outro me impuseram a demissão do carro físico.

O velocímetro é que estava numa temperatura de febre. Mas o motorista igualmente não teve culpa.

Não sei explicar o que é isto, mas a devoção pelo movimento é um sinal dos tempos novos.

O progresso por aí, é o controle do motor, entretanto, o motor é uma espécie de coração do avanço tecnológico.

Se na Terra conseguimos de fato, as oitenta batidas por minuto, expressando os oitenta quilômetros por hora, tudo seguirá melhor.

Nós, porém, os que temos vindo, aparentemente mais cedo, fomos chamados a abrir caminhos.

Até que o homem domine o voo com absoluta segurança, muita maquina ainda exigirá aperfeiçoamento.

Não estou fazendo apologia da imprudência e sim o elogio da coragem, esse destemor que a senhora soube inspirar em cada um de nós.

Tudo está bem.

Não há motivos para lágrimas, porque estamos todos trabalhando pela melhora total.

Ainda me vejo na Avenida São Luiz, esnobando as motos e recordo os passeios no Jardim Público, trocando ideias com os amigos sobre a melhor maneira de se renovar a vida sem sofrimentos para ninguém.

No caso, no entanto, em me referindo a mim e ao nosso Evaldo, é que a nossa última festa devia ser a de São João da Boa Vista.

Despedimo-nos da Terra sem os rituais do sofrimento. Devia ser assim. Meu avô Basile com amigos outros me convencem.

Temos muita conta de retaguarda por ajustar e, graças a Deus, é melhor pagar compromissos, que contrair novos débitos.

Agradeço todo o amor que a sua dedicação situou em derredor de notícias.

A senhora apenas excedeu-se num ponto: suas palavras me apresentam qual se fosse eu um Gênio celeste em trânsito pelo mundo.

Mas que mãe existirá que não encontrará anjos e gênios nos próprios filhos?

Sei que os outros compreenderão, e peço a Deus me faça ser um dia, qual a senhora me concebe em sua imaginação rica de amor.

As notícias da imortalidade são realmente importantes. Muitos pais e mães de agora não estão compreendendo os filhos quando trazidos para cá.

É preciso mostrar que a morte já era.

Estamos vivos e aprendendo a dominar-nos como é preciso.

Agradeço a meu pai a sinceridade com que me reconhece em meus breves recados.

Envio para Yo, para a Ra, para a Mirta e pra a Lu, aquele abraço do irmão das quatro meninas.

A vida vai passando.

A Yo presentemente e Peter, Gustavo e Guilherme e a Ra ou a nossa Rachel, também já nos trouxe um belo grupo com a Shell, a Rafaela e o José Neto, e eu mesmo vou multiplicando a mim próprio em ideias novas.

Selma e Lucila são o futuro.

Agradeço a todos os nossos por tudo o que fizeram e fazem por mim.

Estamos aqui, Evaldo, José Tadeu e eu mesmo, moços que se estragaram ou se refizeram com atritos de máquinas e agradecemos às nossas mães especialmente por nos haverem criado sem receio de andar pra frente.

D. Aparecida receba essa nossa gratidão.

Mãe querida, envio um beijo a Vó Lourdes e a Vó Genoveva, grandes mulheres que sabem viver sem incomodar os descendentes.

Aqui temos muitos companheiros, mas não posso nomear a todos. Preciso porém satisfazer ao desejo de um rapaz de nome Nelson que pede seja comunicado à sua Mamã Sebastiana de Mello Oliveira aqui presente que ele se acha em companhia do pai Olavo.

Um notável menino e moço de nome Maurício pede para que se responda ao coração materno que chama insistentemente por ele, que a mensagem dele nesta noite se chama: – Um beijo para você Mamã. Ele se refere ao nome da progenitora que é D. Alexandrina Xavier Vieira.

Amigos de muita elevação, acompanham amigos de Curitiba e os saúdam. Não tenho maior relacionamento no campo espírita, mas dois deles se registram conosco – Dr. Luiz Vasconcelos e o Sr. José Lopes.

Muita gente deseja falar, mas precisamos inventar um relógio novo. O problema é que podemos inventar um novo conta-vida, mas o tempo é de Deus e o que é de Deus ninguém muda.

Agradeço às companheiras de Casa Branca que vieram em nossa companhia.

Por fim devo assinalar um recado a mais: é um jovem aflito, para se confortar a Mãezinha que espera no papel e no lápis. É o jovem

Marco Antonio, que informa à sua Mãezinha Dona Maura que ele está junto dela e lhe pede calma e coragem.

Quanto ao mais, vamos tocando o barco, e que Deus nos abençoe.

Termino dizendo:

Querida Barata, a senhora é o mais precioso Barato do mundo.

Abraços ao Pai Lauro, e para a senhora um beijão do filho que hoje pensa mais em trabalho para ser melhor.

Mãezinha receba todo o amor do seu, sempre seu

Laurinho

Laurinho

Laurinho

Laurinho

[...]

## Identificações

Evaldo – Evaldo Rui Monteiro, nascido em 6 de março de 1958, na cidade de Casa Branca, desencarnou no mesmo acidente, em 12 de dezembro de 1976. Filho de Adalberto Monteiro e Eunice R. Monteiro.

Yo – Apelido dado por Laurinho à irmã Yolanda.

Ra – Apelido escolhido por ele mesmo para Rachel, sua irmã.

Mirta – Apelido que ele fez questão de dar à sua irmã Selma desde o seu nascimento.

Lu – Apelido escolhido por ele para Lucila.

Petar – Petar Sikora, marido de Yolanda, de nacionalidade iugoslava.

Gustavo – Sobrinho de Laurinho; filho de Petar e Yolanda, residente em Mococa, estado de São Paulo.

Guilherme – Também sobrinho, filho de Petar e Yolanda.

Shell – Apelido de José Araújo Filho, marido de Rachel.

Rafaela – Sobrinha, filha de Rachel e Shell.

José Neto – Sobrinho, cujo nome é José Araújo Neto. Nasceu quinze dias depois da partida de Laurinho. Filho de José Araújo Filho e Rachel, residentes em Casa Branca.

Dona Aparecida – Mãe de José Tadeu, e mais três filhos. Família residente em Casa Branca.

José Tadeu – José Tadeu Farina Banchi, nascido a 17 de novembro de 1955, em Corumbataí, estado de São Paulo. Filho de Ângelo Banchi e Aparecida Farina Banchi. Desencarnou a 28 de agosto de 1971, em desastre automobilístico, na estrada que liga Vargem Grande do Sul a Casa Branca.

Vó Genoveva – Avó paterna. Genoveva Ciambra Basile, residente em Casa Branca. Aniversaria exatamente no mesmo dia em que Laurinho partiu.

Sebastiana de Mello Oliveira – Outra mãe para a qual Laurinho enviou recado do filho e do marido. Estava presente na reunião na noite em que veio esta carta.

Nelson – Filho da senhora acima citada.

Olavo – Pai de Nelson que também se encontra na Outra Vida.

Maurício – Desencarnado aos oito anos de idade, residia em Goiânia, estado de Goiás.

D. Alexandrina Xavier Vieira – Mãe de Maurício, presente à reunião.

Dr. Luiz Vasconcelos – Sabemos que é pessoa de Curitiba. Desencarnado.

José Lopes – Também de Curitiba. Desencarnado.

Marco Antonio – Marco Antônio de Araújo Nascimento, nascido em 19 de agosto de 1943; desencarnou a 6 de junho de 1971 em desastre de automóvel.

Maura Bittencourt Silva A. Araújo – Mãe de Marco Antônio, destinatária do recado.

Carta 3 (Xavier, 1980, p.48-52; 55-7)

18 de abril de 1978

Uberaba, 18 de abril de 1978.

Meu Querido Kid, peço a sua bênção.

Hoje o assunto será propriamente conosco.

Não é muito tarde para o nosso rango, porque seu filho nem sempre chegava muito cedo, mas hoje sou eu quem se encarrega da merenda.

Um lanche espiritual em que peço a Deus me auxilie a servir-lhe muito amor.

Papai querido, é isso aí.

A mamãe escreveu um livro molhando a pena de nossa saudade em tinta de pranto, detivemo-nos em outra noite na merecida louvação.

Foi o senhor mesmo quem nos ensinou a querê-la tanto e a dedicar tanto amor à família, que as minhas lembranças de nossos encontros e as referências ao nosso afeto, pareceram desmaiadas, quando dentro de mim o amor por seu devotamento é cada vez maior.

Saudade, papai, está em minha nova onda.

Saudade iluminada de esperança e carinho, mas saudade real que parece uma dor alugando-me indefinidamente o coração.

E creia. Nessa carência de sua ternura e de sua palavra estão as reminiscências.

Lembro-me de todas as suas manifestações de vigilância e bondade.

Os conselhos para estar com prudência nos estudos em Mococa.

As referências a Santa Cruz das Palmeiras que um dia o Senhor nos disse chamar-se igualmente Santa Cruz dos Valérios.

As histórias das aulas no Grupo Dr. Carlos Guimarães.

As anotações que o senhor enfileirava para nós em casa em relação aos exemplos de amor ao próximo do respeitado Dr. João Batista do Amaral.

Os seus conselhos sobre o comportamento que devíamos observar quando estivéssemos em passeios nos Jardins auxiliando-me a compreender os amigos com entendimento e ponderação.

A primeira vez que a sua bondade me levou a conhecer o monumento ao Coronel Drago, rememorando os heróis que passaram pela nossa querida Casa Branca.

Os elogios ao professor Midon.

As suas expressões de carinho e benevolência para com seu filho, quando comecei a pensar em fuscas e motos.

As suas narrativas das pescarias no verde imenso de Mato Grosso.

As suas observações sobre a cautela que devíamos guardar em qualquer escalada a Serra dos Caetanos ou do Bom Jardim.

E tudo se desenrola de tal modo na memória do seu Laurinho, que em verdade meus sentimentos, respeito e gratidão para com o seu amparo mais me parece uma cachoeira de amor represada no espírito.

Receba pois, de maneira pálida mas sincera, a admiração que realmente o meu ideal é o de imitá-lo para ser a criatura que devo ser.

Segundo o que já me foi possível dizer à Mamãe, estou recompondo forças.

Sabe o senhor que meu avô João Basile, seu amado pai, tem sido para o neto um amigo maravilhoso. Com ele ao meu lado, peço-lhe perdão se me despedi do corpo físico naquele conflito de carro.

Papai, creia que todos estávamos sóbrios. Efetivamente, o velocímetro contava que a corrida era um pouco mais acelerada que de costume, entretanto, a estrada favorecia. Quase nenhum movimento e o caminho aberto, como que pedindo pressa no proveito do espaço sem obstáculos.

O Senhor já sabe tudo o que sucedeu até Poços, e de Poços a Casa Branca o senhor sabe mais do que eu mesmo.

Agora, é renovarmos a rota e tomar o rumo que Deus nos traçou.

Agradeço ao senhor e a Mamãe e a todos os nossos, as lembranças da religião em nosso auxílio.

As preces que fiz em criança a Nossa Senhora das Dores não foram vãs. Soubesse eu o valor da prece e teria cultivado com mais calor os meus contatos com a fé.

Peço ao senhor dizer ao Júnior, o Aristeu Júnior, e ao Cory, que estou muito grato aos bons pensamentos que me enviam sempre. Esse reconhecimento é extensivo a todos os nossos amigos que nos acompanharam com tanta generosidade.



O Vovô Basile pede-lhe calma nos raciocínios. Não convém enfeixar muitas indagações de uma só vez.

A existência na Terra é muito curta por mais longa seja no tempo.

E ele recorda ao senhor que o próprio sacerdote Godoy, um dos fundadores de Casa Branca, ainda se encontra na Vida Espiritual amparando as ovelhas humanas do seu nobre pastorado.

Agradeço aos amigos que acompanham o senhor e a mamãe, com a nossa Lucila até aqui. Nossa Lu está melhorando. Deus permitirá que ela se transforme em Luz permanente em nossa casa.

Evaldo e José Tadeu estão presentes.

Nossa irmã Arantes abraça a irmã Marinete e pede-lhe serenidade e confiança em Jesus.

E por aqui me vou. As obrigações continuam.

Ainda posso extrair tempo para descansar em refazimento constante. Trabalhando é que se anda pra à frente.

Veja, papai, que o seu Laurinho Kid está firme.

Peço-lhe abolir a tristeza e aceitar a nova era que se inicia para nós.

Estamos nesta noite numa festa maior.

A festa dos irmãos de Jesus reunidos uns aos outros.

O lar é da caridade e rogo a Deus para que a caridade esteja sempre em todos os recantos de nosso lar.

Para a mamãe, para a Lu e todos os corações queridos, um abraço e para o senhor, sempre meu querido pescador e meu melhor mestre, todo o coração repleto de amor de seu

Laurinho.

Nota: Esta mensagem também foi assinada com a mão esquerda.

[...]

## Identificações

Lauro – Pai de Laurinho. Lauro Basile, nascido em Santa Cruz das Palmeiras, estado de São Paulo. Professor de Educação Física. Residimos com nossa família em Casa Branca desde o nosso casamento há vinte e oito anos.

Kid – Apelido que Laurinho deu ao pai, assim ficando sendo Lauro Kid e Laurinho Kid.

Barata – Apelido que Laurinho deu a mim, sua mãe, há longo tempo. Estes apelidos ficaram tão populares que os amigos de nossos filhos nos tratam assim.

Grupo Dr. Carlos Guimarães – Escola onde Lauro (pai) fez o curso primário.

Dr. João Batista do Amaral – Abnegado cidadão que exercia a profissão de médico em Santa Cruz das Palmeiras, quando Lauro (pai) ainda era menino.

Coronel Drago – Herói da Retirada da Laguna. Tem um monumento em Casa Branca, na Praça Honório de Sylos.

Júnior – Aristeu França Júnior, grande amigo de Laurinho, filho de Casa Branca e de família aí residente. Atualmente é estudante no curso de Engenharia.

Cory – Grande amigo de Laurinho desde a infância, de família radicada em Casa Branca. Atualmente estudante de Agronomia.

Professor Midon – Henrique Gaspar Midon; foi radicado em Casa Branca, pessoa muito querida, exercendo o cargo de Professor de Geografia no Instituto de Educação Dr. Francisco Thomaz de Carvalho. Desencarnado em Casa Branca, aos 83 anos de idade, no ano de 1965.

Serra dos Caetanos – Nome constante do local acidentado da fazenda de seu grande amigo João Otávio Lima Roriz, no município de Tambaú, S.P., onde Laurinho frequentava.

Sacerdote Godoy – Desencarnado em 4 de outubro de 1835, aos 87 anos de idade, na cidade de Casa Branca. Foi o primeiro vigário da paróquia de Nossa Senhora das Dores.

*Irmã Arantes* – Senhora Mariquinha Arantes, desencarnou em Casa Branca em 10.8.1973, com 83 anos de idade. Cunhada da Sra. Marinete Santos Arantes.

## Anexo D – O “caso Irineu”

### 1 – “A presença do Jair” e “As dicas do Fantasma Sorriso” (Xavier, 1976, p.150-65)

#### A presença do Jair

Estávamos no fim de tarde de uma segunda-feira de Carnaval. O crepúsculo surgia e o Sol, imensa bola de fogo, debruçava-se sobre a linha do horizonte, pintando as nuvens brancas com suas radiações rubras.

Nossa visita ao Parque dos Flamboyants se encerrava; cemitério moderno, assentado sobre colinas gramadas, com alamedas de Flamboyants amarelos, cortando a relva verde, o Parque não apresenta qualquer diferenciação entre os jazigos, sendo estes representados externamente por uma pequena placa de bronze com a identificação dos mortos.

É a necrópole, em essência, um bem cultivado jardim, onde as flores depositadas pelos amigos e parentes dos mortos em pequenos copos que ladeiam a lápide de bronze, compõem com a grama cuidada e com os Flamboyants floridos a própria imagem da paz que todos imaginamos para o repouso derradeiro de nossos corpos.

A sepultura n° 841 traz o nome de Irineu Leite da Silva, citado na mensagem de 19 de julho de 1975, de Jair Presente, psicografada pelo Chico. Na mensagem o Jair diz que Irineu “vestiu o paletó de madeira a 7 de junho”, pouco mais de 40 dias antes da mensagem psicografada a que nos referimos.

A citação que Jair faz do Irineu deu muito o que pensar. Sem considerarmos que a família do Jair jamais ouvira falar de Irineu ou de seus pais, e muito menos Chico Xavier tinha qualquer informação a respeito desse jovem campineiro, absolutamente desconhecido de todos, há que se destacar o episódio que vamos relatar e que confirma mais uma vez, a exuberância da revelação mediúnica.

Como o leitor amigo poderá observar na mensagem, intitulada As Dicas do Fantasma-Sorriso, Jair conta que estava presente no

Parque Flamboyant, colaborando no socorro dos recém-desencarnados, quando o Irineu foi sepultado. Diz mais, que o Irineu estava em espírito, como ele, junto do Chico e pedia aos pais Sérgio e Rita que se consolassem.

Muito bem, após o recebimento da mensagem, a irmã de Jair Presente, Sueli, procurou localizar a família do jovem Irineu, já que nenhum dos presentes à reunião de Uberaba o conhecia.

Voltando a Campinas, telefonou ao Administrador do Parque Flamboyant, Renato Manjaterra, pedindo-lhe que verificasse se no dia 7 de junho ou no dia seguinte havia o registro do sepultamento de Irineu Leite da Silva. Consultando os apontamentos, o Sr. Renato disse que não havia nada a respeito de Irineu.

Como, pensou Sueli, Jair teria se enganado? Será que o Irineu não existia? Para dirimir dúvidas começou a investigar pelos jornais da época e eis que o Correio Popular, em sua edição de 8 de junho de 1975, notifica o falecimento de Irineu Leite da Silva, citando o nome de seus pais, Sérgio e Rita e falando do sepultamento no Parque Flamboyant.

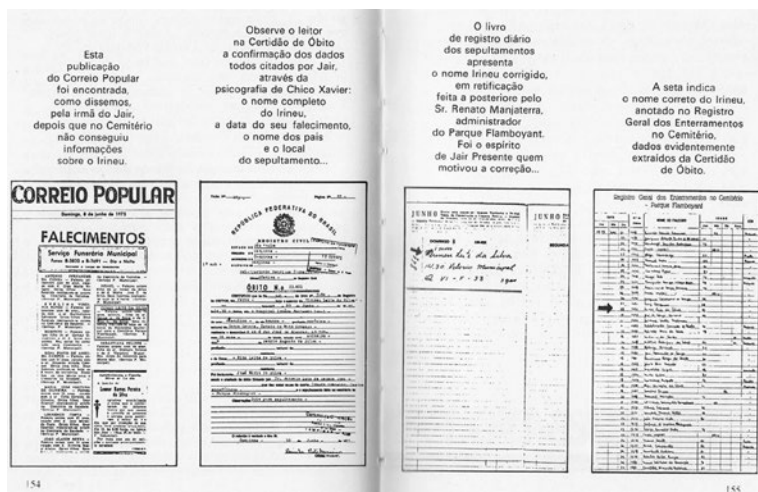
De posse do recorte do jornal, que reproduzimos adiante, Sueli procurou o administrador do cemitério e mostrou-lhe a notícia. Surpreso, Sr. Renato voltou aos apontamentos e pôde constatar que nada encontrara a respeito de Irineu, porque o seu primeiro nome havia sido escrito errado. No diário de sepultamento constava a 8 de junho o nome de Pirineu Leite da Silva e não Irineu. Engano perfeitamente compreensível, pois no diário, segundo nos explicou o Sr. Manjaterra, os nomes são anotados inicialmente por informação telefônica, para posteriormente, de posse da certidão de óbito, transcrever-se no Livro de Registro todos os dados referentes ao sepultamento.

Aparentemente incompreensível, se não o entendermos à luz do conhecimento espírita, é o fato de Jair ter falado no nome correto de Irineu, quando no próprio cemitério seu nome estava escrito errado. A seguir reproduziremos cópias de documentos que exemplificam o exposto. Assim, o leitor poderá analisar a publicação do Correio Popular, de 8 de junho do ano passado, que serviu de ponto de referência, para Sueli desvendar o equívoco, criado com a informação do administrador do Parque Flamboyant. Adiante reproduzimos

também a página do livro de anotações diárias do cemitério, com o nome Irineu rasurado, podendo-se observar claramente a correção feita *a posteriore* [sic].

Para complementação do estudo do “caso Irineu” apresentamos ainda a página do Livro de Registro Geral de sepultamentos, com o nome correto, baseado na certidão de óbito, e um fac-símile da certidão de óbito, para que se confrontem os dados referidos pelo Jair na mensagem, ou seja, o nome completo do Irineu, o nome dos seus pais, o dia do óbito e o local do sepultamento.

Como diz um de seus amigos, esse Jair não tem jeito mesmo!!!



## As dicas do Fantasma Sorriso

Minha querida madre, pater meu e minha sorela Sueli, somos presentes dando presença. E não quero começar papeando sem dar a Deus, nosso Criador e Pai, o respeito nosso.

O que há na paróquia é que vocês estão querendo aquelas conversadas de espírito de família. E acontece que na cuca do meu grupo a lembrança me bate forte. Não posso dar a silenciada; é preciso falar, porque os nossos daqui me permitem aquela boa gíria dos amigos fiéis.

As vezes, penso que é preciso acabar com essas dicas de fantasma-sorriso; mas, e a vida que é nossa? e como deixar de ser nós mesmos dentro da vida? Nesse sentido, minhas palas são melhores, estou incrementado nos estudos para retirar todos os meus grilos xexelentos. Quero carregar outra moringa nos ombros. E o negócio é esse aí: se não trabalhar, não entendo; se não entendo, não vale estudar.

Quando vim pra cá, percebi, de repente, que não passava de sabereta, embrulhando muitas lições aprendidas aí em bobagens que não tinham tamanho. Agora, vou tirando letra em muita coisa que necessito guardar em mim para ser melhor. Muita gente bem de nossas turminhas deram para pensar que sou espírito vagau perdido na marginália. Pobres meninos patetas que éramos; querendo inventar uma língua nova, complicamos os comunicados nas melhores comunicações.

Entretanto, para Deus o sentimento é que tem valor, o coração é que fala. Posso latinizar as notícias da maneira mais sofisticada, mas, se não der de mim aquela sinceridade, tou na lona da paranoia e isso eu não quero mais. Esse negócio de dar fio nas patotas que mandam fumo ou avançam no lesco-lesco dos comeretes a se arrancarem para umas e outras é perigo na certa. Quero pensamento joia para falar mesmo, sem alinhar as palavras fora da costura da boa gíria.

Mandem-se para cá e vocês vão ver como é duro varar o arco e virar a bola de pé pra frente no quadrado das notícias. Assim sendo, vocês todos podem perdoar os cabeludos que vieram pra cá sem preparação, bancando caretas nas lições de Cristo. Perdão sim, porque seria difícil pra mim, falar francês, no português brasileiro, exibindo qualidades que não tenho.

De uma coisa, porém, vocês fiquem sabidos: é que já sei que trabalhar para os outros é o caminho melhor. Digo isso, embora esteja parado como nos tempos da Geografia, explicando pro professor como se vai à Guiana Inglesa sem nunca ter ido lá, nem pra inglês ver.

Já sei; isso é progresso. Disposição mesmo pra fazer o que sei, penso que só amanhã. Apesar de tudo, Sueli, digo a você:

mediunidade é servir para sermos servidos. Todos precisamos de alguma coisa. Estender as mãos para o auxílio a quem sofre é o mesmo que receber outras mãos que chegam do Alto pra carregar-nos sobre as lutas de cada dia.

Para mim, caridade é o melhor negócio da vida. A pessoa ajuda e recebe muito mais do que dá. Geralmente, querida irmã, somos alguém a servir, mas a pessoa servida representa em si um grupinho grande. E o grupinho se inclina pra nosso lado e dá uma melhorada geral em nossos caminhos. Aqui vejo muita gente fora da Terra aprendendo isso! Entregando benefícios e recebendo benefícios maiores. Não estou ensinando você a paparicar Deus com papos furados ou com caldos melosos de conversa amolecida na adulação. Estou fazendo as palas do ato, porque o assunto mais importante é agir mesmo.

Aqui está conosco o Joãozinho Alves e pede aos pais aquela confiança em Deus que não desanima; ele está melhor e mais forte. E outro amigo aqui ao lado de seu adoidado irmão é o amigo Irineu Leite da Silva, um moço do fino que vestiu o paletó de madeira em sete de junho passado. Estava eu entre aqueles que trabalhavam no Parque dos Flamboyant quando ele foi considerado de sono eterno. Mas acordou junto de nós e está bem; pede para que os pais Sérgio e Rita se consolem.

Afinal de contas essas paqueradas da morte acontecem com qualquer um. E os caras do mundo precisam contar com isso. Não queremos que ninguém morra. Queremos que todos os nossos irmãos do mundo, transitem por todos os consultórios de plástica, tirando sarro nas rugas que chegam com as janeiradas, de natalício a natalício. Desejamos que todos cheguem aqui mambeando de velhice, sem coragem de olhar pros retratos solenes de vinte ou quarenta anos de retaguarda; mas esse debi da morte é um estripitisi de amargar. Dizemos amargar porque só colocamos giló nesse assunto, com tanto choro de lado que os panos do último dia é que são mesmo de amedrontar qualquer um. Pensemos na morte com fé em Deus. Afinal de contas, aí no mundo quem dorme está sempre treinando para ressuscitar.

Meu pai, abrace Sérgio, Wilson e todos os meus sócios de pensadas e notas. Não creio que a rapaziada esteja acreditando muito no que digo. De vez em vez, escuto algum deles a dizer — “Mas esse Jair não tem jeito, não”. Mas isso é bobagem da grossa. Quem tem mesmo jeito para melhorar e consertar é só aquele Cristo, amoroso e bom de todos os dias. Mas, isso é isso.

Se fosse eu o vivo da história, talvez não acreditasse no amigo morto e ficaria ainda mais vivo, se ouvisse mensagens dos que houvessem caído em algum barato do pró-terra-de-pedra e cipreste, antes de mim.

Sueli, aos corações do Grameiro, o meu “muito obrigado”; aos companheiros do Grupo de Meimei, aquela saudação embandeirada de preces pela felicidade de todos.

Agora é parar. Terei falado o que não soube dizer. Estava com saudade de dar uma falada com vocês e dei papo. Deus me perdoe, é o que peço. Entretanto, vamos deixar seriedades pra Iá e vamos dar aquele abraço da finalizada.

Pai, mamãe, Sueli, estou feliz vendo vocês unidos. Tchau pra vocês. Tudo de bom. Noite calma e tempo de bênçãos. Ponho aqui a saudade pra quebrar. Um beijão do filhote adoidado e do irmão agradecido, mas que lhes oferece nestas páginas o maior amor da paróquia.

Jair

19 de julho de 1975

Irineu ou Pirineu?

Quatro meses após sua última mensagem, publicada em *Jovens no além*, Jair Presente volta com sua comunicação fácil. É o rapaz alegre, simples que conversa conosco, através da escrita mediúnica. Assim é que suas páginas são invariavelmente carregadas na pontuação repetitiva, servindo os pontos e as vírgulas, mais numerosos que no habitual dos textos, como elementos ativos de caracterização



de um bate-papo completamente informal. Ao lermos as palavras de Jair, temos a impressão de estar ouvindo-o, em conversa gostosa e descontraída.

Também o tempo maior de experiência e adaptação no Plano Espiritual, e na utilização da psicografia, como meio de intercâmbio conosco aqui da Terra, tornaram o Jair mais arguto em suas observações, de tal forma que o leitor encontra na leitura da mensagem muitos conceitos de rara oportunidade.

Na análise desses conceitos, não nos vamos deter, posto que a exposição de Jair está muito clara e objetiva. Vamos, sim, estudar os elementos de identificação da mensagem, evidenciando mais uma vez a mediunidade de Chico Xavier brilhando na clareza meridiana dos fatos.

Quando diz que “aqui está conosco o Joãozinho Alves”, Jair se refere ao jovem falecido em acidente rodoviário na Estrada Campinas-Paulínia<sup>1</sup>.

Irineu Leite da Silva que Jair diz ter socorrido no Parque Flamboyant, já foi identificado anteriormente com seus pais, Sérgio e Rita. O quiprocó havido com Irineu no cemitério foi, cremos, uma lição autêntica da Espiritualidade para nós, pois tivemos uma série de comprovações irrefutáveis.

Assim, a citação do nome de Irineu Leite da Silva e de seus pais, embora não houvesse um conhecido sequer da família em Uberaba, durante a reunião em que Chico recebeu a mensagem: a referência do dia do óbito – 7 de junho – sem que nem ao menos o administrador do cemitério o tenha identificado, quando procurado inicialmente pela irmã do Jair, para tentar obter dados a respeito do Irineu: a menção correta do cemitério em que Irineu foi sepultado, quando há três cemitérios em Campinas, são realidades que nos dão o que pensar.

Mas não ficam aí as travessuras mediúnicas do Jair. Quando diz: “Mas esse Jair não tem jeito, não”, referindo-se às observações

---

1 Naturalmente por motivo de convicções religiosas, os familiares do Joãozinho não desejaram identificar-se. Pelas mesmas razões deixamos também de oferecer detalhes a respeito do acidente.

jocosas dos amigos, a família Presente confirma que um de seus amigos disse textualmente isso, numa ocasião em que comentavam suas páginas psicográficas, em reunião familiar. Sem dúvida, o espírito de Jair estava presente a essa reunião.

Ao fim da mensagem, o jovem fala em Grameiro e no Grupo Meimei. Trata-se respectivamente do Movimento Assistencial Espírita André Luiz, conhecido como Casa da Sopa do Grameiro, nome do bairro onde se localiza a instituição e da Casa da Criança Meimei, entidade beneficente, também de Campinas.

Joia, genial mesmo, são as despedidas de Jair: “Um beijão do filhote adoidado e do irmão agradecido, mas que lhes oferece nestas páginas o maior amor da paróquia.”

2 – Comprovação documental (ampliada)

Esta publicação do Correio Popular foi encontrada, como dissemos, pela irmã do Jair, depois que no Cemitério não conseguiu informações sobre o Irineu.

**CORREIO POPULAR**

Domingo, 8 de junho de 1973

**FALECIMENTOS**

**Serviço Funerário Municipal**  
Fones 8-3833 e 8-7691 — Dia e Noite  
Defunção e Corpo de Bombeiros

**ANTONIO FERNANDES DA CUNHA** — Faleceu aos 84 anos, casado com d. Olga Maria Viçoso. Deixou filhos. Seus funerais realizaram-se ontem no Cemitério de Vainhos. (Serviço F. Municipal).

**E. V. E. L. J. N. A. VIRGINIA RINCO** — Faleceu aos 80 anos, casada com o sr. Bartholomeu Salvador. Deixou filhos. Seus funerais realizaram-se ontem no Cemitério de Saudade. (Serviço F. Municipal).

**ROBERTO** — Faleceu ontem filho do sr. Osmar O. Andreoli e de d. Irene Ap. arrenti. Seu corpo foi removido para Comendado. (Serviço F. Municipal).

**RICARDO DE ARRUDA CAMPOS** — Faleceu ontem com 21 anos, casado com o sr. Eduardo Arruda. Deixou filha. Seus funerais realizaram-se hoje à noite, da secretaria. Nosso óbito saiu nesta sexta-feira no Cemitério da Saudade. (Serviço F. Municipal).

**MARIA JOSÉ VENTURA DE OLIVEIRA** — Faleceu ontem com 23 anos, casada com o sr. Celso Geraldo de Oliveira. Deixou filhos. Seus funerais realizaram-se ontem no Cemitério da Saudade. (Serviço F. Municipal).

**LOURENÇO COSTA** — Faleceu ontem com 87 anos, casado com d. Jane Ribeiro de Costa. Deixou filhos. Seus funerais realizaram-se ontem no Cemitério da Saudade. (Serviço F. Municipal).

**JOÃO ALANOR FERVA** — Faleceu ontem com 84 anos, casado com d. Teófilo Bastião. Deixou filhos. Seus funerais realizaram-se ontem no Cemitério de Vainhos. (Serviço F. Municipal).

**IRINEU** — Faleceu ontem com 44 anos, filho do sr. Olympio Felipe e de d. Venâncio Magalhães. Seu corpo foi removido para Monte Mor. (Serviço F. Municipal).

**IRINEU FELPE DA SILVA** — Faleceu ontem com 43 anos, solteiro, filho do sr. Olympio Felipe e de d. Venâncio Magalhães. Seu corpo foi removido para Monte Mor. (Serviço F. Municipal).

**SEBASTIANA FELIPPE** — Faleceu ontem com 44 anos, filha do sr. Olympio Felipe e de d. Venâncio Magalhães. Seu corpo foi removido para Monte Mor. (Serviço F. Municipal).

**Agendamento e Convite**  
Missa de 12 dias  
A família de:  
**Leonor Ramos Pereira da Silva**

naradice, arrolhada a todos que a confortarem no doloroso transe por que passou e conviva os parentes e amigos para assistirem a missas de 12 dias que por intermédio de sua irmã, Jara, criadora, trabalhadora, dia 10, às 8:00 horas, na Igreja São José — Rua 23 de Maio — V. Industrial).

Por mais este ato de religião e amizade antefinamente sardado.

(1984 M A)

1) Publicação do *Correio Popular* (nota de falecimento)





A seta indica  
o nome correto do Irineu,  
anotado no Registro  
Geral dos Enterramentos  
no Cemitério,  
dados evidentemente  
extraídos da Certidão  
de Óbito.

Registro Geral dos Enterramentos no Cemitério  
- Parque Flamboyant

DATA			N.º de	NOME DO FALECIDO	IDADE				COR
Ano	Mês	Dia	Ordem		Ano	Mês	Dia	Horas	
1972	JUN	01	1448	Euclides de Jesus Coimbra		08			Branca
		02	1449	João Maria de Jesus de Sá Viana		17			
		03	1450	Paulo Sérgio de Jesus de Sá Viana		73			
		04	1451	(nome - morto)		08/10			
		05	1452	Alfonso de Jesus Coimbra		27			Branca
		06	1453	Samuel de Jesus Coimbra		65			Branca
		07	1454	Matheus de Jesus Coimbra		39			
		08	1455	(nome - morto)		27			
		09	1456	Luís de Jesus Coimbra		70			Branca
		10	1457	Luís de Jesus Coimbra		48			Branca
		11	1458	Francisco de Jesus Coimbra		70			
		12	1459	Francisco de Jesus Coimbra		08/10			
		13	1460	Francisco de Jesus Coimbra		58			
		14	1461	Luís de Jesus Coimbra		24			
		15	1462	Luís de Jesus Coimbra		35			
		16	1463	Luís de Jesus Coimbra		42			
		17	1464	Luís de Jesus Coimbra		70			Branca
		18	1465	Luís de Jesus Coimbra		78			
		19	1466	Luís de Jesus Coimbra		08/10			Branca
		20	1467	Luís de Jesus Coimbra		65			Branca
		21	1468	Luís de Jesus Coimbra		67			
		22	1469	Luís de Jesus Coimbra		22			
		23	1470	Luís de Jesus Coimbra		20			
		24	1471	Luís de Jesus Coimbra		65			Branca
		25	1472	Luís de Jesus Coimbra		78			Branca
		26	1473	Luís de Jesus Coimbra		08/10			
		27	1474	Luís de Jesus Coimbra		60			Branca
		28	1475	Luís de Jesus Coimbra		64			Branca
		29	1476	Luís de Jesus Coimbra		61			
		30	1477	Luís de Jesus Coimbra		63			
		31	1478	Luís de Jesus Coimbra		70			
		32	1479	Luís de Jesus Coimbra		63			
		33	1480	Luís de Jesus Coimbra		70			
		34	1481	Luís de Jesus Coimbra		63			

4) Registro geral dos enterramentos (com nome correto)

## Anexo E – Transcrição de um original psicografado

Carta de Jair Presente (Paraná; Rocha, 2011)<sup>2</sup>

Oi, gente! Vocês aí, vocês mesmo, entocados nos bancos. Papai, minha mãe, Sueli, Carlos, Sergio, Wilson e conexos.

Não coloquem a imagem desta mensagem no gibi de ensinar. Isso é conversa de casa, fora da prensa de imprensa. Se eu não *garatujar*<sup>3</sup> o jamegão aqui deste modo, vocês estarão aí de olho *comprido* e de espírito jururu. É duro isto. Mas não fiquem matutando encucados na ideia de que vou continuar assim, gíria não dá para nós, os que varamos o rio da mudança. Pedi favor para escrever assim, só para mostrar pra vocês que *tou vivo*. Vivinho mesmo.

E quero dizer a meu pai que não fique de pensamento vidrado nas águas. Se dei uma de peixe foi para nadar melhor. Fico abilolado quando meu pai começa a embarafustar na lembrança de Praia Azul. Papai, tenha paciência. Voltei como vim. Não sabemos como é isso, não. Vamos deixar isso pra lá. Deus sabe tudo e [em] nossa moringa cabe somente alguma coisa.

Estou bem, *tou* melhorando, mas vou largar este negócio de palavras giradas. Já saí da bananosa, começo a compreender que preciso educar meus impulsos. *Educar impulsos* é qualquer coisa de progresso. Não me lembro de haver dito isso, apesar dos livrocas que andei *com-pulsando*. Isso quer dizer que já não me vejo com os trutas que largam os deveres de mão para alfinetar o tempo e acabar com as horas.

---

2 Essa transcrição foi feita por Alexandre Caroli Rocha, com a utilização dos originais da carta psicografada por Francisco Cândido Xavier, em 25 de agosto de 1974, e sua gravação em áudio, contendo a leitura feita pelo próprio médium Chico Xavier (material fornecido pela família de Jair Presente). O texto transcrito foi cedido por Rocha para ser utilizado, neste trabalho, no cotejamento com a versão publicada da carta (Anexo B, Carta 2).

3 Grifo nosso. Todos os termos grifados são aqueles que aparecem de forma diferente na versão publicada da carta, como resultado da revisão feita pelo editor e de sugestões de modificação (tanto do editor para o médium psicógrafo quanto deste para o editor, de forma a adequar o texto ao público leitor).



Vocês aí!... Carlos, que tu tás pensando? Não fique parado, não, depois de saber que o negócio não termina ali no meio das estátuas. Olhe, rapaz, os dias vão correndo... Quando puder, acompanhe minha mãe para dar o serviço no serviço do bem. Aqueles amizades nas panelas de sopa estão certos e os caras que somos nós, quando longe deles, é que ficamos nas risadas do *já era*. Trabalhar, meu amigo, trabalhar pelos outros.

Sempre acreditei que mendicância seria preguiça, conversa mole, mas o problema é diferente. Se temos de mudar qualquer coisa, temos de começar mudando a nós mesmos. E só existe uma transformação que vale a pena: ajudar aos que precisam mais do que nós para que larguem de precisar.

Você e Sergio, venham também.

Wilson anda arrepiado, num medo fora de série, mas já veio. Está batucando sem passar por cima da verdade. O moço está querendo mesmo transar diferente. Muitas vezes, ele me sente perfeitinho junto dele, mas e a paúra? Ele diz que deseja me ver, mas se eu pintar mesmo diante de vocês, já sei que sairão pirandelando por aí. Não *contem* com isso, não. Essa de parecer fantasma já era mesmo.

Só aqueles caras gamados com casa e comida é que ficam aí, às vezes até procurando esquecer tudo com umas e outras. Mas vocês sabem. Essa de pinga não cola.

Gostamos da vida e fomos irmãos de alegria e de esperança, no entanto, nada sabemos de tramar com essa ou aquela prisa. Fomos e somos rapazes decentes, e porque largamos cabelos nas caras para não ficarmos caretas, isso não é motivo para sermos espíritos adoidados, querendo o que não se deve querer.

Wilson, tu tás abilolado à toa. Não pense que tudo aqui seja concedido de mão beijada. Prato feito acabou. Mentira não vale. Toda conquista pede tempo e suor, creio que mais suor do que tempo.

Mediunidade é transmissão. Tarei na onda certa? Creio que sim, embora não tenha as palavras para explicar isso. Vocês agora aí tão interessados em comunicação, saibam disto: cada um dá o que tem. Isto pode ser de coisa passada, mas é muito válido.



A gente [se] aproxima do médium e quer falar, e aí temos de guentear o assunto, porque só falamos em dupla. O médium, quando não tem muito exercício, nos passa pra trás e fala na frente. Vocês ficam parados na fachada e esquecem a faixa em que nos achamos. Por isso, Wilson, é que nestes casos que hoje vemos é melhor que a cuca não fique botando banca. É a hora do coração conversar. Não quero que você esteja santo, mas também não desejo que você fique esperto demais. Nem anjo nem gato. Fique você mesmo e observe que a crista do problema é auxiliar outros para sermos auxiliados. Hoje, vivo partindo pra essas novas – novas atitudes que me façam mais útil. Viver bem para encontrar o bem e ser melhor.

Se a gente morresse mesmo, era só seguir entre a preguiça e o *pozinho*, no entanto, a morte é uma passagem que parece aquela porta dos contos de fadas. Vocês abraçam a gente movimentando gritos e lágrimas e o cara não consegue falar bolacha. Estamos encantados pela bruxa que não se vê, mas posso dizer que é uma bruxa inofensiva, porque nem a vemos de leve. A morte chega e decerto bate aquela varinha em nossa cabeça, a gente dorme, acorda com vocês chamando e chamando, e aos poucos saímos do barro ou da pedra. O negócio é isso.

Quero que ocês todos fiquem aí até que o mofo espante vocês do saco de pele e ossos, peço a Deus que todos se arrastem de velhos, mas eu não sei se isso vai acontecer. De qualquer modo, preparem-se para vir algum dia. E saibam que só temos aqui o que damos e só sabemos o que colocamos por dentro de nós.

Em negócios de sexy, fiquem acesos para pensar melhor. Não brinquem com fogo, que o fogo nesse assunto queima muito mais do lado de cá.

O que vocês *prometerem*, cumpram.

O que fizerem no campo dos tratos, saibam tratar, porque o amor é uma luz que não aparece em querosene de papagaiadas de conversa furada.

Estão abrindo a boca perto de mim. Creio que os amigos estão cansados. Já escrevi muito. E se continuasse, o papel necessário não está apontado no gíbi. Vocês não se impressionem com o que digo.

Vivam corretos e tarão certos. Não dou para ensinar porque não sou santo. Desculpem.

Mamãe e papai, concedam aí uma bênção ao filho agradecido.

Sueli, acertemos tudo no coração para fazer o bem.

Vocês, meus cupinchas, não fiquem rindo, não. Coloquemos a cuca para jambrar e busquemos o que estiver certo. Carlos, Sergio, Wilson e nossa amiga, favoreçam este espírito de rapaz supostamente afogado com os pensamentos bons que puderem dar aí pra mim. Vou melhorar, *porque* estou caminhando e caminhando para frente.

Hoje, escrevi adoidadamente, mas voltarei com siso e juízo. Não posso empregar palavras mais fortes neste *chau* e é preciso acabar esta carta antes da matina.

Recebam o maior abraço da paróquia.

Falei, mas não sei se disse.

Jair

[Uberaba, Comunhão Espírita Cristã, 25 de agosto de 1974]

**SOBRE O LIVRO**

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 23,7 x 42,5 paicas

Tipologia: Horley Old Style 10,5/14

Papel: Offset 75 g/m<sup>2</sup> (miolo)

Cartão Supremo 250 g/m<sup>2</sup> (capa)

1ª edição: 2012

**EQUIPE DE REALIZAÇÃO**

Coordenação Geral

Marcos Keith Takahashi

